



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**O AMOR TUDO SUPORTA? O PAPEL DOS MITOS DO AMOR ROMÂNTICO
E DO SEXISMO NA INVISIBILIDADE DO ABUSO PSICOLÓGICO CONTRA
A PARCEIRA**

FRANCICLÉIA LOPES SILVA

**João Pessoa – PB
Março de 2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**O AMOR TUDO SUPORTA? O PAPEL DOS MITOS DO AMOR ROMÂNTICO
E DO SEXISMO NA INVISIBILIDADE DO ABUSO PSICOLÓGICO CONTRA
A PARCEIRA**

Francicléia Lopes Silva, *Doutoranda*
Ana Raquel Rosas Torres, *Orientadora*
José Luis Álvaro Estramiana, *Coorientador*

**João Pessoa,
Março de 2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**O AMOR TUDO SUPORTA? O PAPEL DOS MITOS DO AMOR ROMÂNTICO
E DO SEXISMO NA INVISIBILIDADE DO ABUSO PSICOLÓGICO CONTRA
A PARCEIRA**

Francicléia Lopes Silva

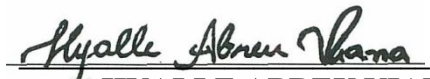
Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (Doutorado), da Universidade Federal da Paraíba, como requisito final para a obtenção do grau de *Doutora* em Psicologia Social.

**João Pessoa,
Março de 2024**

ATA DE DEFESA DE TESE

Aos dezesseis dias do mês de abril de dois mil e vinte e quatro, de modo remoto pelo Google Meet, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Tese da aluna **FRANCICLÉIA LOPES SILVA** – mat. 20201014213 (orientando(a), UFPB, CPF: 106.243.484-66). Foram componentes da banca examinadora: Prof.^(a) Dr.^(a) **ANA RAQUEL ROSAS TORRES** (UFPB, Orientador, CPF: 267.442.364-15), Prof. Dr. **ROMULO LUSTOSA PIMENTEIRA DE MELO** (UFPB, Membro Interno ao Programa, CPF: 058.928.264-65), Prof. Dr. **ANDERSON MATHIAS DIAS SANTOS** (UAdeC, Membro Externo à Instituição, CPF: 062.650.854-17), Prof.^(a) Dr.^(a) **HYALLE ABREU VIANA** (F.M.Nassau, Membro Externo à Instituição, CPF: 083.494.064-70) e Prof Dr. **JOSE LUIS ALVARO ESTRAMIANA** (UCMADRID, Membro Externo à Instituição). Na cerimônia compareceram, além do(a) examinado(a), alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o(a) presidente da banca, Prof.^(a) Dr.^(a) **ANA RAQUEL ROSAS TORRES**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou o(a) examinado(a) **FRANCICLÉIA LOPES SILVA** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: "O AMOR TUDO SUPORTA? O PAPEL DOS MITOS DO AMOR ROMÂNTICO E DO SEXISMO NA INVISIBILIDADE DO ABUSO PSICOLÓGICO CONTRA A PARCEIRA". Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de "APROVADO", o qual foi proclamado pela presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Júlio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 16 de abril de 2024.

Prof.^(a) Dr.^(a) **ANA RAQUEL ROSAS
TORRES**



Prof. Dr. **HYALLE ABREU VIANA**

Prof. Dr. **ROMULO LUSTOSA
PIMENTEIRA DE MELO**



Prof. Dr. **ANDERSON MATHIAS DIAS
SANTOS**

Prof. Dr. **JOSE LUIS ALVARO
ESTRAMIANA**

Prof. Dr. **Júlio Rique Neto**
Coordenador do PPGPS

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Francicléia Lopes.

O amor tudo suporta? O papel dos mitos do amor romântico e do sexismo na invisibilidade do abuso psicológico contra a parceira / Francicléia Lopes Silva. - João Pessoa, 2024.

166 f.

Orientação: Ana Raquel Rosas Torres.

Coorientação: José Luis Álvaro Estramiana.

Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Psicologia social. 2. Abuso psicológico. 3. Sexismo ambivalente. 4. Amor romântico - Mitos. I. Torres, Ana Raquel Rosas. II. Estramiana, José Luis Álvaro. III. Título.

UFPB/BC

CDU 316.6(043)

Dedico esta tese a minha mãe Ivonete.

*“Você tem que aprender a levantar-se da
mesa quando o amor não estiver mais sendo
servido.”*

Nina Simone

AGRADECIMENTOS

Agradecimento, substantivo masculino do dicionário, significa 'estar grato por algo dado ou feito por outrem, gratidão'. Assim, dedico este espaço de escrita para expressar palavras pessoais, pensadas em pessoas, símbolos e talvez entidades, que de alguma forma me deram ou fizeram algo que me atravessou ao longo destes quatro anos.

Apesar de partir do ponto conceitual do que é agradecer, ou de qual sentimento eu devo expressar neste espaço, gostaria de dizer que não é daqui que começo. O início desses agradecimentos não está contido aqui, um pouco utópico, porém verídico. Penso que agradecer é para além de um sentimento, uma ação. Acredito que em alguma medida eu me movi em direção a expressar essa gratidão às pessoas que aqui faço referência, embora eu tenha ouvido ao longo do meu doutorado que a escrita deste trabalho era algo solitário, é neste espaço que eu desminto essa informação. Esta tese foi escrita por mim, mas sob o cuidado e carinho de muitas e muitos.

Inicialmente, gostaria de agradecer as vezes que pude me apoiar em alguma crença simbólica de que eu poderia chegar onde estou, ou de que poderia estar nos lugares em que estive. Assim, agradeço à fitinha que amarrei no meu tornozelo lá na Bahia, agradeço às velas às quais minha mãe acendeu intercedendo por mim, e às vezes em que pedi aos Deuses e Deusas para que as coisas dessem certo. Mesmo não tendo um credo religioso exclusivo, reconheço que o conceito de fé desempenhou papel importante nessa jornada de me tornar doutora.

Dessa forma, também não tenho como me desligar do clichê de direcionar o primeiro agradecimento à minha mãe, Ivonete Lopes de Lacerda, a mesma a quem dedico esta tese. Acredito que se alguém fez algo por mim, de maneira literal, este alguém foi a senhora. Obrigada por acreditar no meu potencial, e apesar das vezes em

que me opus aos seus desejos, a senhora continuou apoiando os meus. Agradeço por sempre estar disponível e por todo cuidado e amor incondicional. Esta tese tinha que ser em sua homenagem.

Assim, sigo agradecendo ao meu pai, Francisco das Chagas Silva, a pessoa que mais me admira nesse mundo. Olhar a forma como seus olhos se enchem de lágrimas de orgulho da pessoa que me tornei é, de longe, uma das melhores coisas que posso presenciar na vida. Obrigada por me apoiar incondicionalmente e trabalhar junto comigo com o objetivo de me fazer uma mulher melhor e mais independente a cada dia.

Desse modo, sigo agradecendo às figuras que fazem parte da minha família e que me apoiaram nesses quatro anos: Rosária Maria, Maria do Socorro (Tia Bia), Reginaldo (Regis), Kayres, Lucas (em memória), Francisca (Tia Tica), Valéria e Viviane. Também agradeço especialmente aos meus avôs Firmino e Franklin.

Agradeço também a Bárbara Cunha, pessoa que tive o privilégio de conhecer no meu primeiro dia como pós-graduanda e com quem compartilho histórias incríveis. Já fomos de colegas de classe, a companheiras de “pisso” por dois anos. Tive a sorte de estar ao seu lado quando saí do nosso continente e de poder contar contigo na volta. Obrigada por compartilhar tanto. Unidas na felicidade e nos "traumas".

Agradeço especialmente a Ana Karolyne, mais conhecida como Karol, com quem compartilhei e realizei inúmeros desejos e sonhos desde que nos conhecemos, no nosso primeiro período de graduação. Pessoa com a qual compartilhei as trocas de nome e identidade, a simbiose Fran-Karol, mas também dividi muitas angústias. Com você, eu vivo o verdadeiro significado de irmandade.

Também quero agradecer aos meus amigos “madrileños”, porém brasileiros. Aquelas pessoas que me acolheram na minha trajetória de doutorado sanduíche: Shilton Roque, Pamela Maria, Renato Dantas, Sergio Urbano e Arianne Teixeira. Com vocês,

compartilhei um dos momentos mais importantes que vivi, pude desenvolver afeto de uma forma particular a cada um – “Os echo de menos”. Também agradeço às “malagueñas”, Isabella Ludimilla, Maria Luiza e Júlia Vilar.

Agradeço também aos amigos com os quais tenho a dádiva de compartilhar a vida: Ana Raquel Andrade, Anderson Klinsmann, Aline Carvalho, Kaique Pereira, Kevin Guedes, Amanda Sousa, Alysson Dantas, Maria Gabriela Ribeiro, Laianna Janu, Irles Pontes, Jânio Paz, Naila Lopes, André Gomes, Heitor Marinho e Lais Lima.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Ana Raquel Torres, que me acolheu em um momento delicado em nossas vidas, tanto sociais quanto privadas, logo no início da pandemia da COVID-19. Obrigada, professora, por todos os ensinamentos, por todos os momentos compartilhados em sala de aula (virtual, muitas vezes), pelas reflexões e pelo direcionamento na minha trajetória acadêmica. Foi com o seu apoio que pude realizar desejos e sonhos que nem mesmo conseguia almejar. Sou e serei sempre grata.

Também agradeço ao meu coorientador, José Luís Álvaro, a quem tive o grande prazer de conhecer e construir não somente uma parceria acadêmica, mas pude compartilhar grandes realizações na minha trajetória profissional e traçar novos desejos e sonhos. Obrigada, professor, por me recepcionar em outro país e aceitar o meu espanhol mal falado.

Agradeço à minha banca examinadora pela disponibilidade e carinho com meu trabalho. Obrigada, Anderson Mathias Dias Santos e Hyalle Abreu Viana, por acompanharem esse trabalho desde a minha qualificação, e obrigada também ao professor Rômulo Lustosa Pimenteira de Melo, por aceitar o convite de avaliar meu trabalho, agora na defesa.

Gostaria de expressar minha gratidão também ao professor Cícero Pereira, com quem tive a honra de ser aluna e que me escutou e acolheu em um momento delicado da minha formação. Agradeço também ao professor Valdiney Gouveia. Obrigada também às minhas gatinhas, que são tidas como filhas da minha pós-graduação e acompanharam todo o meu desenvolvimento ao longo de 6 anos, além de servirem como um forte suporte emocional.

Agradeço à minha psicóloga, Thais Martins, que me acompanha desde o meu segundo ano de mestrado e conhece todas as nuances, efeitos e afetos da pós-graduação na minha construção enquanto mulher. Com ela, pude construir dentro do *setting* terapêutico uma das principais hipóteses da minha tese – os mitos do amor romântico. Foi com ela que estudei os impactos dessa variável na minha vida e apliquei à minha tese.

Desse modo, aqui também deixo uma nota sobre minha implicação pessoal na construção e desenvolvimento desta tese, a qual já nomeei de autobiográfica. Escrever sobre aspectos que vivenciei antes e durante o doutorado foi desafiador e curativo. Assim como Paulo Freire nos ensinou, o conhecimento é libertador, e assim foi para mim. Esta tese também é sobre mim. Escrever cada palavra aqui, refletir sobre cada aspecto considerado, pensar teoricamente e me identificar em inúmeros aspectos foi um exercício difícil, porém belo de ter vivido.

Resumo

O abuso psicológico diferencia-se de outras formas de violência por não deixar marcas visíveis e, por essa razão, às vezes não é percebido como uma violência propriamente dita. Assim, esta tese tem como objetivo geral investigar quais aspectos psicossociais dificultam a percepção do abuso psicológico como um tipo de violência. Hipotetizamos que o sexismo ambivalente, em conjunto com os mitos do amor romântico, seriam crenças que atuariam para dificultar a percepção desse tipo de violência. Além disso, esperamos que a relação dessas variáveis ocorra de maneira diferente no Brasil e na Espanha. Com isso, esta tese foi organizada em três artigos. O Artigo 1, composto por dois estudos, objetivou o desenvolvimento de uma medida para mensurar a percepção do abuso psicológico contra a parceira (EPAPP; N total = 384 participantes). O primeiro estudo comprovou a adequação de um modelo bifatorial do instrumento (Abuso Emocional, $\alpha=0.91$; Abuso de Controle, $\alpha=0.89$), o que foi corroborado no segundo estudo, que também evidenciou a validade convergente do instrumento com a escala de sexismo ambivalente. Já o Artigo 2 tratou-se de um estudo quase-experimental 2x2x2, desenvolvido com população brasileira, e contou com a participação de 214 estudantes universitários. Este artigo objetivou verificar se o sexismo em conjunto com os mitos de amor romântico explicam a percepção do abuso psicológico. Os resultados ilustraram uma interação entre o tipo de abuso e os mitos do romantismo, que exerce uma diminuição na percepção do abuso emocional contra a parceira na EPAPP. Além disso, a alta adesão ao sexismo moderou a percepção do abuso psicológico. O Artigo 3 foi uma replicação do Artigo 2 no contexto espanhol e contou com uma amostra de 211 pessoas da população geral. Os resultados reforçaram as evidências de que o abuso psicológico é menos percebido por pessoas com alta adesão ao sexismo. Os resultados também apontam que o sexismo exerce um poder moderador na relação entre as manipulações experimentais dos mitos de amor romântico e a percepção do abuso psicológico. As diferenças entre os países investigados se concentraram no impacto dos mitos do amor romântico. No Brasil, esses mitos afetaram a percepção do abuso apenas quando combinados com a manipulação do abuso emocional, enquanto na Espanha, afetaram apenas quando associados à moderação do sexismo. Isso destaca a necessidade de intervenções focadas principalmente no sexismo, que tem um efeito direto na percepção do abuso.

Palavras-chave: percepção. abuso psicológico. sexismo ambivalente. mitos do amor romântico.

Abstract

Psychological abuse differs from other forms of violence because it does not leave visible marks and, for this reason, is sometimes not perceived as violence per se. Thus, this thesis aims to investigate the psychosocial aspects that hinder the perception of psychological abuse as a type of violence. We hypothesize that ambivalent sexism, together with romantic love myths, are beliefs that act to hinder the perception of this type of violence. Additionally, we expect that the relationship between these variables occurs differently in Brazil and Spain. Therefore, this thesis has been organized into three articles. Article 1, composed of two studies, aimed to develop a measure to assess the perception of psychological abuse against partners (EPAPP; total N = 384 participants). The first study confirmed the adequacy of a bifactorial model of the instrument (Emotional Abuse, $\alpha = 0.91$; Control Abuse, $\alpha = 0.89$), which was corroborated in the second study, which also showed convergent validity of the instrument with the ambivalent sexism scale. Article 2 was a quasi-experimental 2x2x2 study, developed with a Brazilian population, and involved the participation of 214 university students. This article aimed to verify if sexism together with romantic love myths explain the perception of psychological abuse. The results illustrated an interaction between the type of abuse and the myths of romanticism, which resulted in a decrease in the perception of emotional abuse against the partner in EPAPP. Additionally, high adherence to sexism moderated the perception of psychological abuse. Article 3 replicated Article 2 in the Spanish context and had a sample of 211 people from the general population. The results reinforced the evidence that psychological abuse is less perceived by people with high adherence to sexism. The results also indicate that sexism has a moderating power in the relationship between experimental manipulations of romantic love myths and the perception of psychological abuse. The differences between the investigated countries focused on the impact of romantic love myths. In Brazil, these myths affected the perception of abuse only when combined with the manipulation of emotional abuse, while in Spain, they affected only when associated with the moderation of sexism. This highlights the need for interventions primarily focused on sexism, which has a direct effect on the perception of abuse.

Keywords: perception. psychological abuse. ambivalent sexism. myths of romantic love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
Abuso Psicológico	22
Sexismo Ambivalente.....	26
Mitos do amor romântico	29
Artigo 1. Construção e validação da Escala sobre a Percepção do Abuso Psicológico contra a Parceira (EPAPP).....	36
Introdução	39
Construção dos itens da Escala de Percepção do Abuso Psicológico na Parceira (EPAPP).	48
Estudo 1. Evidências Psicométricas Exploratórias da Estrutura Fatorial da Escala de Percepção do Abuso Psicológico na Parceira (EPAPP).	50
Método.....	51
Participantes	51
Instrumentos e Procedimentos de coleta de dados	51
Procedimentos de análise dos dados.....	51
Resultados.....	52
Estudo 2. Evidências Complementares de Validade da EPAPP.	56
Método.....	56
Participantes	56
Instrumentos e Procedimento de coleta de dados	56
Procedimentos de análise de dados	57
Resultados.....	57
Discussão	59
Referencias	64
DISCUSSÕES PARCIAIS	72
Artigo 2. Percepção do abuso psicológico no Brasil: O papel do sexismo e dos mitos de amor	73
INTRODUÇÃO.....	75
REFERENCIAL TEÓRICO	75
MÉTODO	79
<i>Participantes.....</i>	<i>80</i>
<i>Instrumentos</i>	<i>80</i>
RESULTADOS	81
<i>Diferenças das médias para as condições experimentais</i>	<i>81</i>
<i>Correlatos entre a percepção do abuso total dos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente, autoritarismo de direita e mitos do amor romântico</i>	<i>83</i>

<i>Modelo explicativo para percepção do abuso</i>	83
DISCUSSÕES	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	89
DISCUSSÕES PARCIAIS	94
Artigo 3. Percepção do abuso psicológico na Espanha: O papel do sexismo e dos mitos de amor	96
INTRODUÇÃO.....	99
MÉTODO	104
Delineamento.....	104
Participantes	104
Instrumentos	105
Procedimentos	106
Análises de dados	107
RESULTADOS	107
Diferenças das médias para as condições experimentais.....	107
Correlações entre a percepção do abuso total nos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente e mitos do amor romântico	108
Modelo explicativo para a percepção do abuso psicológico	109
DISCUSSÃO	112
Referências	118
DISCUSSÕES GERAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
Referências	138
APÊNDICES	160
RESULTADOS PSICOMÉTRICOS DA ADEQUAÇÃO ESTRUTURAL E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA ESCALA DE MITOS ROMÂNTICOS (EMRO).....	161

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estrutura fatorial da escala de percepção do abuso psicológico na parceira (EPAPP).....	53
Tabela 2. Índices de ajustes para os modelos unifatorial, bifatorial e tetrafatorial.....	58
Tabela 1. Diferenças das médias entre as manipulações experimentais.....	82
Tabela 2. Correlatos entre a percepção do abuso total dos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente, autoritarismo de direita e mitos do amor romântico.....	83
Tabela 1. Diferenças das médias entre as manipulações experimentais.....	108
Tabela 2. Correlação entre percepção do abuso, mitos de amor e sexismo.....	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estrutura Fatorial da EPAPP.....	59
Gráfico 1. Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de abuso e níveis de sexismo.....	84
Gráfico 2. Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de relacionamento e níveis de sexismo.....	85
Figura 1. Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de abuso e níveis de sexismo.....	110
Figura 2. Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de história e níveis de sexismo.....	111
Figura 3. Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de relacionamento e níveis de sexismo.....	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Cenário experimental (casado vs. abuso emocional vs. sem conteúdo romântico).....	80
Quadro 2. Cenário experimental (namoro vs. abuso de controle vs. romântico)	80

INTRODUÇÃO

A violência contra as mulheres, independente da forma pela qual é perpetrada (psicológica, física, sexual etc.), é considerada um problema endêmico e acomete as mulheres em todo o mundo (Organização Mundial da Saúde; OMS, 2021). Ademais, a literatura aponta que as mulheres estão sujeitas a experienciar violências repetidas vezes, em vez de ocasiões isoladas, principalmente por parte de seu parceiro íntimo masculino (OMS, 2021; Cinquegrana, Marini & Galdi, 2022). De fato, as estatísticas oficiais apontam que uma em cada três mulheres foi ou será vítima de algum tipo de violência no decorrer de sua vida (OMS, 2021). Esse dado torna a violência contra a mulher um problema de saúde pública reconhecido mundialmente.

Por outro lado, essas estatísticas também mostram que, além da violência, as mulheres estão sujeitas a vários tipos de desigualdades, como por exemplo, salariais, representatividade política e acesso à educação (Heise et al., 2019). Nesse cenário, Brasil e Espanha são países que se encontram em extremos opostos quando a pauta é igualdade de gênero. No ranking mundial da igualdade de gênero, a Espanha ocupa o 17º lugar enquanto o Brasil encontra-se no 94º dentre os 142 países elencados (Countryeconomy, 2022). Além disso, em 2020 a Espanha decretou uma lei que colocava fim às diferenças salariais entre os gêneros, naquele ano as mulheres ganhavam 22% menos que os homens, enquanto no Brasil essa diferença era de 40% (Riveira, 2020).

No entanto, apesar do esforço do governo espanhol para combater as desigualdades entre os gêneros, Brasil e Espanha estão próximos no que se refere aos índices de violência, pois ambos ocupam posições acima da média global de 27% de mulheres vítimas de violência (OMS, 2021). No Brasil essa média é de 33.4% e na Espanha é de 32.4%. Além disso, em ambos países, a maioria das mulheres apontam o

ex-parceiro da vítima como o principal autor dessa violência (Brasil, 2023; Governo da Espanha, 2022).

Um olhar mais atento à essas semelhanças, contudo, revela uma diferença importante para a tese ora apresentada. De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública do Brasil (2023), quando passamos a considerar o abuso psicológico como uma forma de violência, esse número cresce para 43% da população feminina do país. Por outro lado, na Espanha, a estatística se revela mais ou menos constante, em torno de 31.9% das mulheres que vivem na Espanha relataram ter sofrido esse tipo de violência (Espanha, 2022).

A literatura sobre a violência contra a mulher tem se concentrado na violência física (Lucena et al., 2016; Akhmedshina, 2020). Essa ênfase na violência física ocorre por diversas razões, a saber: a) existe a ideia de que a agressão física tem consequências mais sérias e duradouras (Arias & Pape, 1999; Porrúa, Rodríguez-Carballeira et al., 2010); b) aceitação, ao nível social, de muitos dos comportamentos classificados como abuso psicológico (Vissing, Straus, Gelles & Harrop, 1991); c) dificuldade de definição do abuso psicológico (Calvete, Estévez, & Corral, 2007) e d) o fato de que o abuso psicológico ocorre no âmbito mais privado do que público (Porrúa et al., 2010).

Esta tese se situa nessa lacuna da literatura, problematizamos o por que o abuso psicológico não é percebido como uma violência propriamente dita? Dito de outra forma, quais as dimensões psicossociais que dificultam essa percepção? Desse modo, objetivamos investigar quais aspectos psicossociais funcionariam como uma lente embaçada dificultando a percepção do abuso psicológico como um tipo de violência.

Dentre os diversos aspectos psicossociais que podem atuar na dificuldade de perceber o abuso psicológico como violência, podemos pensar na adesão de crenças sociais, como por exemplo os mitos do amor romântico e as ideias do sexismo

ambivalente. Dessa forma, hipotetizamos que o sexismo ambivalente em conjunto com os mitos de amor romântico seriam crenças que funcionariam como verdadeiras lentes embaçadas, dificultando a percepção do abuso psicológico como uma violência. Além disso, hipotetizamos que as relações entre a percepção do abuso psicológico e a adesão aos mitos do amor romântico e ao sexismo ambivalente vão ocorrer de maneira diferente no Brasil e na Espanha, devido às configurações das relações entre homens e mulheres refletidas nas semelhanças e diferenças dos níveis de violência contra a mulher relatados nesses dois países (Brasil, 2023; Governo da Espanha, 2022; Riveira, 2022). Assim, podemos dizer que especificamente esta tese tem os seguintes objetivos:

1. Investigar em que medida a adesão ao Sexismo Ambivalente influencia na percepção do Abuso Psicológico como violência de gênero.
2. Investigar o papel dos mitos de amor romântico na relação entre o Sexismo Ambivalente e a percepção do abuso psicológico como violência de gênero.

Para alcançar esses objetivos e verificar tais hipóteses, foram realizados quatro estudos, organizados em três artigos. O primeiro artigo é composto por dois estudos, que correspondem ao desenvolvimento de uma medida para medição da percepção de abuso psicológico contra a parceira. O segundo artigo conferiu a execução de um estudo quase-experimental, desenvolvido no Brasil, com o objetivo de analisar se a percepção do abuso psicológico de fato sofre efeito do sexismo ambivalente e dos mitos de amor romântico. O terceiro artigo consiste na replicação do segundo artigo, agora em contexto espanhol e com delineamento experimental. E por fim, serão discutidas as corroborações teóricas da presente tese no campo da psicologia social e dos estudos sobre percepção do abuso psicológico.

Visando a melhor compreensão da articulação entre os fenômenos estudados nesta tese, a seguir iremos discutir mais detalhadamente as três principais variáveis, a saber: a) abuso psicológico; b) sexismo ambivalente e c) mitos do amor romântico.

Abuso Psicológico

O abuso psicológico não é uma forma de violência limitada em si mesma, sendo uma agressão que está presente também em outras formas de violência. De acordo com o IBGE (2019), 95% das vítimas de outras formas de violência também relatam ter sofrido abuso psicológico. Ao passo que a violência física pode ocorrer em uma única ocasião ao longo do relacionamento, o abuso psicológico é tido como estratégia habitual de relacionamento, não se limitando a momentos específicos, ou a uma única ocasião. Esse tipo de violência pode se manifestar de várias formas, mais ou menos sutis, o que pode dificultar sua objetivação e sua percepção enquanto uma violência propriamente dita (Dardis, Dixon, Edwards & Turchik, 2015; Wilson & Smirles, 2022).

O abuso psicológico pode ser caracterizado por meio de humilhação pública, o uso continuado de comportamentos controladores, facilitados pela generalização de novas tecnologias (especialmente *WhatsApp*), condutas restritivas na esfera social e econômico e o assédio continuado quando a vítima decide terminar a relação (Breiding, 2015; Follinstad, 2007; Navarro-Góngora, Navarro-Abad, Vaquero & Carrascosa, 2004). Além dessas formas de abuso psicológico, também se destacam a imposição de uma conduta degradante no plano sexual ou violência sexual e a acusação prolongada de que a vítima é louca ou de ser a causa dos males ou infortúnios sofridos pelo agressor (Sarasua, Zubizarreta, Echeburúa & Corral, 2007). Em conjunto, essas condutas violentas contra a parceira seria uma tentativa de controlar o relacionamento por meio de abuso de poder (Echeburúa & Muñoz, 2017).

Outrossim, o abuso psicológico não ocorre somente de forma presencial, mas também se dá no meio virtual. Segundo Zweig, Lachman, Yahner e Dank (2014), o abuso de relacionamentos virtuais é definido como comportamentos de controle, assédio e perseguição de um parceiro romântico por meio de tecnologia e/ou mídia social. O abuso psicológico no âmbito eletrônico pode se dar por meio de mensagens de texto (Melander, 2010), invasão das redes sociais do parceiro sem o consentimento (Spitzberg e Cupach, 2014), e tratamento de silêncio, deixando de responder ao parceiro por dias ou até mesmo o bloqueando das redes sociais (Freedman, Williams & Beer, 2016).

A crescente disseminação de comportamentos abusivos no âmbito virtual em relacionamentos românticos está relacionada à oportunidade de ocorrerem em qualquer lugar ou hora, mesmo depois do fim do relacionamento (Biolcati, Pupi & Mancini, 2022). Neste contexto, vê-se que a esfera virtual proporcionou o surgimento de novas estratégias de manutenção de antigas formas de perpetuação do abuso psicológico, como o *stalking* e ostracismo, além do surgimento de novos conceitos que podem ser operacionalizados como ferramentas de manutenção do abuso psicológico no âmbito virtual (Leite, 2017), como o *gaslighting* e *mansplaining*. Apesar disso, estudos acerca do abuso psicológico ainda não trabalharam com esta perspectiva. Ocorre que a literatura sobre o abuso psicológico tende a distinguir e/ou separar o abuso psicológico virtual do abuso psicológico cara-a-cara, tratando-o, por vezes, como uma forma de violência distinta ou a parte do abuso psicológico (Araújo, Bonfim, Bushatsky & Furtado, 2022; Pedruzzi & Garcia, 2021).

Ademais da fragmentação das formas de abuso psicológico enquanto distintos modelos de violência, muitas pesquisas ainda se voltam para o contraponto entre violência física e psicológica e evidenciam que o abuso físico é percebido como mais

nocivo em relação ao abuso psicológico (Capezza & Arriaga, 2008a; Capezza & Arriaga, 2008; Hammock, Richardson, Williams, & Janit, 2015).

Apesar dos debates teóricos que contrapõe o abuso psicológico à violência física, existem evidências de que o abuso psicológico prediz a agressão física (Almendros et al., 2009; Muñoz-Rivas, Graña & González, 2011; Porrúa et al., 2010), uma vez que antecede e acompanha outras formas de violência (e.g. físico e sexual). Além disso, as consequências para a saúde mental das vítimas do abuso psicológico são comparáveis às da violência física (Aguilar & Nightingale, 1994; Almendros et al., 2009; Follingstad et al., 1990; Porrúa et al., 2010). Tanto as vítimas do abuso físico e psicológico como as que sofrem apenas o abuso psicológico apresentam sintomas de ansiedade e depressão, sintomatologia de transtorno de estresse pós-traumático e ideias suicidas (Gama, Albuquerque & Faria, 2021). Todavia, pesquisas apontam que os efeitos do abuso psicológico são mais persistentes no tempo em comparação com outros tipos de violência (Governo da Espanha, 2019). Faz-se pertinente destacar que a violência física é mais suscetível de diminuir após uma intervenção, enquanto o abuso psicológico é mais resistente a intervenções (Almeida, 2012).

As pesquisas revelam que a descaracterização do abuso psicológico enquanto grave é efeito da falta de percepção dessa forma de violência, que por vezes é tida como um padrão de comportamentos (violentos) aceitos e compartilhados socialmente (Masci & Sanderson, 2017), o que tem uma implicação direta na tolerância à essa forma de violência (García-Díaz et al., 2017). Ademais, percebe-se que em decorrência do entendimento do abuso psicológico como uma violência “menos” grave que outras formas de violência, ainda existem problemas operacionais acerca do que compõe o abuso psicológico, por quais meios pode se dar essa violência, bem como do que é ou

não considerado um comportamento abusivo psicologicamente (Calton & Cattaneo, 2014).

A falta de percepção do abuso psicológico enquanto uma violência grave pode permanecer sub ou não denunciada, podendo levar a um sofrimento prolongado das vítimas (Masci & Sanderson, 2017). Compreender a percepção do abuso psicológico como violência permite abordar fatores sociais que contribuem para a subestimação desse tipo de abuso, possibilitando o tratamento adequado das vítimas (Masci & Sanderson, 2017). Ademais, investigar a percepção do abuso psicológico pode fornecer insights para o desenvolvimento de programas de prevenção da violência interpessoal, contribuindo para a redução desse tipo de violência em relacionamentos amorosos (Calton & Cattaneo, 2014).

Além disso, compreender a percepção do abuso também alude na compreensão dos estigmas que geram a culpabilização das vítimas (Garcia-Moreno, Jansen, Ellsberg, Heise, & Watts, 2006). Por último, compreender a percepção do abuso psicológico também tem um caráter educativo, já que fornece um panorama dos comportamentos violentos que são aceitos socialmente, que são naturalizados e podem ser empregados em práticas futuras, já que quanto mais comportamentos agressivos são tidos como aceitos, descaracterizados de sua importância, maior a probabilidade de serem perpetuados (Anderson & Bushman, 2002; Bandura, 2002; Masci & Sanderson, 2017;).

Alguns estudos evidenciam a combinação entre algumas variáveis ideológicas para a explicação da percepção do abuso psicológico, tais como o sexismo ambivalente e os mitos de amor (Deller & Smith, 2013; Marques-Fagundes, Megías, García-García, & Petkanopoulou, 2015). Por exemplo, comportamentos controladores presentes no abuso psicológico podem ser confundidos como demonstração de preocupação e amor verdadeiro por parte do parceiro (Bonomi, Altenburger, & Walton, 2013). Enquanto o

sexismo ambivalente serve para regularizar e legitimar as relações desiguais entre homens e mulheres (Glick & Fiske, 1996). Alguns estudos demonstram que essas variáveis em conjunto podem diminuir a percepção da violência contra a mulher (Flores & Browne, 2017; Herrera-Enriquez & Exposito, 2020; Sanchez-Hernandez,). Em especial, Sanchez-Hernandez, Herrera-Enriquez e Exposito (2020) mostraram que os mitos de amor juntamente ao sexismo hostil preveem a justificativa da violência contra a mulher. Neste sentido, acreditamos que as variáveis sexismo ambivalente e mitos do amor romântico, servem para explicar a percepção do abuso psicológico contra a parceira.

Sexismo Ambivalente

Historicamente alguns pesquisadores tentam explicar o lugar da mulher na sociedade e os porquês de serem oprimidas e percebidas como inferiores. Pomeroy (1975), um historiador social, indicou que as representações clássicas das mulheres se encaixam em categorias polarizadas, de deusas, prostitutas, esposas e escravas, assim Tavis e Wade (1984) cunharam a síndrome do pedestal-sarjeta (ou dicotomia Madonna-prostituta). Embora esta visão dicotomizada sobre o lugar da mulher na sociedade tenha sido reconhecido por psicólogos, historiadores e feministas, a maioria dos pesquisadores identificaram o sexismo apenas no aspecto hostil em relação às mulheres. Ou seja, as teorias até então ignoravam a tendência para colocar algumas mulheres em um pedestal, isto é, não verificavam que as mulheres no posto de pedestal também sofriam ou estavam sujeitas a subordinação aos seus dominantes (os homens) (Glick & Fiske, 2001).

A perspectiva de admitir que características consideradas positivas também traz aspectos prejudiciais a um grupo levantou o questionamento de alguns pesquisadores. Eagly e Mladinic (1994) assinalaram que os traços comumente percebidos como bons,

atribuídos às mulheres (*e.g.*, carinhosa, prestativa e afetuosa) são traços apropriados para papéis domésticos, ao passo que os homens possuiriam traços associados à competência em papéis de alto status (*e.g.*, independente, ambicioso e competitivo).

Com a compreensão de que o preconceito contra as mulheres apresenta não somente uma via hostil, mas também uma via benévola, Glick e Fiske desenvolveram a teoria do sexismo ambivalente em 1996. Esta teoria parte da ideia de que a discriminação e a violência que as mulheres sofrem podem ser explicadas por duas vias, o sexismo hostil e o benevolente, estas vias se comunicam e reforçam uma à outra. A primeira, o sexismo hostil, pode ser compreendido como uma visão “radical” e explícita da ideia da inferioridade das mulheres, além de conceber as mulheres como sedutoras, tendo o intuito de dominar os homens, seja por meio da sexualidade ou do feminismo (Glick & Fiske, 2001).

O sexismo benevolente é a manifestação da discriminação contra as mulheres de forma sutil e expressa a crença de que as mulheres são fracas em relação aos homens, e, portanto, precisam de mais cuidados do que eles (Glick & Fisk, 2001). Esse tipo de sexismo serve como base para a manifestação e construção do sexismo hostil, já que funciona de forma que recompensa as mulheres que se mantêm em uma posição de subordinação aos homens e, em contrapartida, penaliza aquelas que se rebelam contra a desigualdade entre os gêneros (Glick & Fiske, 1996). Desse modo, o sexismo benevolente serve para justificar o sexismo hostil, e, assim, as pessoas que endossam esse conceito reforçam a desigualdade entre homens e mulheres, admitindo as mulheres como submissas (Glick & Fiske, 2001).

Dessa forma, ambas vias, sexismo hostil e benevolente são compreendidas como “ideologias legitimadoras”, ou seja, crenças que ajudam a justificar e manter a desigualdade entre os grupos (Sidanius, Pratto & Bobo, 1994). Enquanto o sexismo

hostil, atua na legitimação e justificação do poder dos homens sobre as mulheres (Keita, 2020), o sexismo benevolente atua de forma a transparecer que este poder que os homens exercem é usado para o benefício delas, fazendo com que as mulheres aceitem o domínio masculino, mesmo que inconscientemente (Glick & Fiske, 1996). Assim, o sexismo hostil serve para proteger o status quo, punindo as mulheres que se desviam dos papéis tradicionais de gênero, enquanto o sexismo benevolente oferece proteção às mulheres, em troca da complacência na sua própria subjugação (Glick & Fiske, 2011).

De acordo com Glick e Fisk (2001) tanto o sexismo hostil como o benevolente são produtos de relações estruturais entre homens e mulheres que são comuns e normatizados às sociedades: a) *Patriarcado*, os homens geralmente tem mais status e poder do que as mulheres (Harris, 1991); b) *Diferenciação de gênero*, homens e mulheres são amiúde diferenciados em termos de papéis sociais e atribuições de traços (Eagly & Wood, 1999); e c) *Reprodução sexual*, as relações homem-mulher são condicionadas pela reprodução sexual, uma constante biologizante que gera dependências entre os sexos. Esses três fatores - patriarcado, diferenciação de gênero e reprodução sexual - juntos criam os sexismos hostis e benevolentes (Glick & Fisk, 2001).

Ambas formas de sexismo, hostil e benevolente, tem sido compreendido como ferramentas de manutenção do controle nos relacionamentos (Glick et al., 2002; Kelly & Westmarland, 2015; Renzetti et al., 2018; Walby & Towers, 2018). De fato, existem evidências de que a violência por parceiro íntimo e a violência contra as mulheres são mais perpetuadas em países com auto endosso ao sexismo ambivalente (Brandt, 2011; Comissão Europeia, 2016; Zapata-Calvente, Megías, Moya, & Schoebi, 2019). Tanto o sexismo hostil quanto o benevolente estão diretamente ligados à legitimação da violência contra as mulheres, à minimização de sua gravidade e à exoneração do

agressor, transferindo a culpa para as vítimas. Isso também se estende à vitimização por violência doméstica, o que significa que mulheres que endossam o sexismo tendem a se envolver mais em relações abusivas (Anacona, Cruz, Jimenez & Guajardo, 2017; Fakunmoju, Abrefa-Gyan, Maphosa & Gutura, 2021; Giger et al., 2017; Lelaurain et al., 2021; Vives-Cases et al., 2021).

Ademais, o sexismo ambivalente já vem sendo usado como uma das variáveis na compreensão da percepção do abuso psicológico contra a parceira (Cinquegrana, Marini & Galdi, 2022; Keita, 2022), entretanto não existe um consenso sobre a relação de predição desta variável no que se refere a percepção do abuso psicológico. Por um lado, ambas vias do sexismo, hostil e benevolente, exercem uma relação na diminuição da percepção do abuso (Moya, Exposito & Casado, 1999), e eventualmente, o sexismo hostil surge como preditor da aceitação e tolerância do abuso psicológico em relacionamentos (Cinquegrana, Marini & Galdi, 2022). Por outro lado, o sexismo ambivalente perde forças como uma variável preditora da percepção do abuso psicológico (Keita, 2022). Entretanto é consenso de que o sexismo ambivalente tem poder sobre a percepção de violências contra as mulheres. Ocorre que existem outras variáveis que, em conjunto com sexismo ambivalente, exercem influência na percepção da violência e, em especial, o abuso psicológico, como é o caso dos mitos do amor romântico (Flores & Browne, 2017; Sanchez-Hernandez, Herrera-Enriquez & Exposito, 2020).

Mitos do amor romântico

O amor tem sido objeto de interesse não somente no âmbito cultural, mas também no contexto científico. Sua conceituação é traçada pela ideia do emocional, com perspectivas mais afetivas, como a ideia de que o amor é uma combinação de emoções (Baron & Byrne, 2005); cognitivistas, compreendendo o amor como um

conjunto de estados emocionais e comportamentais (Sangrador, 1993); e até mesmo histórica, com a ideia de que o amor é uma emoção traçada pelo contexto cultural e social (Illouz, 2010).

Desse modo, os estudos sobre o amor se voltam sobre as crenças a respeito do poder do amor e a perfeição do romance, incluindo, por exemplo, idealização do parceiro, misticismo, envolvimento completo e exclusividade ou ciúme, referindo-se também as características de um relacionamento ideal (; Knox & Sparakowski, 1968; Sprecher & Metts, 1989).

As teorias evolucionistas pregam a ideia de uma inaptidão para o amor romântico, contornado pelos ideais monogâmicos justificados pela necessidade da continuidade da espécie, onde a escolha de um(a) único(a) parceiro(a) romântico serve para a criação dos filhos (Fisher et al., 2016). Entretanto, alguns historiadores traçam o surgimento do amor romântico como um modelo de referência para as relações amorosas heterossexuais na cultura ocidental, entre os séculos XIX e XX. De acordo com Marquet (2009), é neste período que surge a valorização da exclusividade sexual e amorosa, a predestinação do encontro e a perpetuidade conjugal.

Atualmente, as relações amorosas pós-modernas não se constroem apenas com base no ideal do amor romântico, mas também incorpora representações baseadas na independência e autonomia dos indivíduos (Pilão, 2017). Deste modo, o amor romântico é um constructo sujeito a influência do contexto social, e atende não somente a uma necessidade extintiva de reprodução e evolução, mas também a demandas sócio-históricas (Apostolidis & Deschamps, 2003). Entretanto, a ideia clássica do amor romântico (e.g., amor à primeira vista; exclusividade ao parceiro; ciúmes) continua sendo uma das representações sobre o amor mais valorizadas socialmente (Bonomi, Altenburger, & Walton, 2013; Borgia, 2014; Hefner & Wilson, 2013). Para melhor

compreensão desse fenômeno, também se faz necessário compreender de que forma a psicologia compreende o amor.

O Amor para a psicologia

No campo da psicologia e psicologia social, as teorias sobre o amor são constituídas por três elementos básicos: paixão (aspecto sexual), vínculo emocional (aspecto de intimidade) e compromisso (aspecto de cuidado) (Loureto, Silva & Gouveia, 2022). A primeira teoria reconhecida é os estudos de Rubin (1970), que considera o amor como uma atitude, que envolve predisposições para sentir, pensar e comportar-se de certa maneira em relação a outra pessoa. Esse autor diferencia o amor do gostar, sendo o gostar composto por aspectos sexuais, de idealização, predisposição a ajudar, compartilhar emoções, sentimento de exclusividade, dependência e sentimentos ambivalentes frente ao parceiro. Enquanto o amor acerca-se em três conceitos: afiliação ou necessidade de dependência, predisposição para ajudar o parceiro, exclusividade e possessividade (Reis & Rusbult, 2004; Rubin, 1970). A partir de Rubin inúmeras teorias ao longo da história da psicologia foram desenvolvidas (Hazan, 1988; Kelley, 1959; Shaver & Yela, 2006; Karandashev & Evans, 2019), porém algumas teorias se destacaram no campo da psicologia, como por exemplo a teoria dos estilos de amor (Lee, 1973), amor apaixonado e amor companheiro (Hatfield, 1988), e a teoria triangular do amor (Sternberg, 1986; 1998).

A Teoria dos Estilos de Amor (Lee, 1973) parte de uma metáfora com as cores (primárias e secundárias). De acordo com o autor, o amor varia na sua forma de expressão, existindo seis estilos para o “amor verdadeiro”, divididos entre primários e secundários. Os três primários são: Eros (intensidade, paixão e erotismo, com preferência ao físico), Ludus (amor como um jogo, um passatempo agradável, sem comprometimento emocional e permitindo envolvimento com mais de um parceiro) e

Storge (amizade especial, caracterizado por um relacionamento estável onde as questões emocionais vêm em primeiro lugar). Os três secundários surgem da junção entre duas das dimensões primárias: Mania (Eros + Ludus: inconstâncias emocionais, presente a obsessão, dependência, insegurança, solidariedade e dedicação), Pragma (Ludus + Storge: prático e realista, onde acontece uma seleção racional de um parceiro, compatível com interesses, classe social e afins) e Ágape (Eros + Storge: abnegação e altruísmo, voltado para o bem-estar do parceiro com pouca exigência).

O modelo de Hatfield (1988) volta-se para o amor apaixonado e amor companheiro, pressupondo o amor como uma atração interpessoal, que envolve atitudes positivas e de aproximação. O amor apaixonado é representado por uma forte emoção, um intenso desejo de união com o parceiro (Hatfield & Rapson, 2005). Aqui se pode vivenciar estados de euforia, desespero e terror, quando não houver correspondência entre os parceiros. Em contrapartida, quando existe correspondência, os sentimentos voltam-se para altos níveis de satisfação (Hatfield & Rapson, 2005). O amor companheiro é definido como um “amor de amizade”, envolvendo a partilha de valores, apego profundo e intimidade. Essa forma de amor surge após um longo período de relacionamento, implicando em confiança emocional. Além disso, os autores afirmam que as pessoas são capazes de vivenciar uma única forma de amor ou ambas ao mesmo tempo (Hatfield & Rapson, 2005).

Por fim, outra teoria muito difundida é a teoria triangular do amor de Sternberg (1986, 1998). Para esse autor, o amor surge a partir da interação de três elementos principais: intimidade (sentimentos de proximidade e conexão), paixão (sentimentos impulsivos voltados para o romance, atração física e sexual) e compromisso (com uma dinâmica de curto e longo prazo, e pode ocorrer de diferentes formas, a princípio pode-

se amar alguém sem compromisso ou vice-versa; esse é o componente que faz a relação ser duradoura).

Estas teorias estiveram atreladas a estudos sobre como o amor influencia no bem-estar dos indivíduos, manutenção da saúde mental e felicidade (Andrade, Garcia & Cano, 2009; Hernandez & Oliveira, 2003; Martins-Silva, Trindade & Junior, 2013; Schlösser, 2014). Entretanto, algumas características atribuídas ao amor, nas teorias da psicologia, compartilham aspectos abusivos. Por exemplo, sentimentos ambivalentes e de possessividade em Rubin (1988), o tipo de amor "mania" na teoria de Lee (1973), que é representado por inconstâncias emocionais, obsessão, dependência e insegurança, bem como os sentimentos impulsivos caracterizados em Sterberg (1986, 1998), que por vezes são manifestados em perpetradores de abuso psicológico (Leite, Luis, Amorim, Maciel & Gigante, 2019). Além disso, também se pode destacar a dependência (Rubin, 1970), desespero e terror (Hatfield, 1988), que são sentimentos presentes em vítimas de abuso psicológico por seus parceiros (Follingstad et al., 1990).

De fato, alguns estudos sobre o amor têm verificado a relação deste construto com outras manifestações de comportamentos negativos, como atitudes e comportamentos violentos contra a parceira (DeShong & Haynes, 2016; Gius & Lalli, 2014), demonstrando que, por vezes, as representações sobre o amor romântico são usadas para justificar e legitimar a violência entre parceiros íntimos (Gius & Lalli, 2014). Por essa razão, novas perspectivas de trabalhar o amor surgem dentro do campo da psicologia social, como é o caso dos mitos do amor romântico (Yela, 2003).

Mitos sobre o amor romântico e violência contra a parceira

Pode-se conceituar os mitos de amor romântico como um conjunto de crenças socialmente compartilhados sobre a verdade e a natureza do amor (Yela, 2003). Vários

pesquisadores têm demandado esforços para listarem quais seriam as crenças que formam os mitos do amor romântico (Yela, 2003; Jiménez, 2021; Luzón, Ramos, Recio & Peña, 2011), assim sendo, podemos resumi-los em quatro grandes crenças: *Posse*, *Abnegação*, *Romanticismo* e *Tradição* (Piñeiro, Piñuela & Yela, 2003). Essas grandes crenças agrupam oito mitos (Bojarro, Gámez-Guadix, & Calvete, 2015; Ferrer, Bosch, Cavarro, Ramis, & García, 2008; Ferrer, Bosch, & Navarro, 2010; Mármol-Martín, Mena-Vega & Rebollo-Bueno, 2018). *Posse*, concentra-se os mitos de amor como controle e ciúmes (Bosch, 2013); *Abnegação*, onde encontra-se os mitos de amor como entrega e renúncia extrema (Mellor, 2013); *Romanticismo*, mitos de amor fantástico e de idealização do parceiro (Yela, 2003); e *Tradição*, mitos da paixão eterna e do matrimônio (Luzón et al., 2011).

Assim como o sexismo ambivalente, os mitos do amor fornecem bases para os papéis de gênero. Conforme Luzón et al. (2011), existem expectativas socialmente compartilhadas sobre os papéis de gênero de homens e mulheres em um relacionamento amoroso. Para as mulheres, é esperado que se tornem "seres amáveis", centrando sua existência no amor, com os acontecimentos mais importantes de suas vidas relacionados ao amor, como o casamento (Chavero-Tapia, 2019; Jiménez, 2021). De acordo com Herrera (2010), as mulheres são educadas para o amor, priorizando o desejo de serem amadas, onde o amor de um companheiro é percebido como uma forma de satisfazer diferentes necessidades afetivas, enquanto a solidão é vista como um fracasso (Bosch et al., 2007). Para elas, o amor romântico está ligado à entrega total, inquietude e compromisso, e às vezes serve de base para a construção da identidade (Leal, 2007).

Enquanto para os homens o amor não é central, mas sim o reconhecimento social, colocando o amor em segundo plano (Bosch, 2007). Para eles, o amor romântico não tem implicações pessoais, mas é percebido como uma forma de obter cuidado (Leal,

2007). Quando jovens, são ensinados a aproveitar a liberdade, mas são pressionados, assim como as mulheres, a construir uma família (Herrera, 2010), com a obrigação de manter o lar (Cascales, 2015), assumindo o papel de prover financeiramente a casa (Rodríguez, 2015).

Por certo, homens violentos com suas esposas, são frequentemente caracterizados como estando sob a influência de emoções incontroláveis, como ter “muito ciúmes” ou estar “muito apaixonado”, mas raramente como agressores (Gius & Lalli, 2014). Assim, a adesão aos mitos do amor romântico pode ajudar a tornar a violência intraconjugal socialmente aceitável e endossar a percepção da violência como uma forma masculina de expressão amorosa, um sinal de intimidade ou afeto e não como um problema (Bonomi et al., 2013; Bonomi et al., 2014; Lelaurain et al., 2018).

Compartilhando do componente da desigualdade de gênero entre homens e mulheres, os mitos do amor romântico, assim como o sexismo ambivalente, parecem estabelecer uma estreita relação na compreensão da violência contra as mulheres, especialmente na percepção do abuso psicológico. Na continuação, os artigos aqui desenvolvidos e apresentados na presente tese demonstram empiricamente como ocorre a relação entre estas variáveis.

Artigo 1.**Construção e validação da Escala sobre a Percepção do Abuso Psicológico contra a
Parceira (EPAPP)****Construction and validation of the scale on the Perception of Psychological Abuse
against the Partner (SPPAP)**

Francicléia Lopes Silva¹

Ana Raquel Rosas Torres¹

José Luís Álvaro Estramiana²

¹Universidade Federal da Paraíba

² Universidad Complutense de Madrid

Resumo

O abuso psicológico entre casais, por ser uma violência sutil, às vezes não é percebido enquanto uma violência propriamente dita. Este trabalho objetivou desenvolver uma escala sobre a percepção do abuso psicológico na parceira. Para tanto, foram realizados dois estudos. O Estudo 1 contou com 184 participantes, em sua maioria do sexo feminino (56.9%) e com média de idade de 25.3 anos ($DP=6.70$; amplitude de 18 a 62 anos), e verificou a estrutura fatorial do instrumento. Já o Estudo 2 teve 200 participantes, também em sua maioria do sexo feminino (69.5%) e com média de idade de 23.2 anos ($DP= 7.05$; amplitude de 18 a 56 anos), e buscou trazer evidências complementares da adequação psicométrica do instrumento por meio de análise fatorial confirmatória e validade convergente com o sexismo ambivalente. No geral, o Estudo 1 demonstrou a adequação à uma dimensão bifatorial. O Estudo 2, por sua vez, corroborou a bidimensionalidade do instrumento, demonstrando evidências de sua validade convergente e a existência de bons indicadores de consistência interna (Abuso Emocional $\alpha= .86$; Controle $\alpha= .93$). Ademais, esse estudo demonstrou também a evidência de validade convergente do instrumento. Em conjunto, os resultados apontam que o instrumento apresentado é adequado para a investigação da percepção do abuso psicológico, trazendo uma nova abordagem na investigação desse tipo de violência contra a mulher.

Palavras-chave: escala psicológica; abuso emocional; abuso de controle; abuso psicológico e avaliação psicológica.

Abstract

Psychological abuse between couples, as it is subtle violence, is sometimes not perceived as violence itself. This work aimed to develop a scale on the perception of psychological abuse in a partner. To this end, two studies were carried out. Study 1 had 184 participants, the majority of whom were female (56.9%) and with a mean age of 25.3 years ($SD=6.70$; range from 18 to 62 years), and verified the factorial structure of the instrument. Study 2 had 200 participants, also mostly female (69.5%) and with a mean age of 23.2 years ($SD=7.05$; range from 18 to 56 years), and sought to provide additional evidence of the psychometric adequacy of the instrument through confirmatory factor analysis and convergent validity with ambivalent sexism. Results: Study 1 demonstrated the suitability of a bifactor dimension. Study 2, in turn, corroborated the two-dimensionality of the instrument, demonstrating evidence of its convergent validity and the existence of good internal consistency indicators (Emotional Abuse $\alpha = .86$; Control $\alpha = .93$). Furthermore, this study also demonstrated evidence of convergent validity of the instrument. Taken together, the results indicate that the instrument presented is suitable for investigating the perception of psychological abuse, bringing a new approach to the investigation of this type of violence against women.

Keywords: psychological scale; emotional abuse; abuse of control; psychological abuse; psychological assessment.

Introdução

A violência contra a mulher consumada por seu parceiro ou ex-parceiro é considerada um problema de saúde pública pela gravidade de suas consequências físicas e psicológicas (Lacerda, 2022), afetando todos os países e culturas e com graves prejuízos tanto no nível individual como no social (Ayres, 2017). No entanto, os estudos sobre a violência contra a mulher têm se concentrado fundamentalmente nas formas de violência flagrantes (física e sexual) e, em sua maioria, deixam o estudo da violência psicológica no plano comparativo com outras formas de violência (Oram, Khalifeh & Howard, 2017). Dito de outra forma, a maioria dos estudos não pautam a violência psicológica como protagonista, mas a tratam como um complemento no estudo das mais diversas formas de violência (Hammock et al., 2015). Dentre os motivos para essa lacuna, podemos citar: a) a ideia de que a agressão física tem consequências mais sérias e duradouras (Oliveira, 2021); b) a aceitação, ao nível social, de muitos dos comportamentos classificados como agressão psicológica (Taquette & Monteiro, 2019); c) a dificuldade de defini-la (Calvete, Corral & Estévez, 2008) e d) o fato de acontecer no âmbito mais privado do que público (Porrúa et al., 2010).

Existem diversas expressões para denominar as agressões “não-físicas”. Dentre elas, a mais utilizada tem sido “abuso psicológico” (Porrúa et al., 2010). Esse tipo de agressão é definido como o uso prolongado e sistemático de uma série de estratégias que têm como objetivo alcançar o domínio e a submissão de outra pessoa. Ademais, existem evidências de sua função como preditor da agressão física (Hammock, Richardson, Williams & Janit, 2015), pois na maioria dos casos, ele antecede e acompanha o abuso físico. Ainda, as consequências para a saúde mental das vítimas do abuso psicológico (AP) são comparáveis às do abuso físico (Almendros, Gámez-Guadix, Carroble, Rodríguez-Carballeira, & Porrúa, 2009; Porrúa et al., 2010). Desse

modo, tanto as vítimas do abuso físico quanto do psicológico apresentam sintomas de ansiedade e depressão, sintomatologia de transtorno por estresse pós-traumático e ideias suicidas (Arriaga & Schkeryantz, 2015).

Com o desenvolvimento e aprimoramento das tecnologias e redes sociais, novas formas de relacionamentos afetivos foram surgindo e, dessa forma viabilizando, também o aparecimento de novas formas de perpetração do abuso psicológico, como é o caso do abuso digital (Collins & Gillath, 2012; LeFebvre et al., 2019). O abuso digital em relacionamentos amorosos é definido como comportamentos de controle, assédio e perseguição de um parceiro romântico por meio de tecnologia e mídia social (Zweig, Lachman, Yahner, & Dank, 2014).

Ocorre que o âmbito digital incrementou antigas práticas de perpetuação do abuso psicológico, como por exemplo o *Stalking*, além de viabilizar novas ferramentas de perpetração de abuso psicológico (Gonçalves, 2023), tais como o *mansplaning*, *gaslighting* e *ostracismo*. Esses novos conceitos vêm sendo incorporados para a compreensão dimensional do abuso psicológico, que são comportamentos que não têm por finalidade o abuso psicológico em si, mas servem para a sua manutenção, e se tornam instrumentos para sua perpetração.

O *stalking* é considerado o ato de perseguir e envolve ameaças à integridade física e psicológica de outra pessoa e pode interferir na liberdade e privacidade da vítima (Spitzberg, Cupach, Hannawa & Crowley, 2014). Apesar de não se limitar ao contexto virtual, nem tão pouco ser um fenômeno recente, somente em 2021 o *stalking* passou a ser considerado um crime e passível de punição (Lei 14.132, 2021). Esse tipo de comportamento inclui ligações telefônicas, ameaças, visitas indesejadas a locais de trabalho ou residências das vítimas, assédio, escrever cartas ou bilhetes, seguir,

confrontos cara a cara e presentes indesejados (Meloy, 1996, 1997, 1998; McEwan et al., 2012; Spitzberg & Cupach, 2014).

O *Mansplaining* ocorre quando um homem explica algo, frequentemente para uma mulher, de maneira paternalista e geralmente desconsiderando completamente as opiniões dessa mulher, chegando a interromper sua fala (Oxford Learner's Dictionary, s/d). Apesar da “simplicidade” conceitual do *mansplaining*, Kidd (2017) afirma que ela é mais uma forma de opressão contra as mulheres. De acordo com essa autora, é uma forma sistemática e institucionalizada de opressão que silencia as mulheres, revelando implicitamente o menor valor da voz feminina. De acordo com Kidd (2017) as implicações do *mansplaining* estão presentes em um nível microsocial (e.g. no local de trabalho e na sala de aula), mas também em um nível macrosocial (e.g. na política, religião e papéis de liderança em todo o mundo). Solnit (2012) afirma que o *mansplaining* é um mecanismo que serve para treinar as mulheres a duvidar de si mesmas e se autolimitar, ao mesmo tempo que serve para reafirmar e exercitar o excesso de confiança dos homens (Solnit, 2012). Apesar de não existirem evidências do *mansplaining* como uma dimensão do abuso psicológico contra a parceira, as opressões por meio da linguagem ou da comunicação são mais uma estratégia usada para fomentar o abuso psicológico na parceira. Assim sendo, pode-se pensar o *mansplaining* como uma estratégia de reafirmação de poder e controle contra a parceira.

Já o *gaslighting*, que já foi reconhecido como uma forma de violência psicológica pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2016), é uma forma de abuso mental em que o agressor distorce os fatos e omite situações para deixar a vítima em dúvida em relação a sua memória e sanidade. Essa prática objetiva manter as vítimas em situação de subserviência e sob controle, desmotivando a realização de denúncias e reforçando a lógica de culpabilização de vítimas (Kruger, 2016). Salerno e Garro (2014)

demonstram que o *gaslighting* passa por algumas fases associadas a relacionamentos abusivos, inicia-se com uma fase de tensão caracterizado por hostilidade e abuso emocional, posteriormente a fase de “ataque” em que pode ocorrer violência física, e por fim, a fase da “lua de mel”, caracterizada pelas desculpas e promessas de mudança e remorso. O *gaslighting* pode gerar um estado de desorientação crônica (Hernández, Magro & Cuéllar, 2014), afetando a autoestima da vítima e sua tomada de decisões (Marway, 2015), além de ter sido comparado à síndrome de Munchausen (Brashford & Leschziner, 2015) e à síndrome pré-menstrual e menopausa (Kendall, 1991). As evidências do *gaslighting* como uma maneira de gerar controle e dano a parceira fazem com que o consideremos mais uma estratégia de manutenção do abuso psicológico.

Outra ferramenta de abuso nos relacionamentos que foi potencializada com o advento da tecnologia é o ostracismo, conhecido como tratamento de silêncio, que consiste em usar o silêncio com outra pessoa de forma punitiva, ignorando a outra pessoa (Freedman, Powell, Le & Williams, 2018). Existem evidências que esse tipo de ação gera danos psicológicos, ameaça a autoestima, aumentando sentimentos de raiva e tristeza (Williams, 2009), além disso, ser vítima de ostracismo está associado a problemas interpessoais, como agressão (Twenge, Baumeister, Tice, & Stucke, 2001; Warburton, Williams, & Cairns, 2006; Williams, 2007, 2009; Williams & Nida, 2011). Esta forma de abuso vem ganhando destaque em decorrência do *ghosting*, que é o ato de desaparecer ou cancelar planos com amigos ou parceiros sem aviso prévio, com pouca ou nenhuma opção de escolha para a outra pessoa. Esse termo vem sendo utilizado para definir novas configurações de dissoluções de relacionamentos (LeFebvrel, et al., 2019) e ocorre de maneira indireta (Regan, 2017) já que necessita de mediadores (redes sociais) para a dissolução do relacionamento, podendo se dar de forma gradual ou repentina.

O ostracismo e o *ghosting* caminham juntos, já que compartilham dos mesmos comportamentos, como é o caso da interrupção de mensagens, silêncio punitivo e desaparecimento real da vida do parceiro (Biolcati, Pupi & Mancini, 2022). Esses comportamentos são descritos como forma de crueldade emocional (Navarro et al., 2020). O que os diferencia é que o *ghosting* tem por finalidade acabar a relação, enquanto que o ostracismo tem como objetivo punir a vítima e não terminar o relacionamento de fato. Ademais, cabe destacar que essas ferramentas não são novas formas de abuso psicológico, porém são novas formas de expressá-lo. Por outro lado, também é importante esclarecer que, episódios isolados de ostracismo, *stalking*, *mainsplaning* ou *gaslighting* não podem ser caracterizados como abuso psicológico, porém a sua persistência e manutenção na relação, visando o controle e poder sobre a parceira, é o que os torna abusivos (Magalhães, 2020).

Com o surgimento de novas formas de manutenção do AP contra a parceira, novas lacunas teóricas neste campo de investigação foram surgindo. Pode-se destacar duas omissões nas pesquisas sobre a AP contra a parceira: a) tratar as novas formas digitais de AP contra a parceira como dimensões desligadas do AP no relacionamento (Flach & Deslandes, 2017; Van Ouytsel, Van Gool, Walrave, Ponnet & Peeters, 2017) e b) a escassez de estudos específicos sobre a percepção do abuso psicológico, pois a maioria desses estudos compara abuso físico e abuso psicológico (Capezza & Arriaga, 2008; Hammock et al., 2015).

Em conjunto, todas essas estratégias de manutenção do abuso psicológico contra a parceira, compartilham o fato de serem formas sutis de violência que, frequentemente, se confundem com diversos aspectos da vida afetiva de um casal e são naturalizados, como por exemplo, as expectativas de papéis de gênero (Mosmann, Lomando & Wagner, 2011) e os mitos do amor romântico (Bisquert-Bover, Giménez-García, Juliá

& Gómez, 2019). Nesse contexto, um dos grandes desafios dos estudos sobre esse tema é investigar quando essas expressões são percebidas como violência ou não. Dito de outra forma, investigar a percepção da violência é uma maneira de compreender o padrão cognitivo e de conduta dos comportamentos violentos (Gebara, Andrade, Fita, & Raybolt, 2020), além de proporcionar o entendimento de como as pessoas categorizam o que é ou não considerado violento. Assim sendo, o instrumento aqui apresentado visa também analisar quais as expressões do abuso psicológico são vistas como violência ou não.

As lacunas no campo da pesquisa sobre abuso psicológico também se fazem presentes nas medidas acerca desse constructo. Essa escassez de instrumentos acerca da percepção do abuso psicológico fica evidente a partir da busca na base de dados Google Acadêmico, realizada utilizando os descritores “(escala) AND (percepção) AND (abuso psicológico) AND (parceira íntima)”, feita também em inglês “(scale) AND (perception) AND (psychological abuse) AND (intimate partner)”, no período de 2017 a 2022. Foram encontrados somente cinco instrumentos, descritos a seguir:

Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (ECVC, Machado, Matos & Goncalves, 2008) - foi adaptada ao Brasil por Moura, Habigzang, Matos e Gonçalves (2021) e tem como objetivo avaliar as crenças em relação à violência física e psicológica em relacionamentos conjugais. Esse instrumento é composto por 25 itens que formam quatro fatores, a saber: Fator 1 denominado de “legitimação e banalização da pequena violência” (e.g., *É mais aceitável um homem bater na mulher do que o contrário*); Fator 2 “legitimação da violência pela conduta da mulher” (e.g., *Um(a) parceiro(a) infiel merece ser maltratado(a)*); Fator 3 “legitimação da violência motivada por causas externas” (e.g., *A causa da violência é o abuso do álcool*) e Fator 4 “legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar” (e.g., *Se as*

mulheres se portarem como boas esposas não serão maltratadas). Ele é respondido por meio de uma escala tipo Likert de 1 (*Discordo totalmente*) a 5 (*Concordo totalmente*). A versão brasileira possui um índice de confiabilidade de .89. Não foram verificados índices de confiabilidade para cada fator do instrumento em nenhuma das versões encontradas. Além disso, o instrumento não tem o foco exclusivo no abuso psicológico e traz mais um panorama geral de violência doméstica do que, de fato, sobre abuso psicológico contra a parceira.

Revised Conflict Tactics Scales (CTS2 - Straus et al., 1996) - foi adaptada para o Brasil por Moraes, Hasselman e Reichenheim (2002) e faz parte de um conjunto de medidas para identificação de violência intrafamiliar. Ela foi desenvolvida especificamente para verificar a ocorrência de violência entre parceiros românticos. É composta por 78 itens organizados em cinco fatores: Negociação (*e.g., Você mostrou que se importava com ele mesmo que vocês estivessem discordando?*), Agressão Psicológica (*e.g., Você acusou o seu companheiro(a) de ser 'ruim de cama'?*), Violência Física (*e.g., Você deu um tapa ou bofetada no seu companheiro(a)?*), Lesões Corporais (*e.g., Você quebrou um osso por causa de uma briga com o seu companheiro(a)?*) e Coerção Sexual (*e.g., Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro(a) fazer sexo com você?*). Conta com uma escala de resposta tipo Likert de 1 a 5. A versão brasileira possui um índice de confiabilidade variando entre .79 e .95. Apesar de apresentar índices de confiabilidade adequados, trata-se de um instrumento que deve ser aplicado somente com agressores, estando sujeito ao viés de desejabilidade social, comprometendo assim as respostas aos itens.

Escala de Abuso Psicológico Aplicado en la Pareja (EAPA-P, Garcia et al., 2016) – que foi adaptada ao Brasil por Paiva, Cavalcanti e Lima (2020) e que possui 19 itens, organizados em dois fatores: métodos diretos de abuso psicológico (*e.g.,*

Meu/minha parceiro/a interpretou de seu modo as coisas que nos afetaram) e métodos indiretos de abuso psicológico (e.g., *Meu/minha parceiro/a me impediu de fazer atividades de que eu gostava*). Ela conta com um índice de consistência interna de 0.92 e é respondido por meio de uma escala modelo Likert variando de 0 (*nunca*) e 4 (*sempre*). O fator referente à dimensão do abuso psicológico direto apontou um alfa de Cronbach .92, enquanto o sutil apresentou um alfa de Cronbach de .89. Embora se trate de um instrumento desenvolvido recentemente sobre o constructo, ele não abarca dimensões atuais acerca do abuso psicológico, como é o caso do abuso psicológico por meio do uso de redes sociais (Lopes, 2017).

Escala de Violencia Psicológica por Parte de un Compañero Intimo (Texeira & Júnior, 2021) - formado por 47 itens, foi desenvolvido para detectar a ocorrência de abuso psicológico nos participantes. O instrumento conta com uma escala de resposta tipo Likert de 1 (*nunca*) a 5 (*sempre*) e apresentou índice de consistência interna adequada de $\alpha=.95$. Entretanto, não foram encontrados os itens que compõem o instrumento, nem estudos que evidenciam empiricamente a estrutura fatorial da medida, nem tão pouco validades complementares como convergente e discriminante.

Subtle and Overt Psychological Abuse of Women Scale (Marshall, 1999) - visa medir a violência psicológica em seu caráter manifesto (xingamentos em relação à aparência da vítima) e sutil (manipulação psicológica) e conta com 68 itens, divididos em 35 itens para representar o *Abuso Psicológico Manifesto* e 33 que representam o *Abuso Psicológico Sutil*. A dimensão do *Abuso Psicológico Manifesto* conta com quatro subescalas: *Dominação*, é composto por 17 itens (e.g., *tentativas diretas de dominar e controlar a parceira*), *Indiferença*, contém 5 itens (e.g., *ser indiferente a parceira para puni-la*), *Monitorar*, é formado 6 itens (e.g., *vigiar cada movimento da parceira*) e por fim, *Descrédito*, composto por 7 itens (e.g., *diminuir conquistas da*

parceira). Já a dimensão do *Abuso Psicológico Sutil* abrange três componentes: *Angustiar*, é composto por 12 itens (e.g., *fazer a parceira sentir vergonha de si mesma*); *Desanimar*, é formado por 11 itens (e.g., *desencorajar interesses da parceira em que não está inserido*) e o fator *Isolar*, que conta com 10 itens (e.g., *desencorajar a parceira a falar com a família*). Este instrumento conta com uma escala de resposta de 1 (*Nunca*) a 10 (*Quase diariamente*) e busca mensurar a frequência com a qual as mulheres sofrem abuso psicológico. Ele apresentou índices de consistência interna de .73 e .97, respectivamente. Apesar de ser um dos poucos instrumentos que se volta exclusivamente para o abuso psicológico, é consideravelmente antigo e não abarca novas dimensões do abuso psicológico.

Em geral, esses instrumentos objetivam analisar crenças sobre violência física e psicológica em relacionamentos conjugais (Machado, Matos & Gonçalves, 2004); a frequência com que as pessoas abusam psicologicamente a parceira (Marshall, 1999; Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996; Texeira & Júnior, 2021) e a presença de sofrimento decorrente do abuso psicológico executado por seu parceiro (Porrúa-García et al., 2016; Texeira & Júnior, 2021).

Estudar a percepção do abuso psicológico permite não só verificar a opinião das pessoas sobre o que é considerado violência em relacionamentos amorosos como também fornece informações acerca do conhecimento dos sujeitos sobre esse assunto. Estudos demonstram que a percepção da violência está associada ao grau de tolerância da mesma (Marques-Fagundes, Megías, García-García & Petkanopoulou, 2015), ademais de fornecer dados sobre as crenças dos indivíduos acerca do que é ou não violento em uma relação amorosa. Investigar a percepção das pessoas sobre o abuso psicológico está alocado em uma compreensão mais sutil e arraigada do que as pessoas consideram ser violento e tolerável em uma relação amorosa.

Deste modo, este artigo tem como objetivo desenvolver um instrumento que analisa a percepção do abuso psicológico na parceira que englobe novos conceitos que se inserem nas novas ferramentas de manifestação desse tipo de violência, como o *stalking* (Spitzberg et al., 2014), *gaslighting* (Jiménez, Varela & Del Rocio, 2017), *mansplaining* (Joyce, Humă, Ristimäki, Almeida, & Doebling, 2021), ostracismo (Freedman et al., 2018), e o uso das redes sociais na prática do abuso (Lopes, 2017).

Construção dos itens da Escala de Percepção do Abuso Psicológico na Parceira (EPAPP).

Para o desenvolvimento do instrumento ora apresentado tomou-se como base a escala *Subtle and Overt Psychological Abuse of Women Scale – (SOPAS; Marshal, 1999)*, que mensura a frequência de ocorrência de abuso psicológico no relacionamento. Ela possui uma estrutura bifatorial (abuso sutil e flagrante) e refere-se à percepção da vítima acerca da ocorrência do abuso psicológico em seu relacionamento. No entanto, a EPAPP foi desenvolvida objetivando mensurar a percepção dos indivíduos acerca de situações externas, ou seja, os itens da EPAPP descrevem situações nas quais o sujeito que responde não é envolvido. Com esse tipo de formulação, busca-se investigar em que medida o participante considera os comportamentos descritos como abuso psicológico. Assim, a pergunta indutora utilizada foi “Em que medida os comportamentos e atitudes descritos podem ser considerados abusivos”.

Buscamos também abarcar as novas expressões de perpetração do abuso psicológico como o ostracismo (e.g. Às vezes, após alguma discussão, ele chega a bloquear ela nas suas redes sociais, sem nenhum aviso prévio.); o *stalking* (e.g. Desde que começaram o relacionamento, ele quer controlar as finanças dela, querendo ter acesso a todas as senhas dos seus cartões bancários.); o *mansplaining* (e.g. Ela, que

estuda direito, explicou para ele quais são os direitos das mulheres. Ele, que não é da mesma área, não concordou e explicou para ela quais seriam esses direitos.) e o *gaslighting* (e.g. Muitas vezes, quando eles têm alguma discussão e ele se exalta, ela diz que se sente mal com a situação. Ele desdenha e diz que ela é sensível e exagerada.). Por fim, destacamos que o uso do termo “parceira” foi adotado no feminino já que existem evidências de que as mulheres são a maioria das vítimas desta forma de violência dentro de relacionamentos amorosos (Souza, Passos, Almeida & Almeida-Santos, 2021), por esta razão o instrumento volta-se para a violência contra elas.

A primeira versão do instrumento aqui apresentado contou com 26 itens, que passaram por uma análise de três juízas, todas da área da Psicologia Social, doutoras e com idade de 29, 32 e 41 anos. Foi utilizado o coeficiente de validade de conteúdo (CVC) do instrumento, que é formado pelos critérios de pertinência, relevância e clareza, adotando-se o ponto de corte de .80 (Cassepp-Borges, Balbinotti, & Teodoro, 2010). Com isso, o instrumento sofreu algumas alterações em sua estrutura, demandando a exclusão de um item, que não demonstrou adequação ao constructo em dois critérios (CVC de .73 para pertinência e .73 em relevância). Além disso, seguindo as sugestões das juízas, foram construídos mais nove itens sobre aspectos teóricos do Abuso Psicológico que, segundo elas, estavam ausentes da versão original. Assim, o instrumento passou a ter 33 itens, que deveriam ser respondidos por meio de uma escala tipo Likert, que variava de 1(nada abusivo) a 7 (totalmente abusivo). Com base na literatura, os itens da EPAPP foram organizados em quatro dimensões hipotéticas, a saber:

(1) Isolamento: analisa comportamentos do parceiro que visam isolar a parceira, desencorajando as relações com sua família, amigos, colegas de trabalho, estudos, tentando convencê-la que somente ele a compreende de verdade (Marshall, 1999).

(2) Controle da vida da vítima: investiga atitudes que têm como objetivo controlar a parceira em aspectos gerais da vida, como o controle dos filhos, vida sexual, financeira e o monitoramento das suas redes sociais e mensagens. Este último aspecto é chamado de *stalking* e não foi verificado em outros instrumentos (Lopes, 2017).

(3) Abuso emocional: abrange comportamentos que visam a manipulação dos sentimentos e domínio sobre o emocional da vítima, descredibilizando as emoções da parceira e, em alguns casos, gerando terror psicológico, caracterizada pelo medo e insegurança (Marshall, 1999). Além disso, esse fator abrange o ostracismo (Freedman et al., 2018).

(4) Imposição do próprio pensamento: abarca ações de descrédito das opiniões da parceira e a imposição das próprias ideias, como nas práticas de *mansplaining* (Joyce et al., 2021) e do *gaslighting*. Ou seja, são atitudes manipuladoras do parceiro para fazer a vítima duvidar de si e da sua sanidade mental (Jiménez, Varela & Del Rocio, 2017).

A seguir, apresentamos os dois estudos realizados e esclarecemos que este trabalho foi submetido ao Comitê de Ética, recebendo parecer favorável (CAAE nº 12940919.8.0000.5188). Todos os participantes responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegurava o anonimato e a confidencialidade de suas respostas. Além disso, a pesquisa respeitou as recomendações éticas (Resolução CNS nº 510/16).

Estudo 1. Evidências Psicométricas Exploratórias da Estrutura Fatorial da Escala de Percepção do Abuso Psicológico na Parceira (EPAPP).

Este estudo teve por objetivo analisar a fatorabilidade exploratória da Escala de Percepção do Abuso Psicológico na Parceira (EPAPP).

Método

Participantes

Este estudo contou com 181 participantes, com média de idade de 25.3 anos (DP=6.70; amplitude de 18 a 62 anos), sendo composta por 56.9% mulheres e 43.1% homens. No que se refere ao estado civil, a maioria era solteiro (70.7%), seguidos de casados (13.3%), convivendo (10.5%) e divorciados (3.3%). Quanto a orientação sexual, a maioria declarou ser heterossexual (65.2%), 19.3% bissexuais, 6.1% homossexuais, 3.3% pansexuais, 3.3% lésbicas, 1.1% assexuais e 1.1% não soube responder. Com nível superior de escolaridade (62.4%), 18.8% pós-graduação, 17.7% ensino médio e 1.1% ensino fundamental. Em relação à autoclassificação racial, 60.8% se declaram brancos, 29.3% pardos e 9.9% negros.

Instrumentos e Procedimentos de coleta de dados

Os participantes responderam a Escala de Percepção do Abuso Psicológico na Parceira (EPAPP) e perguntas demográficas (idade, sexo, estado civil, nível de escolaridade e orientação sexual). A coleta de dados foi realizada por meio de questionários online, disponível na plataforma digital *SurveyMonkey*. Tratou-se de amostra de conveniência, tendo participado as pessoas que se dispuseram a responder o questionário disponível por meio do *link* que foi disponibilizado em redes sociais e via e-mail.

Procedimentos de análise dos dados

Foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da EPAPP utilizando o *software Factor Analysis* em sua versão de 2021 (Lorenzo-Seveza & Ferrando, 2021). A análise foi implementada utilizando uma matriz de correlação de Pearson e método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). A decisão sobre o número de

fatores a ser retido foi realizada por meio da técnica da Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a *Robust Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019).

A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). De acordo com a literatura, valores de RMSEA devem ser menores que 0.08 e valores de CFI e TLI devem ser acima de .90, ou preferencialmente, .95 (Brown, 2006). A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice H (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018), que avalia quão bem um conjunto de itens representa um fator comum (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Valores altos de H ($> .80$) sugerem uma variável latente bem definida, que é mais provável que seja estável em diferentes estudos. Além disso, para verificar a consistência interna dos itens, foi adotado o alfa de Cronbach (Pasquali, 2012).

Resultados

Os testes de esfericidade de Bartlett (1936.4, $gl= 528$; $p < .001$) e KMO (.88) sugeriram interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. Estimava-se uma estrutura de quatro fatores para a presente escala, cujas variâncias explicadas foram 39.04, 9.22, 5.74 e 4.96 respectivamente. Quando contrastados esses valores aos quatro primeiros obtidos na Análise Paralela (6.81, 6.26, 5.87 e 5.55 respectivamente), pode-se verificar a adequação de uma estrutura bifatorial para a escala, tendo em vista que somente os dois primeiros fatores observados empiricamente apresentaram variância superiores aos dados simulados.

Com isso, uma nova análise fatorial exploratória foi realizada, agora fixando em dois fatores. Neste momento, foi adotado como critério de corte itens que apresentassem saturação superior a .40. Desta forma, os itens 6 (Ele costuma bisbilhotar as redes

sociais dela, investigando quem curte suas fotos, quem comenta suas publicações e com quem ela tem mais interação nas redes sociais; $F1=.30$; $F2=.29$), 7 (Eles vêm fazendo uma poupança para fazer uma viagem, mas ele decidiu comprar um carro sem combinar com ela; $F1=.11$; $F2=.31$) e 10 (Desde que começaram o relacionamento, ele tem controlado as mensagens do celular dela, além de ter acesso a senha de todas as suas redes sociais $F1=.25$; $F2=-.03$), foram descartados. Além disso, o item 19 (Muitas vezes, depois de uma discussão, ele diz que ela deveria agradecer porque ele não bate nela, $F1=.83$; $F2=-.40$) apresentou cargas fatoriais cruzadas, dessa forma também foi descartado. A nova estrutura fatorial passou a ser composta por 29 itens e está apresentada na Tabela 1.

Tabela 1.

Estrutura fatorial da escala de percepção do abuso psicológico na parceira (EPAPP).

Itens	Fator I	Fator II
<i>Abuso emocional</i>		
14. Às vezes, após alguma discussão, ele desaparece sem avisar, chegando a passar dias sem dar notícias.	.84	-.01
21. Há algum tempo ela descobriu que ele está a traindo, mas, apesar de ser verdade, ele diz que ela está vendo coisas onde não existem.	.80	-.05
26. Muitas vezes, ele a trata com desprezo.	.76	-.13
13. Às vezes, após alguma discussão, ele fica dias sem dirigir a palavra a ela, ignorando sua presença.	.74	-.00
15. Ela se sente insatisfeita e quando tenta terminar o relacionamento, ele diz que irá se matar.	.72	-.04
16. Às vezes, após alguma discussão, ele chega a bloquear ela nas suas redes sociais, sem nenhum aviso prévio.	.70	-.01
25. Ele geralmente se incomoda quando ela fala sobre seus sentimentos.	.66	.12
20. Quando eles discutem por alguma razão, ele diz que ela é louca e vê coisas que não existem.	.64	.21

33. Muitas vezes, ele afirmou que ela é exagerada e tem reações desnecessárias as discussões do casal.	.60	.28
24. Ela, que estuda direito, explicou para ele quais são os direitos das mulheres. Ele, que não é da mesma área, não concordou e explicou para ela quais seriam esses direitos.	.56	-.07
17. Às vezes, quando estão com amigos, ele faz piadas sobre ela, chegando a humilhá-la, mesmo sabendo que ela fica desconfortável com isso.	.55	.19
32. Frequentemente, ele usa erros do passado contra ela.	.51	.26
22. Desde o começo da relação, ele se incomoda quando ela tem opiniões diferentes das dele.	.47	-.00
<i>Isolamento</i>		
11. Há algum tempo ele pede que ela não fale sobre o relacionamento dos dois para outras pessoas, mesmo que sejam amigos ou familiares dela.	.47	-.06
4. Embora ela seja uma profissional bem estabelecida, desde que os filhos do casal nasceram, ele tenta convencê-la a deixar de trabalhar para cuidar dos filhos.	-.17	.68
3. Embora ela seja uma profissional bem estabelecida, desde que começaram a se relacionar, ele pede que ela deixe de trabalhar.	-.29	.68
2. Ele não se sente à vontade quando ela encontra seus amigos homens. A fim de acabar com o desconforto ele propôs que ambos se afastassem de suas amizades com sexo oposto.	-.09	.56
1. Desde que começaram o relacionamento, ele tem proibido ela de visitar seus amigos e familiares sozinha.	-.16	.44
<i>Imposição do próprio pensamento</i>		
31. Muitas vezes, ele menosprezou as conquistas pessoais dela.	.14	.70
23. Muitas vezes, quando eles têm alguma discussão e ele se exalta, ela diz que se sente mal com a situação. Ele desdenha e diz que ela é sensível e exagerada.	.17	.70
30. Algumas vezes, ele a desencorajou de fazer coisas as quais ele não faz parte.	.17	.61
27. Algumas vezes, ele a impediu de fazer atividades das quais ela gosta.	.09	.58
29. Muitas vezes, ele não se importou com o que ela queria, fazendo apenas o que ele quer.	.21	.57
18. Quando eles discutem por qualquer razão, ele diz que ela é a culpada pelo conflito.	.19	.52
<i>Controle da vida da vítima</i>		

5. Desde que começaram o relacionamento, ele quer controlar as finanças dela, querendo ter acesso a todas as senhas dos seus cartões bancários.	-.18	.71
12. Quando ela se recusa a fazer o que ele quer, ele diz que não gosta mais dela e que vai acabar com a relação.	.01	.66
28. Ele só permite que ela saia acompanhada dele.	-.12	.62
8. Há algum tempo ele insiste para ter relações sexuais sem camisinha e, diante da recusa dela, ele agora a ameaça com o rompimento do relacionamento.	-.11	.51
9. Várias vezes ela não quer ter relações sexuais, mas ele a força dizendo que depois ela vai se sentir melhor.	-.01	.41
Número de itens	14	15
Alfa de Cronbach	.91	.89
H-latent	.96	.93

Nota. Itens ordenados de acordo com fatores hipotéticos e cargas fatoriais.

Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas, variando de 0.41 (item 9) a 0.84 (item 14). Os índices de consistências interna também foram adequados, sendo $\alpha=0.91$ no primeiro fator e $\alpha=0.89$ no segundo fator (Pasquali, 2012). A medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) sugeriu que os fatores poderão ser observados em estudos futuros ($H < 0,80$). Cabe destacar que a estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados ($\chi^2= 266.495$, $gl= 463$; $p=0.999$; RMSEA= 0.000; CFI= 0.999; TLI= 1.010). A análise semântica dos itens de cada fator permitiu nomeá-los como:

Fator I – Abuso Emocional: agrupa todos os itens da dimensão de abuso emocional que por vezes são identificados como comportamentos mais sutis do abuso psicológico (Bastos & Sá, 2021).

Fator II – Controle: representa comportamentos socialmente mais aceitos e facilmente perpetuados em relacionamentos amorosos, confundindo-se por vezes com expectativas de papéis de gênero em relacionamentos heterossexuais (Mosmann,

Lomando & Wagner, 2011). Esse fator agrupou as dimensões de Isolamento, Controle da Vida da Vítima e Imposição do Próprio Pensamento.

Estudo 2. Evidências Complementares de Validade da EPAPP.

Este estudo teve por objetivo confirmar a estrutura bifatorial da EPAPP em uma amostra independente e obter evidências de validade convergente desta medida.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 200 pessoas da população geral, com média de idade de 23.2 anos ($DP = 7.05$; amplitude de 18 a 56 anos), sendo 59.5% do sexo feminino, 39% do sexo masculino, 1% se identificou como outros e 0.5% não responderam quanto a seu gênero. Destes, 75% eram solteiros, 15% casados, 4.5% namorando, 3.5% estavam em um tipo de relacionamento não especificado e 1.5% eram divorciados. Em relação à escolaridade dos participantes, 60.5% declararam nível superior, 29% ensino médio e 10% pós-graduação. Quanto à orientação sexual, 77% se afirmam enquanto heterossexuais, 11% bissexuais, 5% homossexuais, 4% lésbicas, 4% assexuais, 4% afirmaram ter outra sexualidade e 2% não sabiam qual sua orientação sexual. Em relação à autoclassificação racial, foram 42% brancos, seguidos de pardos (41.5%), negros (14.5%) e outra cor de pele não especificada (.5%).

Instrumentos e Procedimento de coleta de dados

Os mesmos instrumentos e procedimentos de coleta do Estudo 1 foram aplicados. Além disso, para verificar a validade convergente do instrumento desenvolvido, foi utilizado o Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1997), medida adaptada para o contexto brasileiro por Formiga, Gouveia e Santos

(2002). Essa medida contém 22 itens, que mensuram duas dimensões: Sexismo Hostil e Sexismo Benevolente, que no presente estudo apresentaram bons índices de consistência interna, sendo .79 e .84, respectivamente. Os itens eram respondidos com uma escala de resposta tipo *Likert* que variava de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). A amostra foi não-probabilística por conveniência, cuja participação se deu por meio de um questionário impresso. Os participantes foram abordados em lugares de grande circulação.

Procedimentos de análise de dados

Foi utilizado o *Software Jasp* (versão 0.15.0.0) para realização da análise fatorial confirmatória (AFC). A análise foi implementada utilizando o método de estimação *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS). Foram considerados os mesmos indicadores de ajustes utilizados no Estudo 1 e também foi levado em consideração o índice *Expected Cross-Validation Index* (ECVI) para comparação com outros modelos fatoriais, valores de ECVI mais baixos indicam melhor ajuste do modelo analisado. Assim como no Estudo 1, a consistência interna do instrumento foi medida por meio do alfa de Cronbach. Ainda, a fim de obter evidências de validade convergentes, foram realizadas correlações bivariadas com os itens do Inventário do Sexismo Ambivalente por meio do *software SPSS* em sua versão 23.

Resultados

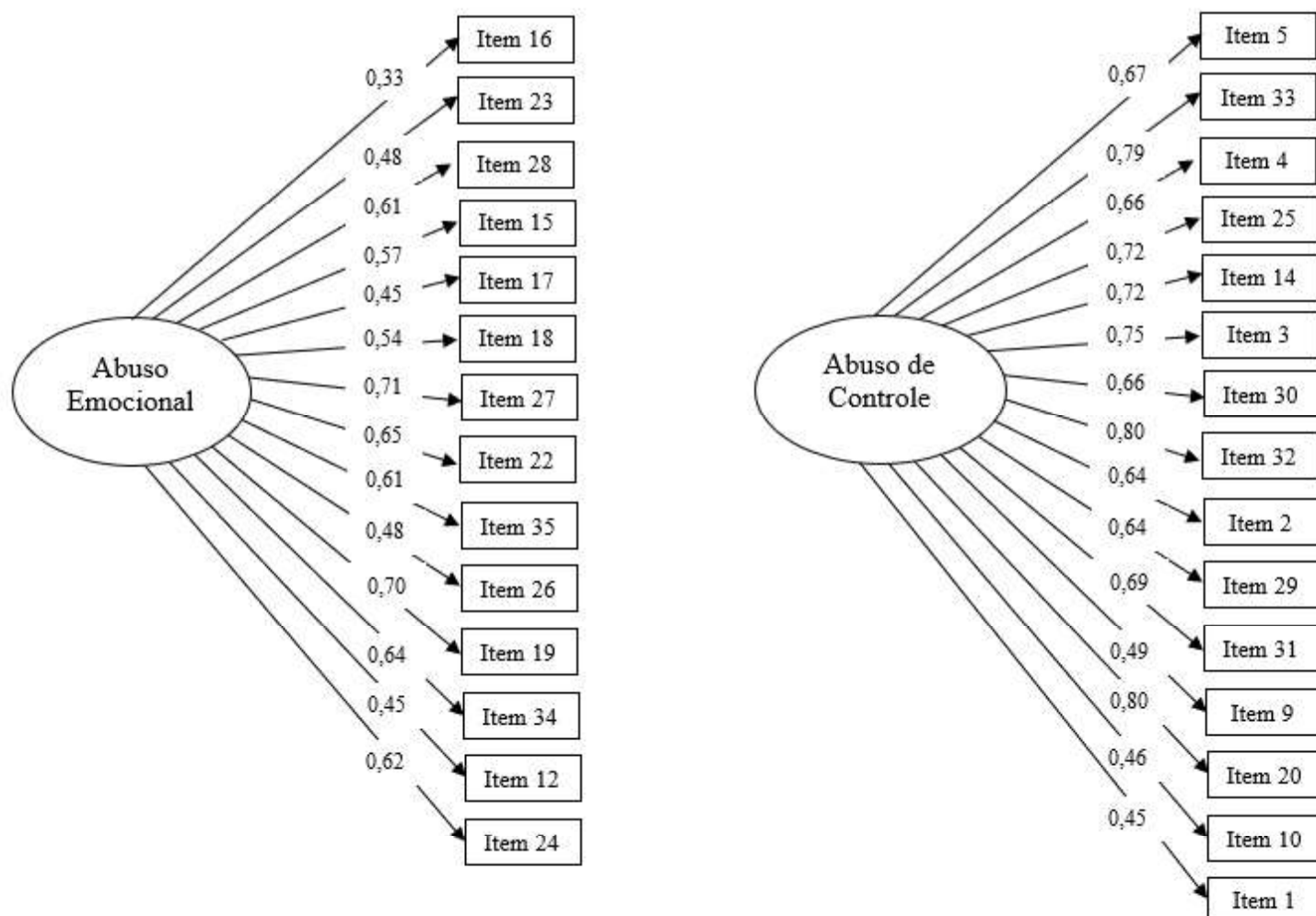
Os resultados da AFC para os modelos unifatorial, bifatorial e tetrafatorial, estão ilustrados na Tabela 2.

Tabela 2.

Índices de ajustes para os modelos unifatorial, bifatorial e tetrafatorial.

Modelo	$\chi^2 (gl), p$	χ^2 / gl	CFI	TLI	RMSEA (IC90%)	ECVI
Unifatorial	248.107 (377), 1.00	.65	1.00	1.04	.00 (.00;.00)	1.88
Bifatorial	202.153 (376), 1.00	.53	1.00	1.06	.00 (.00;.00)	1.65
Tetrafatorial	2299.313 (377), 0.001	6.09	.38	.33	.163 (.156;.169)	12.51

Além disso, os alfas de Cronbach foram de .86 para o fator 1 (Abuso Emocional) e de .93 para o fator 2 (Controle). As cargas fatoriais dos itens estão ilustradas na Figura 1.

Figura 3.*Estrutura Fatorial da EPAPP*

Por fim, a partir de análises de correlação bivariada, observa-se que houveram baixas correlações entre os fatores da EPAPP com o fator sexismo hostil da escala de sexismo ambivalente (Abuso Emocional $r=-.28$, $p < .001$; Controle $r=-.220$, $p < .001$).

Discussão

O abuso psicológico é um tipo de violência que tem sido desmemoriada em pesquisas sobre violência intraconjugal. Dentre os aspectos pouco estudados sobre este fenômeno, encontra-se uma lacuna em relação à percepção das pessoas sobre o mesmo,

o que também atinge a esfera das medidas psicológicas que não mensuram a percepção do abuso psicológico. Faz-se importante estudar acerca da percepção desta violência, tendo em vista que esse é um fator que influencia na manutenção de outras formas de violências entre parceiros íntimos (Marco et al., 2020), ocasionando a perpetração do abuso e permanência das vítimas nestas relações. Além disso, é por meio da percepção do abuso que se explica a tolerância e aceitação à violência, (Marques-Fagundes, Megías, García-García & Petkanopoulou, 2015; Rodríguez-Carballeira et al., 2005; Muñoz-Rivas e al., 2011).

Deste modo, o presente artigo visou a construção de um instrumento para mensurar a percepção do abuso psicológico na parceira em um relacionamento íntimo. Para tanto, buscou também evidenciar empiricamente a estrutura fatorial da escala e evidências complementares de ajustes psicométricos por meio de validade convergente com um constructo relacionado. Para alcançar os objetivos aqui propostos, foram realizados dois estudos, a saber: o primeiro verificou a adequação fatorial do instrumento e o segundo visou confirmar a estrutura fatorial observada no segundo estudo, bem como trazer evidências complementares de sua validade convergente.

O Estudo 1 verificou empiricamente a estrutura fatorial da EPAPP. Apesar do instrumento ter sido desenvolvido com base em quatro dimensões (Isolamento, Controle da vida da vítima, Abuso emocional e Imposição do próprio pensamento), os resultados da análise paralela demonstraram melhor adequação à uma dimensão bifatorial. O primeiro fator agrupa os itens do fator hipotético Abuso Emocional, sendo assim nomeado. No entanto, um item do componente isolamento se agrupou ao fator de Abuso Emocional (item 11: Há algum tempo ele pede que ela não fale sobre o relacionamento dos dois para outras pessoas, mesmo que sejam amigos ou familiares dela). Isso pode ter ocorrido por ele ter uma conotação sutil do abuso psicológico, ao utilizar-se o verbo

“pede”, pode sugerir que o agressor não está fazendo uma imposição. Ou seja, por mais que tivemos a colaboração de três juízes na construção dos itens, ainda carecia de uma revisão semântica mais aprofundada para revisão deste termo.

No que se refere ao segundo fator, houve o agrupamento dos demais fatores hipotetizados, pois exprimem uma ideia de imposição, sendo considerado um abuso mais flagrante ou de maior intensidade porque representam comportamentos de controle da vida da vítima. Assim, esse fator foi nomeado de “Abuso de Controle”. Além da nova estrutura fatorial observada empiricamente, o Estudo 1 também apontou a exclusão de alguns itens. Os itens 6, 7 e 10, apresentaram baixas cargas fatoriais. Os itens 6 e 10 dizem respeito ao abuso digital no relacionamento e a literatura aponta que essa forma de abuso é frequentemente reproduzida em jovens, que representam a amostra do Estudo 1 deste artigo. Assim sendo, esse tipo de abuso pode estar sendo naturalizado, o que implica na percepção que ele não é um comportamento abusivo (Fernandéz-Antelo, Cuadrado-Gordillo & Parra, 2020). VÍllora, Navarro e Yubero (2019) explicam que isso ocorre justamente por uma naturalização dos comportamentos de controle e monitoramento e, por esta razão, o abuso digital acaba se tornando comum nas relações amorosas e não é percebido como algo abusivo.

Já o item 7 (Eles vêm fazendo uma poupança para fazer uma viagem, mas ele decidiu comprar um carro sem combinar com ela) também pode não ter sido entendido como uma forma de abuso contra a parceira já que exprime uma ideia de papéis de gênero fortemente aceita, que é representada pelo controle financeiro do homem sobre as decisões do casal (Postmus, Hoge, Breckenridge, Sharp-Jeffs & Chung, 2020). Os resultados apontaram também a existência de cargas fatoriais cruzadas no item 19 (Muitas vezes, depois de uma discussão, ele diz que ela deveria agradecer porque ele

não bate nela), que compara o abuso físico ao psicológico, o que supostamente pode tê-lo tornado ambíguo.

Por fim, no que diz respeito aos índices de ajuste da medida, verificou-se bons indicadores ($RMSEA < .05$, $CFI > .90$, $TLI > .99$ e $H\text{-index} > .80$; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018), além de bons indicadores de consistência interna (Pasquali, 2012). Esta estrutura foi confirmada no Estudo 2, por meio da comparação do modelo bifatorial com unifatorial e tetrafatorial.

Ademais, apesar do sexismo ambivalente ser um constructo amplamente utilizado no estudo acerca da violência contra as mulheres (Gancedo et al., 2020; Marques-Fagundes et al., 2014; Yang et al., 2023), os resultados indicam uma baixa correlação entre o instrumento desenvolvido e o sexismo ambivalente. Isso pode ter ocorrido devido ao perfil amostral do segundo estudo, que foi composto em sua maioria por mulheres. De acordo com Filho et al. (2018) a adesão ao sexismo varia de acordo com o gênero e o nível de escolaridade dos sujeitos, sendo as mulheres e universitários os que endossam menos esse constructo.

O perfil amostral do trabalho aqui também pode ser listado como uma das limitações do nosso trabalho, pois houve uma concentração em um perfil jovem e, em sua maioria, com ensino superior, não sendo, portanto, representativo da população geral. Sugerimos que estudos futuros desenvolva investigações com outro perfil amostral, ampliando também para a população geral. Ademais, apesar do Estudo 1 apresentar uma distribuição mais equilibrada entre os gêneros, o Estudo 2 foi composto em sua maioria por mulheres, e sabemos que este construto está sujeito à influência do gênero, pois as mulheres tendem a perceber mais violências perpetradas contra elas do que os homens (Paiva & Tavares, 2020), além disso, os homens tendem a aceitar mais o abuso psicológico dentro dos relacionamentos em comparação as mulheres (Capezza,

D'Intino, Flynn & Arriaga, 2021). Apesar de não haver evidências psicométricas de que nosso instrumento sofreu influência do gênero, sugerimos que estudos futuros investiguem este aspecto.

Ademais, a escala tem um viés heteronormativo, já que os itens retratam uma relação heterossexual. No entanto, a literatura aponta que o abuso emocional contra a/o parceira(o) não ocorre somente nessa configuração de relacionamento (Ghinassi, Ponti & Tani, 2021). Assim, é importante ressaltar a importância de estudos futuros adaptarem o instrumento aqui apresentado para relações homoafetivas também.

Por fim, cabe destacar que apesar dessas limitações, o presente instrumento demonstrou bons índices de ajuste psicométrico em ambos estudos apresentados. Além disso, traz uma nova perspectiva para a compreensão do abuso psicológico contra a parceira, já que é um instrumento que descentraliza as investigações da vítima e do agressor, trazendo uma nova ótica para a compreensão do que as pessoas consideram ser um comportamento psicologicamente abusivo em um relacionamento.

A EPAPP é um instrumento que possibilita a investigação da percepção do abuso psicológico sem a implicação pessoal do respondente. As perguntas indiretas do que o sujeito acredita ser um comportamento abusivo em um relacionamento, que não o seu propriamente dito, possibilita a investigação de uma forma mais indireta desse constructo. Sugerimos que estudos futuros trabalhem com a rede de apoio das vítimas, analisando a percepção do abuso psicológico em policiais e delegados/as das delegacias da mulher, que trabalham direto com as vítimas dessa violência. Por fim, acreditamos que os futuros estudos, desenvolvidos com o suporte do presente instrumento, possam ampliar e aprimorar novas políticas públicas e educacionais de intervenção contra a violência psicológica em relacionamentos amorosos.

Referencias

- Almendros, C., Gámez-Guadix, M., Carrobbles, J. A., Rodríguez-Carballeira, Á., & Porrúa, C. (2009). Abuso psicológico en la pareja: aportaciones recientes, concepto y medición. *Psicología Conductual*, 17(3), 433-451. Recuperado de <https://www.researchgate.net/publication/287834214>
- Arias, I., & Pape, K. T. (1999). Psychological abuse: Implications for adjustment and commitment to leave violent partners. *Violence and victims*, 14(1), 55-67. doi:10.1891/0886-6708.14.1.55
- Arriaga, X. B., & Schkeryantz, E. L. (2015). Intimate relationships and personal distress: The invisible harm of psychological aggression. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(10), 1332-1344. doi: <https://doi.org/10.1177/0146167215594123>
- Asparouhov, T., & Muthén, B. (2010). Weighted least squares estimation with missing data. *Mplus technical appendix*, 5, 1-10. Recuperado de <http://www.statmodel.com/download/GstrucMissingRevision.pdf>
- Ayres, C. R. (2017). *Casa da mulher brasileira: Uma política pública para mulheres em situação de violência*. (Dissertação de mestrado). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba.
- Bastos, L. F., & Sá, L. G. C. D. (2021). O que os olhos não veem, o coração não sente? Desenvolvimento de um instrumento brasileiro para avaliar a violência psicológica contra a mulher. *Contextos Clínicos*, 14(2), 632-659. doi: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2021.142.12>
- Bisquert-Bover, M., Giménez-García, C., Gil Juliá, B., & Martínez Gómez, N. (2019). Mitos del amor romántico y autoestima en adolescentes. *International Journal of*

Developmental and Educational Psychology, 1(4), 507-518. Recuperado de https://www.lareferencia.info/vufind/Record/ES_5397a7ab32a6a671bc70ad9c46d15b29

Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: The Guilford Press.

Calvete, E., Corral, S., & Estévez, A. (2008). Coping as a mediator and moderator between intimate partner violence and symptoms of anxiety and depression. *Violence against women*, 14(8), 886-904.
doi:<https://doi.org/10.1177/1077801208320907>

Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A., & Teodoro, M. L. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. Em L. Pasquali. *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas* (pp.506-520). Porto Alegre: Artmed.

Collins, T. J., & Gillath, O. (2012). Attachment, breakup strategies, and associated outcomes: The effects of security enhancement on the selection of breakup strategies. *Journal of Research in Personality*, 46(2), 210-222.
doi:<https://doi.org/10.1016/j.jrp.2012.01.008>

Conselho Federal de Psicologia. (2016). Saúde mental e gênero: o adoecimento psíquico e as violências invisibilizadas. *Jornal do federal*, Brasília. Recuperado de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/03/CFP_JornalFed_Mar_Final_15.03.pdf

Capezza, N. M., & Arriaga, X. B. (2008). Factors associated with acceptance of psychological aggression against women. *Violence against women*, 14(6), 612-633.
doi: <https://doi.org/10.1177/1077801208319004>

- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78, 762-780.
doi:10.1177/0013164417719308
- Fernández-Antelo, I., Cuadrado-Gordillo, I., & Martín-Mora Parra, G. (2020). Synergy between acceptance of violence and sexist attitudes as a dating violence risk factor. *International journal of environmental research and public health*, 17(14), 5209. doi:<https://doi.org/10.3390/ijerph17145209>
- Flach, R. M .D., & Deslandes, S. F. (2017). Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. *Cad. Saúde Pública*, 33(7). doi:10.1590/0102-311X00138516
- Formiga, N. S., Golveia, V. V., & Santos, M. N. D. (2002). Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero. *Psicologia em estudo*, 7, 103-111. doi:<https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000100013>
- Gebara, C., Andrade, F., Fita, C., & Raybolt, F. (2020). Violência doméstica e percepção social: um estudo bibliométrico. *Synesis*, 12(2), 23-40. Recuperado de <https://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/2041>
- Ghinassi, S., Ponti, L., & Tani, F. (2021). Forms of psychological abuse in heterosexual and homosexual romantic relationships. *Mediterranean Journal of Clinical Psychology*, 9(2). Recuperado de <https://cab.unime.it/journals/index.php/MJCP/article/view/2989/pdf>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women. *Psychology of women quarterly*, 21(1), 119-135.
doi:<https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>

- Hammock, G. S., Richardson, D. S., Williams, C., & Janit, A. S. (2015). Perceptions of psychological and physical aggression between heterosexual partners. *Journal of Family Violence*, 30(1), 13-26. doi:10.1007/s10896-014-9645-y
- Jimenez, J. S. G., Varela, F., & Del Rocio, M. A. (2017). Gaslighting. La invisible violencia psicológica. *UARICHA Revista de Psicología*, 14(32), 53-60. Recuperado de <http://dspace.uan.mx:8080/bitstream/123456789/2062/1/Gaslighting%20La%20invisible%20violencia%20psicologica.pdf>
- Joyce, J. B., Humă, B., Ristimäki, H. L., Almeida, F. F. D., & Doehring, A. (2021). Speaking out against everyday sexism: Gender and epistemics in accusations of “mansplaining”. *Feminism & Psychology*, 31(4), 502-529. doi:<https://doi.org/10.1177/0959353520979499>
- Lacerda, C. J. (2022). *Violência doméstica e familiar contra a mulher e a situação de vulnerabilidade*. (Trabalho de conclusão de Curso). UniEvangélica, Anápolis.
- LeFebvre, L. E., Allen, M., Ryan D. R., Shelby, G., Wilms, A., & Parrish, C. (2019). Ghosting in Emerging Adults’ Romantic Relationships: The Digital Dissolution Disappearance Strategy Imagination, *Cognition and Personality: Consciousness in Theory, Research, and Clinical Practice*, 39(2) 125–150. doi:10.1177/0276236618820519
- Li, L., & Hu, Y. (2016). Nonlinear bending and free vibration analyses of nonlocal strain gradient beams made of functionally graded material. *International Journal of Engineering Science*, 107, 77-97. doi:<https://doi.org/10.1016/j.ijengsci.2016.07.011>

- Lopes, N. C. (2017). *O stalking na violência entre parceiros íntimos: a perspectiva das vítimas*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2019). Robust Promin: a method for diagonally weighted factor rotation. *LIBERABIT. Revista Peruana de Psicología*, 25(1), 99-106. doi:<https://doi.org/10.24265/liberabit.2019.v25n1.08>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2021). *Manual Of The Program FACTOR*. Departament de Psicologia Universitat Rovira i Virgili. Recuperado de <https://psico.fcep.urv.cat/utilitats/factor/index.html>
- Machado, C., Matos, M., & Gonçalves, M. M. (2004). E. C. V. C. - Escala de crenças sobre a violência conjugal. In L. Almeida, M. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Coords.), *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa*. (v.2, pp. 127-140). Coimbra: Quarteto.
- Magalhães, T. (2020). *Violência e abuso: respostas simples para questões complexas*. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press.
- Marques-Fagundes, A. L., Megías, J. L., García-García, D. M., & Petkanopoulou, K. (2015). Ambivalent sexism and egalitarian ideology in perception of psychological abuse and (in) vulnerability to violence/sexismo ambivalente e ideología igualitaria en la percepción del maltrato psicológico y la (in) vulnerabilidad a la violencia. *Revista de Psicología Social*, 30(1), 31-59. doi: <https://doi.org/10.1080/02134748.2014.991519>
- Marshal, L. L. (1999). Effects of Men's Subtle and Overt Psychological Abuse on Low-Income Women, *Violence and Victims*, 14 (1), 69- 88. doi:10.1891/0886-6708.14.1.69

- Mesquita Filho, M., Marques, T. F., Rocha, A. B. C., Oliveira, S. R. D., Brito, M. B., & Pereira, C. C. Q. (2018). O preconceito contra a mulher entre trabalhadores da Atenção Primária em Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23, 3491-3504. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.00132017>
- Mosmann, C. P., Lomando, E., & Wagner, A. (2011). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais. *Barbaroi*, 33, 135-152. doi:<https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i0.1644>
- Oliveira, I. D. (2021). *Violência no namoro: Legitimação da violência nas relações amorosas entre adolescentes*. (Dissertação de mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Oram, S., Khalifeh, H., & Howard, L. H. (2017). Violence against women and mental health. *The Lancet Psychiatry*, 4(2). doi: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(16\)30261-9](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(16)30261-9)
- Oxford Learner's Dictionary. S/d. *Mansplainingh*. Recuperado de <<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/mansplaining>>
- Paiva, T. T., & Tavares, S. M. (2020). *Violência no namoro: uma comparação entre os sexos*. Resumo apresentado no IV Congresso brasileiro de ciências da saúde, saúde populacional: Metas e desafios do século XXI, Campina Grande, PB. Recuperado de <https://www.editorarealize.com.br/edicao/detalhes/anais-do-iv-conbracis?page=18>
- Pasquali, L. (2012). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília, DF: LabPam.
- Porrúa, C., Rodríguez-Carballera, A., Almendros, C., Escartín, J., Martín-Peña, J., & Santaña, O. (2010). Análisis de las estrategias de abuso psicológico en la violencia de pareja. *Informació psicológica*, (99), 53-63. <https://www.informaciopsicologica.info/revista/article/view/148/114>

- Porrúa-García, C., Rodríguez Carballeira, Á., Escartín Solanelles, J., Gómez Benito, J., Almendros Rodríguez, C., & Martín Peña, J. (2016). Development and validation of the scale of psychological abuse in intimate partner violence (EAPA-P). *Psicothema*, 28(2), 214-221. doi: 10.7334/psicothema2015.197
- Postmus, J. L., Hoge, G. L., Breckenridge, J., Sharp-Jeffs, N., & Chung, D. (2020). Economic abuse as an invisible form of domestic violence: A multicountry review. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(2), 261-283. doi:10.1177/1524838018764160
- Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2021). What is violence? The role of sexism and social dominance orientation in recognizing violence against women. *Journal of interpersonal violence*, 36, 21-22. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>
- Souza, I. T., Passos, T. S., Almeida, L. M., & Almeida-Santos, M. A. (2021). Perfil epidemiológico da violência interpessoal no Brasil entre 2015 e 2019. *Research, Society and Development*, 10(16), doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i16.23204>
- Spitzberg, B. H., Cupach, W. R., Hannawa, A. F., & Crowley, J. P. (2014). A preliminary test of a relational goal pursuit theory of obsessive relational intrusion and stalking. *Studies in Communication Sciences*, 14(1), 29-36. doi:<https://doi.org/10.1016/j.scoms.2014.03.007>
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. U. E., & Sugarman, D. B. (1996). The revised conflict tactics scales (CTS2) development and preliminary psychometric data. *Journal of family issues*, 17(3), 283-316. doi:<https://doi.org/10.1177/019251396017003001>
- Silva, F. V., & Barbosa, M. D. S. M. F. (2016). Até que o ghosting os separe: a produção de subjetividade em discursos sobre o amor virtual. *Calidoscópio*, 14(2),

265-275. Recuperado de

<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2016.142.09>

Taquette, S. R., & Monteiro, D. L. M. (2019). Causes and consequences of adolescent dating violence: A systematic review. *J Inj Violence Res*, 11(2), 137–147. doi: 10.5249/jivr.v11i2.1061

Texeira, M. G. M., & Júnior, F. B. A. (2021). Violencia psicológica por parte de un compañero íntimo: construyendo una escala para el cribado. *Revista de Investigación en Psicología*, 24(1), 159 – 178. doi: <https://dx.doi.org/10.15381/rinvp.v24i1.20610>

Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality Assessment of Ordered Polytomous Items with Parallel Analysis. *Psychological Methods*, 16, 209-220. doi:10.1037/a0023353

Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Walrave, M., Ponnet, K., & Peeters, E. (2017). Sexting: Adolescents' perceptions of the applications used for, motives for, and consequences of sexting. *Journal of Youth Studies*, 20(4), 446-470. doi: <https://doi.org/10.1080/13676261.2016.1241865>

Víllora, B., Navarro, R., & Yubera, S. (2019). Abuso online en el noviazgo y su relación con el abuso del móvil, la aceptación de la violencia y los mitos sobre el amor. *Revista Suma Psicológica*, 26(1), 46-54. doi: <http://dx.doi.org/10.14349/sumapsi.2019.v26.n1.6>

Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of youth and adolescence*, 43(8), 1306-1321. doi:10.1007/s10964-013-0047-x

DISCUSSÕES PARCIAIS

O Artigo 1 desta tese foi elaborado com o objetivo de suprir uma lacuna teórico-metodológica no que diz respeito à mensuração da percepção do abuso psicológico. Dessa forma, foi desenvolvida uma escala psicológica que corrobora uma nova perspectiva de estudo desse fenômeno.

A Escala de Percepção do Abuso Psicológico contra a Parceira (EPAPP) lança luz sobre aspectos teóricos que compõem o abuso psicológico e que anteriormente eram trabalhados de forma isolada. Apesar do reconhecimento de que alguns desses componentes estão de fato presentes no abuso psicológico, como é o caso do *stalking* (Basile & Hall, 2011; Dye & Davis, 2003; Kurt, 1995; Mechanic, et al., 2002) e do abuso virtual (Gámez-Guadix et al., 2016; Van Ouytsel et al., 2017; Zweig et al., 2014), eles ainda eram tratados de forma isolada. Além disso, foram incorporados outros aspectos que são compreendidos como meios para a perpetração do abuso psicológico (Ostracismo, *Gaslighting* e *Mansplaining*), passando a considerar que esses conceitos são vistos como facilitadores para a perpetração do abuso psicológico contra a parceira.

Apesar de ser uma medida de autorrelato, a EPAPP apresenta um viés inovador, indo além do contexto teórico na compreensão desse fenômeno. Ela também lança luz sobre uma nova maneira de analisar a percepção das pessoas em relação ao abuso psicológico, adotando um caráter impessoal. Isso evita envolver diretamente o respondente ao lidar com os itens, algo que não foi observado em outras medidas que analisam o abuso psicológico (Garcia *et al.*, 2016; Machado, Matos & Goncalves, 2008; Marshall, 1999; Straus et al., 1996; Texeira & Júnior, 2021).

Portanto, ao abordar esse aspecto, o Artigo 1 oferece um novo instrumento que auxilia na mensuração da percepção do abuso psicológico e corrobora de forma prática os estudos futuros sobre este fenômeno. Além disso, a EPAPP também será adotada no Artigo 2 e, fornecendo dados para responder às hipóteses guias da presente tese.

Artigo 2.**Percepção do abuso psicológico no Brasil: O papel do sexismo e dos mitos de amor****Perception of psychological abuse in Brazil: The role of sexism and love myths**

Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10811168>

Francicléia Lopes Silva¹

Ana Raquel Rosas Torres¹

José Luís Álvaro Estramiana²

¹Universidade Federal da Paraíba

² Universidad Complutense de Madrid

[Como citar: Silva, F. L., Torres, A.R.R., & Estramiana, J. L. A. (2024). Percepção do abuso psicológico no brasil: O papel do sexismo e dos mitos de amor. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, 17(50). 761-781.]

Resumo: O abuso psicológico é a forma de violência interpessoal mais reportada por mulheres ao redor do mundo. Entretanto, essa forma de abuso é por vezes despercebida como danosa. Dessa forma, o presente artigo objetivou analisar se os mitos do amor romântico e o sexismo ambivalente explicavam a percepção do abuso, para tanto foi testado cinco hipóteses. Tratou-se de um estudo quase-experimental 2x2x2, em que foram manipulados o tipo de abuso psicológico (abuso emocional x abuso de controle), o relacionamento (casado x namorando) e o conteúdo romântico das histórias (romântico x não romântico). Participaram do estudo 214 estudantes, em sua maioria do sexo feminino (54,7%), com média de idade de 22,4 anos (amplitude 18 a 55 anos). Foi utilizado o software SPSS para as análises de dados, e foram executadas análises multivariadas, correlacionais e descritivas. Os resultados corroboram para a aceitação de uma hipótese, e confirmação parcial de três outras hipóteses, as quais previram que o abuso de controle é mais percebido que o abuso emocional e que os mitos de amor estão relacionados com a diminuição da percepção do abuso psicológico, além disso, o sexismo moderou a relação da percepção do abuso psicológico com os tipos de abuso e de relacionamento amoroso. Assim, pode-se concluir que o presente artigo corrobora com os estudos sobre a percepção da violência, em especial do abuso psicológico contra a mulher, de modo que, ilustra como se dá a relação dos mitos de amor e do sexismo como variáveis relacionadas na explicação e entendimento deste fenômeno.

Palavras-chave: abuso psicológico. mitos do amor romântico. percepção. sexismo ambivalente.

Abstract: Psychological abuse is the most reported form of interpersonal violence by women around the world. However, this form of abuse is sometimes overlooked as harmful. Thus, this article aimed to analyze whether myths of romantic love and ambivalent sexism explained the perception of abuse, and five hypotheses were tested for this purpose. It was a quasi-experimental 2x2x2 study, where the type of psychological abuse (emotional abuse x control abuse), relationship status (married x dating), and romantic content of stories (romantic x non-romantic) were manipulated. A total of 214 students participated in the study, mostly female (54.7%), with an average age of 22.4 years (range 18 to 55 years). The SPSS software was used for data analysis, and multivariate, correlational, and descriptive analyses were performed. The results support one hypothesis and partially confirm three other hypotheses, which predicted that control abuse is more perceived than emotional abuse and that love myths are related to reduced perception of psychological abuse. Additionally, sexism moderated the relationship between the perception of psychological abuse and the types of abuse and romantic relationship. Thus, this article contributes to the understanding of violence perception, especially psychological abuse against women, illustrating how myths of love and sexism are related variables in explaining and understanding this phenomenon.

Keywords: ambivalent sexism. myths of romantic love. perception. psychological abuse.

INTRODUÇÃO

Apesar do abuso psicológico ser reconhecido por lei como uma forma de violência contra a mulher desde 2006 (Lei nº 11.340), somente em 2021, com a homologação da Lei nº 14.188, passou a ser considerado uma forma de violência passível de punição. Apenas após a homologação dessa lei as mulheres vítimas de abuso psicológico adquiriram os mesmos direitos daquelas vítimas de abuso físico, como, por exemplo, a medida protetiva, que prevê o afastamento do agressor dos locais de convívio da vítima.

A necessidade do desenvolvimento de uma lei exclusiva para o reconhecimento do abuso psicológico enquanto violência aponta tanto para o seu silenciamento quanto para sua naturalização. Essa necessidade denuncia o que pesquisadores já demonstraram empiricamente: o abuso psicológico é compreendido como algo “comum” nos relacionamentos, não sendo percebido como algo violento.

No campo de estudo sobre a temática, é amplamente reconhecido o fato de que o abuso psicológico não apenas é a violência de gênero mais reportada pelas mulheres, mas também é a forma de violência que antecede outras formas de abuso (como o físico, sexual e afins). Sendo assim, estudar os aspectos que explicam como tal violência é percebida apresenta relevância na compreensão deste fenômeno e, consequentemente, abrange as estruturas de perpetuação da violência de gênero, o que justifica a realização desta pesquisa.

Deste modo, esta pesquisa objetivou analisar quais aspectos psicossociais funcionariam como uma lente embaçada dificultando a percepção do abuso psicológico como um tipo de violência. Para alcançar tal objetivo, realizou-se um estudo com delineamento quase-experimental, com um desenho 2 (tipo de abuso: emocional vs. controle) x 2 (mitos de amor de casamento: namoro vs. casamento) x 2 (mitos de amor de romanticismo: conteúdo na história romântico vs. sem conteúdo romântico).

O presente artigo está organizado em sessões: (1) Primeiro é apresentado o referencial teórico acerca da temática, e apresenta como as variáveis investigadas estão articuladas. Nesta sessão, também apresentamos as hipóteses. (2) Em seguida, apresentamos a metodologia, que consiste na apresentação dos aspectos dos procedimentos adotados para a execução da pesquisa. (3) A terceira sessão volta-se para os resultados e discussões, onde apresentamos os resultados conforme as hipóteses e discutimos teoricamente os principais achados. (4) E, por fim, apresentamos as considerações finais do estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O abuso psicológico busca controlar a parceira e pode ser caracterizado por críticas rotineiras e/ou agressões verbais, como xingamentos e insultos, além de atos de isolamento do parceiro e até mesmo condutas degradantes no plano sexual (BOAH et al., 2023; WILSON; SMIRLES, 2020). Essa forma de violência manifesta-se de maneiras mais ou menos evidentes. A forma mais evidente do abuso psicológico ocorre por meio do abuso de controle (CROSS, 2022), como o controle financeiro e dos dispositivos eletrônicos da vítima. Já a forma mais sutil é chamada de abuso emocional (CHRISTY et al., 2022), que se manifesta por meio de humilhações e manipulação da vítima.

Por ser uma violência que não deixa marcas visíveis, como lesões corporais como acontece na violência física (WHITE *et al.*, 2024), o abuso psicológico pode passar despercebido. Além disso, o abuso psicológico é mais comum que o abuso físico, fazendo com que os indivíduos minimizem a gravidade do abuso psicológico

(AIZPURUA *et al.*, 2021; BOAH *et al.*, 2023). De acordo com Spencer e colaboradores (2021), a percepção da gravidade da violência difere com base no gênero, sendo mais percebido pelas mulheres do que pelos homens. Além disso, o abuso físico tende a ser mais percebido como grave, mesmo quando comparando níveis mais leves de abuso físico com níveis mais severos de abuso psicológico (STEPHENSON; WICKHAM; CAPEZZA, 2018). Ademais, as pessoas tendem a culpabilizar mais o abusador físico do que o psicológico (OWARISH-GROSS, 2012).

A literatura sobre o tema tem ilustrado essa minimização do abuso psicológico em detrimento do físico. Por exemplo, Wilson e Smirles (2020) fizeram uma comparação entre a percepção do abuso físico e do psicológico, este último em duas situações: quando ocorria presencialmente e quando ocorria de forma eletrônica, por meio de mensagens de texto. De acordo com esse estudo, o abuso físico continua sendo a forma de violência percebida como mais grave em comparação ao abuso psicológico. Ademais, em termos perceptivos, os participantes não diferem entre o abuso psicológico cara-a-cara e o abuso psicológico virtual, porém, tendem a atribuir mais culpa ao abusador psicológico “cara a cara” (WILSON; SMIRLES, 2020).

Em decorrência da exposição constante a comportamentos hostis, as pessoas podem naturalizar o abuso psicológico, não o percebendo enquanto uma violência grave (GARCÍA-DÍAZ *et al.*, 2017). Porém, faz-se importante destacar que, apesar de o abuso psicológico, às vezes, ser considerado inofensivo, suas consequências se equiparam às do abuso físico, tais como: sintomatologia depressiva, ansiedade, estresse pós-traumático, transtornos alimentares, distúrbios do sono e consumo abusivo de álcool e substâncias (OLIVEIRA, 2020).

A falta de percepção do abuso psicológico enquanto uma violência grave pode levar a sua subnotificação ou mesmo a nenhum tipo de notificação, fazendo com que a vítima sofra por muito mais tempo (BRITO; BAPTISTA; MOLINA, 2023). O entendimento da percepção desse abuso também implica a assimilação dos estigmas que geram a culpabilização das vítimas, além do caráter educativo, já que fornece um panorama dos comportamentos violentos que são aceitos socialmente (MASCI; SANDERSON, 2017), sendo indispensável para a mudança de atitudes e comportamentos agressivos (FERNANDES; GRAUPE; CAMPOS, 2023). Além disso, como ressalta Brito, Baptista e Molina (2023), é inevitável mencionar que estudos deste caráter podem auxiliar no desenvolvimento e aprimoramento de políticas públicas e de atuação do psicólogo em serviços de atenção às mulheres em situação de violência.

De acordo com Brito, Baptista e Molina (2023), a violência de gênero está enraizada em valores patriarcais e representações simbólicas de opressão, dominação e exploração masculina. Além disso, a *American Psychological Association* (2018) reconhece que esses fatores ideológicos justificam a desigualdade de gênero e potencializam a vulnerabilidade social das mulheres. Neste sentido, destacam-se o sexismo e os mitos do amor romântico. Este último é compreendido como um conjunto de crenças irreais sobre a natureza e a verdade do amor (YELA, 2003). Esses mitos são socialmente aceitos e fomentam a manutenção de estereótipos de gênero e da desigualdade de poder entre homens e mulheres (SANCHEZ-HERNANDEZ; HERRERA-ENRIQUEZ; EXPOSITO, 2020).

Alguns investigadores elucidaram quais seriam os mitos de amor romântico (PIÑEIRO; PIÑUELA; YELA, 2022). De acordo com Piñeiro, Piñuela e Yela (2021), estes podem ser listados em quatro grandes mitos:

- *Posse* (Amor controlador e ciúmes): são os mitos vinculados ao controle, bem como com a necessidade de um parceiro para dar sentido à vida. Estes mitos têm forte relação com as diferenças de poder de gênero,

sendo os homens percebidos como dominantes, agressivos e controladores (Herrera, 2010), enquanto as mulheres devem ser cuidadoras e protegidas, subordinadas ao homem no amor (BOSCH *et al.*, 2013).

- *Abnegação* (Amor de entrega e renúncia extrema): vincula o amor a um esforço, apoio e entrega extrema para o parceiro; compartilha a ideia de que o amor deve levar à renúncia da individualidade do sujeito, colocando o parceiro acima de tudo.
- *Romanticismo* (Amor místico e idealizado): agrupa as crenças mais irracionais e de expectativas extremadas sobre o amor. Centrada no conceito do amor romântico vinculado à literatura e ao movimento cultural do romanticismo, do final do século XVIII (BRANDEN, 2000). Este mito compreende o amor como algo grandioso e transcendental. Agrupa mitos da onipotência, idealização, irracionalidade e amor à primeira vista (SPRECHER; METTS, 1989; HINKLE; SPORAKOWSKI, 1975).
- *Tradição* (Amor passional, sexual e matrimonial): traduzem os mitos da vinculação amorosa normativa no ocidente, estabelecida no final do século XIX e XX (YELA, 2003). Centrado no amor como um vínculo passional, exclusivo e eterno, no qual o casamento supõe uma união eterna, que só a morte poderia romper.

Esses mitos geram um modelo de comportamento que, por vezes, podem estar associados e/ou justificar a violência de gênero (JIMENÉZ, 2021). De acordo com Borrajo, Gámez-Guadix e Calvete (2015), os mitos de amor estão relacionados a comportamentos controladores no casal, principalmente no contexto tecnológico. Outros estudos demonstraram que os mitos de amor são usados como justificativa para a perpetuação e a aceitação de comportamentos controladores no namoro (NARDI-RODRÍGUEZ; PASTOR-MIRA; LÓPEZ-ROIG; FERRER-PÉREZ, 2018). Além disso, Redondo *et al.*, (2011) demonstraram que os mitos de amor estão associados a uma menor percepção da violência no namoro. Lelaurain *et al.* (2018) verificaram que a violência entre casais é mais justificável e menos percebida enquanto grave quando são descritos como vivendo uma relação de longo prazo (e.g. casados), principalmente quando caracterizados como apaixonados.

Alguns estudos ainda comprovam a relação entre os mitos de amor e outras variáveis ideológicas, como o sexismo, na predição do envolvimento em relacionamentos abusivos (SANCHEZ-HERNANDEZ; HERRERA-ENRIQUEZ; EXPOSITO, 2020). Por exemplo, Sanchez-Hernandez, Herrera-Enriquez e Exposito (2020) realizaram um estudo acerca da influência dos mitos de amor e sexismo na percepção de abuso de controle contra a parceira. De acordo com os autores, maior adesão ao sexismo hostil, em conjunto com os mitos de amor romântico, previu uma maior justificativa de comportamentos violentos e uma baixa percepção de gravidade da violência.

Assim como os mitos de amor compartilham características presentes no abuso psicológico, o sexismo também partilha desses atributos. De acordo com Glick, Sakallı-Ugurlu, Ferreira e Souza (2002), o sexismo é usado como “ferramenta complementar de controle” nos relacionamentos. A hostilidade e, às vezes, comportamentos aparentemente positivos, como a proteção, são usados para a manutenção do controle (KEITA, 2022).

O sexismo é uma variável ideológica que implica um conjunto de crenças a respeito dos papéis de gênero de homens e mulheres, assim como as relações que estes devem manter entre si (GLICK; FISKE, 2011). Glick e Fiske (1996) afirmam que o sexismo é composto por um sentimento ambivalente em relação às mulheres. Por um lado, uma antipatia e, por outro, sentimentos positivos. Esses autores defendem a tese de que o sexismo pode ser compreendido por duas vias, o sexismo hostil e o sexismo benevolente, que estão fortemente ligados (CANTO; VALLEJO-MARTÍN; PERKES; MARTÍN, 2020).

A teoria do sexismo ambivalente de Glick e Fiske (1996) afirma que, de um lado, existe a crença de que as mulheres são inferiores aos homens, e, por esta razão, não são competentes para assumir cargos de poder, ademais, de assumirem as mulheres como manipuladoras por seu “poder” sexual, sendo, por essa razão, perigosas para os homens. Esta via é representada por um viés mais flagrante de antipatia contra as mulheres e é chamada de sexismo hostil. Já o sexismo benevolente assume a mulher como mais fraca que os homens, além de apresentarem um papel complementar a eles, cujo o amor delas é necessário para tornar-se um homem completo, assumindo uma dependência entre os gêneros (CINQUEGRANA; MARINI; GALDI, 2022). Deste modo, os homens assumem um papel protetor em relação a elas (CANTO; VALLEJO-MARTÍN; PERKES; MARTÍN, 2020). Ambas vias são amplamente intensificadas quando as mulheres rompem com os papéis tradicionais de gênero. Por um lado, o sexismo hostil compreende essas mulheres como precisando de repreensão, e por outro, o sexismo benevolente, percebem essas mulheres com menos valor social e merecendo menos cuidado e atenção do que aquelas que correspondem aos papéis tradicionais de gênero (GLICK; FISKE, 1996; KEITA, 2022).

Estas crenças ambivalentes em relação às mulheres influenciam a visão que os indivíduos, tanto homens quanto mulheres, têm em relação aos papéis sociais das mulheres, e servem como ideologia legitimadora para a manutenção das relações, e papéis tradicionais de gênero, mantendo e endossando a desigualdade de gênero (SIDANIUS *et al.*, 1994; GLICK; FISKE, 1996; CINQUEGRANA; MARINI; GALDI, 2022).

Outrossim, o sexismo está relacionado a aceitação do uso de violência em relações íntimas, afetando a imagem das vítimas e as crenças sobre as causas dessas agressões, bem como a interpretação das próprias vítimas sobre atos violentos vividos (CANTO; VALLEJO-MARTÍN; PERKES; MARTÍN, 2020). No que concerne a percepção do abuso psicológico, Cinquegrana, Marini e Galdi (2022) verificaram que ambos, sexismo hostil e benevolente, estavam relacionados a percepção do abuso psicológico. Quanto maior o endosso ao sexismo, menor era a percepção desta forma de violência, notando-o como mais aceitável. As autoras ainda aferiram que o sexismo hostil foi preditor na aceitação do abuso psicológico.

Apesar dessas evidências, outros estudos não confirmam esta relação. Por exemplo, Keita (2020), em seu estudo realizado com jovens, verificou que ainda que o sexismo apresente relação com a percepção do abuso psicológico, não tem poder preditivo. Apesar de não existir um consenso na literatura acerca de qual das vias do sexismo, o hostil ou benevolente, exerce poder de predição na percepção do abuso psicológico (KEITA, 2020; CINQUEGRANA; MARINI; GALDI, 2022; JIMÉNEZ; LÓPEZ, 2020), esses estudos reforçam o fato de que o sexismo tem efeito na percepção da violência contra a mulher, propondo que ambos os sexismos, hostil e benevolente exercem efeito na percepção de diferentes formas de violência.

A partir destes aspectos, o presente artigo visa responder o presente questionamento: Quais variáveis psicossociais funcionam como uma lente embaçada na

percepção do abuso psicológico como uma violência propriamente dita? Com o objetivo de responder a esse problema, buscaremos verificar em que grau, os mitos do amor românticos e o sexismo ambivalente, influenciam na percepção das diferentes formas de abuso psicológico (abuso de controle e abuso emocional). Para tanto, foram desenvolvidas 5 hipóteses:

Hipótese 1: A percepção de abuso nos cenários será mais forte para a manipulação de abuso de controle em comparação ao abuso emocional, já que o abuso de controle é tido como mais flagrante, uma vez que excede o âmbito privado do casal (PAIVA; CAVALCANTI; LIMA, 2020). Sendo assim, também esperamos que:

Hipótese 2: O tipo de relacionamento influenciará na percepção do abuso psicológico. Mais especificamente, os participantes perceberão menos o abuso psicológico contra a parceira nos cenários que descrevem um relacionamento de casados do que quando os personagens são namorados, pois a violência entre casais com relacionamentos de longo prazo é percebida como mais justificável (LELAURAIN *et al.*, 2018; LELAURAIN *et al.*, 2018B).

Hipótese 3: Os mitos de amor, especificamente os mitos de tradição e posse, estarão relacionados com a menor percepção do abuso psicológico, ou seja, diminuirá a percepção do abuso nos cenários, já que estes mitos compartilham componentes presentes em comportamentos abusivos contra a parceira (AMARAL; COSTA, 2018; DARDIS *et al.*, 2014). Assim sendo, espera-se que:

Hipótese 3a: Nos cenários em que houver a manipulação de crenças dos mitos de amor, os participantes perceberão menos o abuso psicológico. Ocorre que os mitos de amor exercem função de justificação para o acometimento de violência entre casais (NARDI-RODRÍGUEZ *et al.*, 2018). Por esta razão, nas histórias nas quais existem os mitos, o abuso psicológico será percebido como justificável.

Hipótese 4: Propomos que as relações hipotetizadas anteriormente (H1, H2, H3 e H3a) serão moderadas pela adesão ao sexismo ambivalente, já que o sexismo é uma ideologia legitimadora da violência contra a mulher, dessa forma, pessoas com maior adesão a ele tenderão a perceber menos atos violentos contra as mulheres enquanto uma violência propriamente dita, independente da condição manipulada (KEITA, 2022; WALBY; TOWERS, 2018).

MÉTODO

Assim como Dias, Sousa e Villanova-Campelo (2023), nosso trabalho consiste em um estudo quantitativo de caráter quase experimental, tendo em vista que não houve a aleatorização dos participantes nas condições experimentais. No entanto, aplicado ao contexto da manipulação de variáveis sobre abuso psicológico e mitos de amor. Para isso, utilizou-se um desenho 2 (Tipo de abuso: Emocional vs. Controle) x 2 (Tipo de relacionamento: Namoro vs. Casamento) x 2 (Conteúdo das histórias: Romântica vs. Não romântica). A coleta de dados deu-se por meio de questionários impressos que foram respondidos individualmente em aplicação coletiva em sala de aula. É importante mencionar que o presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (CAAE nº 12940919.8.0000.5188), e respeitou todos os procedimentos éticos previstos na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2012).

Quanto aos procedimentos de análise de dados para o teste das hipóteses, foi utilizado o *software SPSS* em sua versão 23. Foram realizadas estatísticas descritivas para caracterização da amostra e análises de correlação R de Pearson para verificar a relação entre as variáveis. Foram também realizadas análises de covariância (ANCOVA) para verificação das diferenças do efeito moderador do sexismo, bem como

as diferenças de médias dos participantes em relação às manipulações experimentais. A seguir será caracterizada a amostra e os instrumentos utilizados.

Participantes

O tamanho da amostra foi estabelecido por meio do programa *GPower* 3.1.9 (FAUL; ERDFELDER; LANG; BUCHNER, 2007), que sugeriu uma amostra de aproximadamente 211 participantes para fornecer uma chance de 80% de detectar um efeito principal e um efeito de interação ($p = 0,05$). Assim, a amostra foi composta por 214 estudantes universitários, que tinham média de idade de 22,4 (DP=3,89), variando de 18 a 55 anos. A maioria do sexo feminino (54,7%), 43,9% do sexo masculino e 1,4% declararam não se identificar nas categorias feminino e masculino. Quanto ao estado civil, 53,7% declararam estar solteiros, 32,7% namorando, 6,5% casados, 4,7% noivos, 1,4% ficando sério, e 0,5% divorciados e 0,5% ficando nada sério. Já sobre a orientação sexual, 69,6% declararam serem heterossexuais, seguidos de 16,5% bissexuais, 7,5% homossexuais, 2,8% lésbicas, 2% declararam não saber qual sua orientação sexual, 1,4% disseram ter outro tipo de orientação sexual e 0,5% eram assexuais. Em relação a renda financeira, 64% declararam estar na média, 18,7% abaixo da média, 13,6% acima da média, 2% muito abaixo da média e 1,4% muito acima da média.

Instrumentos

O questionário era composto por cinco sessões. A primeira era formada pelo cenário experimental que apresentava uma breve história de um casal heterossexual, na qual havia as manipulações, que resultaram em seis condições experimentais. Nos quadros 1 e 2, estão ilustrados dois dos cenários experimentais utilizados.

Quadro 1.

Cenários experimental (casado vs. abuso emocional vs. sem conteúdo romântico)

“Maria é casada com Guilherme e desde o começo do casamento Guilherme se incomoda quando Maria tem opiniões diferentes das dele. Muitas vezes ele afirma que ela tem reações exageradas quando eles discutem por alguma razão e por isso ele some por vários dias, ficando sem dar notícias. Depois ele volta para casa como se nada tivesse acontecido.”

Quadro 2.

Cenários experimental (namoro vs. abuso de controle vs. romântico)

“Maria e Guilherme namoram e estão de casamento marcado, ambos afirmam que se apaixonaram quando se viram pela primeira vez: foi amor à primeira vista, dizem esbanjando felicidade. No entanto, desde o começo do namoro, Guilherme tem proibido de Maria sair com amigos sem ele. Desde o início do namoro Guilherme tem acesso ao celular de Maria, verificando com quem ela troca mensagens. Além disso, ele controla as finanças dos dois, tendo acesso as senhas e cartões bancários de Maria.”

Em seguida, os participantes foram solicitados a responder a quatro perguntas sobre sua opinião quanto aos comportamentos do homem em relação à sua companheira, por meio de uma escala tipo Likert de sete pontos (1= nada bom e 7 =

muito bom) (E.g, Em que medida você acredita que os comportamentos de Guilherme com Maria são bons para a relação dos dois?; Em que medida você acredita que os comportamentos de Guilherme com Maria são ruins para a relação dos dois?). Os itens foram agrupados em um fator e apresentaram consistência interna de 0,73.

Logo após, os participantes responderam a outros três instrumentos, todos apresentados com uma escala de resposta em formato Likert, variando de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente):

Escala de Percepção de Abuso Contra a Parceira (EPAPP): desenvolvida por Silva, Torres e Estramiana (2024) e que mensura a percepção de comportamentos psicologicamente abusivos. É composta por 29 itens, distribuídos em dois fatores: abuso emocional ($\alpha=0,90$), e abuso de controle ($\alpha=0,94$).

Escala de Mitos Românticos (EMRO): desenvolvida por Piñeiro, Piñuela e Yela (2021) e que visa mensurar os mitos do amor romântico. Em sua versão original, o instrumento conta com 31 itens, que agrupam 4 mitos: Posse ($\alpha=0,81$), Abnegação ($\alpha=0,83$), Romantismo ($\alpha=0,80$) e Tradição ($\alpha=0,80$). No contexto brasileiro, este instrumento é composto por 21 itens, distribuídos em 3 fatores: Tradição e abnegação ($\alpha=0,62$), Romantismo ($\alpha=0,65$) e Posse ($\alpha=0,70$).

Inventário de Sexismo Ambivalente (GLICK; FISKE, 1997): adaptada para o contexto brasileiro por Formiga, Gouveia e Santos (2002). Essa medida contém 22 itens, que mensuram duas dimensões: Sexismo Hostil ($\alpha=0,92$) e Sexismo Benevolente ($\alpha=0,84$). Neste artigo, foi utilizado de forma unifatorial ($\alpha=0,92$), estrutura já verificada em outros estudos (ARNOSO; IBABE; ARNOSO ELGORRIAGA, 2017; NOVO; HERBÓN & AMADO; 2016).

Por fim, a última sessão do questionário era composta pelos itens sociodemográficos, ou seja, perguntas sobre o gênero, nível de escolaridade e relacionamento dos participantes.

RESULTADOS

Diferenças das médias para as condições experimentais

A fim de testar as hipóteses 1 e 2, realizou-se uma MANOVA, com teste *post hoc* de Bonferroni, para analisar as diferenças de médias dos participantes em relação à percepção do abuso nos cenários de acordo com as variáveis manipuladas. Desse modo, a percepção do abuso nos cenários e os fatores da EPAPP foram utilizados como variáveis dependentes, ou seja, percepção do abuso de controle e percepção do abuso emocional, e foram utilizadas as manipulações experimentais como variáveis independentes.

De acordo com os resultados, pode-se verificar efeito significativo somente para a manipulação do tipo de abuso [$F(1,206) = 27,58, p < 0,001$] na percepção total do abuso nos cenários. Além disso, verificou-se uma interação significativa entre as manipulações do conteúdo romântico juntamente com o tipo de abuso, na percepção do abuso emocional na EPAPP [$F(1,206) = 3,99, p = 0,047$]. As diferenças de médias estão ilustradas na Tabela 1.

Tabela 1.*Diferenças das médias entre as manipulações experimentais*

Manipulações Experimentais	Percepção nos cenários		Percepção Abuso de Controle		Percepção Abuso Emocional	
	M	DP	M	DP	M	DP
<i>Tipo de abuso</i>						
Abuso de Controle ^a	6,35 ^b	0,08	6,70	0,05	6,26	0,07
Abuso Emocional ^b	5,75 ^a	0,08	6,64	0,05	6,24	0,07
<i>Tipo de relacionamento</i>						
Namoro	6,01	0,08	6,70	0,05	6,25	0,07
Casado	6,09	0,08	6,64	0,05	6,25	0,07
<i>Tipo de história</i>						
Romântica	5,97	0,08	6,65	0,05	6,22	0,07
Não romântica	6,13	0,07	6,69	0,05	6,28	0,07
<i>Tipo de história*Tipo de abuso</i>						
Romântico * Abuso de Controle ^g	6,33	0,11	6,37	0,08	6,33 ^h	0,10
Romântico * Abuso Emocional ^h	5,62	0,11	6,56	0,08	6,11 ^g	0,10
Não romântico * Abuso de controle ⁱ	6,37	0,10	6,66	0,07	6,18 ^j	0,09
Não romântico * Abuso Emocional ^j	5,88	0,11	6,72	0,08	6,37 ⁱ	0,10

Nota*. Médias que compartilham o mesmo sobrescrito não são significativamente diferentes. M= Média; DP= Desvio Padrão.

Esses achados corroboram a hipótese 1, pois, de fato, os participantes perceberam mais o abuso psicológico na condição de abuso de controle. Entretanto, estes resultados não corroboram a hipótese 2, pois o tipo de relacionamento não afetou a percepção do abuso psicológico.

Por fim, por mais que as manipulações dos mitos de amor não tenham apresentado um efeito isolado na percepção do abuso psicológico, esses resultados demonstram que existiu efeito na interação entre a manipulação do tipo de abuso e dos mitos do amor, na percepção do tipo de abuso emocional, dando suporte parcial às hipóteses 3 e 3a. Esses resultados revelam que, quando existe a manipulação dos mitos de amor, acompanhado da manipulação do abuso emocional, os participantes percebem menos o abuso emocional na EPAPP. Em contrapartida, quando não existe a manipulação dos mitos, e os participantes são expostos à manipulação do abuso emocional, perceberam mais essa forma de abuso na EPAPP. A partir disso, buscou-se verificar se o apoio dos participantes aos mitos de amor exerce efeito na diminuição da percepção do abuso psicológico, para além do efeito das manipulações experimentais.

Correlatos entre a percepção do abuso total dos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente, autoritarismo de direita e mitos do amor romântico

Para testar a hipótese 3, realizaram-se análises de correlação. Os resultados mostraram que o fator geral de percepção do abuso do cenário esteve correlacionado positivamente com os fatores da EPAPP, *Abuso emocional* ($r=0,47, p<0,001$) e *Abuso de controle* ($r=0,46, p<0,001$). No que se refere aos mitos do amor romântico, só foram observadas correlações em relação aos fatores de *Tradição e Abnegação* ($r=-0,21, p=0,002$) e *Possessão* ($r=-0,34, p<0,001$). Também foi observada correlação entre a percepção do abuso nos cenários e o *sexismo total* ($r=-0,39, p<0,001$).

As correlações da escala de percepção de abuso contra a parceira se assemelharam às correlações do fator geral de percepção do abuso nos cenários: Fator de abuso emocional, Mitos de amor (*Posse*: $r=-0,24, p<0,001$); Sexismo ($r=-0,28, p<0,001$). Fator de abuso de controle: este se diferenciou, já que teve relação com o fator de *tradição e abnegação* dos mitos de amor ($r=-0,20, p=0,004$), além de *posse* ($r=-0,26, p<0,001$). Também se correlacionou com Sexismo ($r=-0,36, p<0,001$). Estes achados corroboram a aceitação da hipótese 3b. Os mitos de amor de posse, tradição e abnegação estiveram relacionados a uma menor percepção do abuso psicológico, tanto nos cenários quanto na EPAPP. Estes resultados estão ilustrados na Tabela 2.

Tabela 2.

Correlatos entre a percepção do abuso total dos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente, autoritarismo de direita e mitos do amor romântico

	1	2	3	4	5	6
1. P. Abuso nos cenários						
2. AB_Emocional	0,47**					
3. AB_Control	0,46**	0,82**				
4. Tradição e Abnegação	-0,21**	-0,13	-0,20**			
5. Romanticismo	-0,08	-0,08	-0,11	0,46**		
6. Posse	-0,34**	-0,24**	-0,26**	0,61**	0,42**	
7. Sexismo Total	-0,39**	-0,28**	-0,36**	0,64**	0,43**	0,70**

Nota*. * $p<0,05$; ** $p<0,01$. P= Percepção; AB= Abuso Psicológico.

Modelo explicativo para percepção do abuso

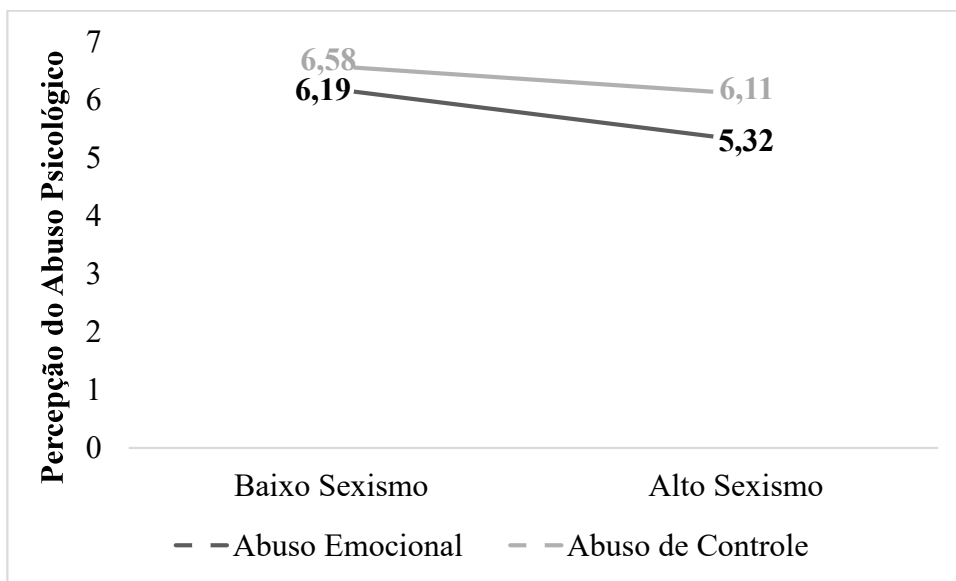
Para verificar a hipótese 4, foram realizadas três ANCOVAs fatoriais. O modelo teórico testado foi o modelo 1 de Heyes (2017), ou seja, uma moderação simples, sendo as manipulações experimentais como preditoras da percepção do abuso nos cenários, e o sexismo como moderador.

A primeira ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de abuso como preditores da percepção do abuso psicológico. De acordo com os resultados, foi observado um efeito moderador do sexismo nessa relação [$F(1,210) = 3,931, p = 0,049$]. Além disso, foi verificada uma interação significativa para níveis superiores de adesão ao sexismo [$F(1,210) = 30,785, p<0,001$], o que indica que houve diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para as manipulações de abuso de controle e abuso emocional. De acordo com esses dados, os participantes perceberam

mais o abuso de controle em comparação com o abuso emocional. Além disso, também houve diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para níveis mais baixos de adesão ao sexismo ($p=0,007$) em relação às manipulações experimentais [$F(1,210) = 7,550, p = 0,007$]. Esses resultados estão ilustrados no Gráfico 1.

Gráfico 1.

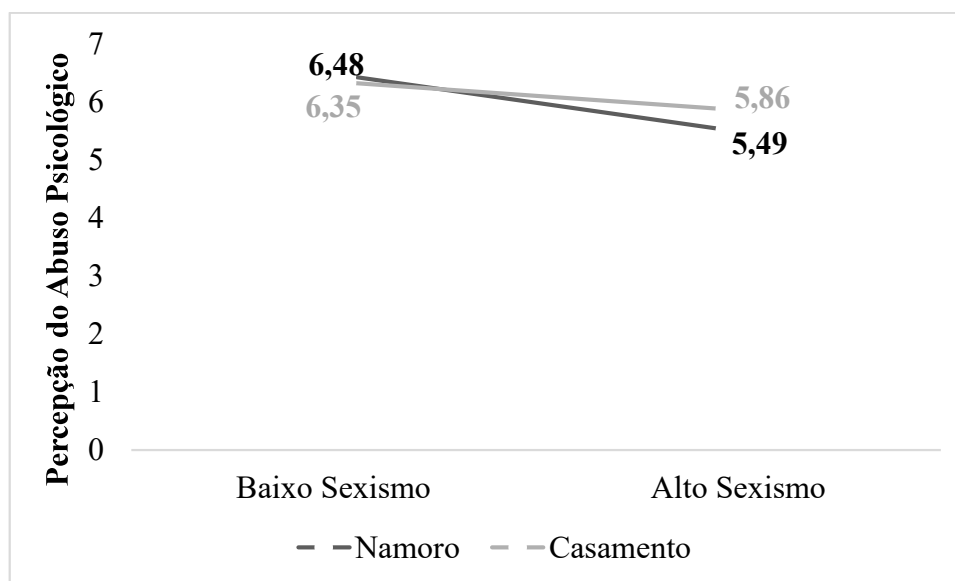
Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de abuso e níveis de sexismo



A segunda ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de relacionamento como preditores da percepção do abuso psicológico, e foi verificado efeito moderador do sexismo [$F(1,210) = 5,013, p = 0,026$]. Os resultados também indicaram uma interação significativa para níveis mais altos de adesão ao sexismo [$F(1,210) = 5,622, p = 0,019$]. De acordo com esses dados, os participantes percebem mais o abuso nos cenários em que o casal é descrito como casados. Entretanto, não houve diferença significativa em relação a níveis mais baixos de adesão ao sexismo [$F(1,210) = 0,639, p = 0,425$]. Esses resultados estão ilustrados no Gráfico 2.

Gráfico 2.

Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de relacionamento e níveis de sexismo.



A terceira ANCOVA buscou analisar o efeito da manipulação do conteúdo romântico como preditores da percepção do abuso psicológico e verificou que não houve efeito moderador [$F(1,210) = 0,038, p = 0,845$].

Estes resultados confirmam parcialmente a hipótese 4, já que foi verificado efeito moderador do sexismo para as manipulações do tipo de abuso e do tipo de relacionamento, apesar de esse efeito não ser verificado para o tipo de conteúdo romântico nas histórias.

DISCUSSÕES

O artigo ora apresentado buscou analisar quais variáveis estão envolvidas na diminuição da percepção do abuso psicológico contra a parceira, partindo da relação entre os mitos de amor e sexismo ambivalente. Para tanto, foram testadas cinco hipóteses, das quais duas foram confirmadas (H1 e H3), duas confirmadas parcialmente (H3a e H4) e uma não confirmada (H2). A seguir, nossos resultados serão discutidos conforme a ordem das hipóteses do estudo.

Nossos dados corroboraram a ideia de que o abuso de controle exerce um efeito maior na percepção do abuso contra a parceira em relação ao abuso emocional, o que prevíamos na H1. Isso ocorre porque o comportamento de controle é tido como mais “flagrante” (PAIVA *et al.*, 2021), já que não necessita do discurso da vítima para sua caracterização, ou seja, não envolve diretamente os seus sentimentos, enquanto o abuso emocional se restringe a uma esfera mais privada da vítima, atingindo somente a ela, não envolvendo terceiros na relação do casal (PAIVA; CAVALCANTI; LIMA, 2020). Estes resultados podem indicar uma influência da invisibilidade do discurso da vítima e, por vezes, da vitimização secundária, as quais estão sujeitas a sofrer ao denunciar um abuso por parte do seu parceiro (LAING, 2016; KANDYA, 2021), parecendo existir, de certo modo, uma sutil desconfiança de que tais comportamentos sejam, de fato, danosos para essas vítimas.

No que tange à relação do casal, nossos dados não corroboram a ideia de que o tipo de relacionamento exerça influência na percepção do abuso psicológico, rejeitando a H2. Apesar de estudos anteriores terem verificado que o abuso em relações de longo prazo é menos percebido (LELAURAIN *et al.*, 2018A; LELAURAIN *et al.*, 2018B), no nosso estudo, não foi possível verificar essa relação. De acordo com Lelauraint *et al.*, (2018B), as pessoas tendem a perceber menos violência entre casais quando são descritos como apaixonados e estabelecendo uma relação de longo prazo. Ocorre que a mera caracterização do tipo da relação (casados ou namorados) parece não ter sido suficiente para ilustrar temporalmente a relação estabelecida pelo casal na história, o que pode explicar a falta de efeito desta manipulação na percepção do abuso psicológico.

No que se refere à influência dos mitos de amor na percepção do abuso psicológico, nossos dados corroboraram parcialmente o esperado (H3 e H3a). Foi verificada uma relação estatisticamente significativa e negativa entre os mitos e a percepção do abuso psicológico. Entretanto, é uma correlação consideravelmente baixa (H3), indicando que essa relação não pode ser conclusiva, demonstrando que podem existir outras variáveis que influenciam essa relação (FIELD, 2013). De acordo com nossos resultados, a percepção do abuso nos cenários e a percepção do tipo de abuso de controle na EPAPP estiveram correlacionadas com os mitos de posse, tradição e abnegação, enquanto o tipo de abuso emocional na EPAPP só estabeleceu relação com o mito de posse. Por se tratar de fracas correlações, não podemos afirmar que, de fato, estes mitos implicam a diminuição significativa da percepção do abuso psicológico. O mesmo se observou em estudos anteriores (CAVA; CASTILLO; BUELGA; TOMÁS, 2022; MARCOS; GANCEDO; CASTRO; SELAYA, 2020). Por exemplo, no estudo de Cava, Castillo, Buelga e Tomás (2022), que investigou a relação dos mitos de amor com a tolerância a violência e a vitimização de violência física e psicológica no namoro, também se ilustrou uma baixa relação entre essas variáveis, mesmo os autores assumindo que esta relação é significativa, sugerindo que os mitos de amor estão associados a uma maior tolerância e perpetração destas violências no namoro. O mesmo também ocorreu no estudo de Marcos, Gancedo, Castro e Selaya (2020), que assumem que os mitos de amor estão relacionados ao sexismo ambivalente e à percepção e perpetração de abuso no namoro, mesmo se tratando de baixas correlações.

Embora as correlações não sejam conclusivas sobre a relação dos mitos de amor com a diminuição da percepção do abuso psicológico nos cenários, outrossim observamos que, quando os mitos de amor estão acompanhados da manipulação dos tipos de abuso, existe uma diferença significativa na percepção do abuso do tipo emocional na EPAPP. Quando existem mitos de amor nas histórias, acompanhada da manipulação do abuso emocional, os participantes tendem a perceber menos essa forma de abuso na EPAPP, enquanto, quando não existe a manipulação dos mitos de amor, e os participantes são expostos à manipulação do tipo de abuso emocional nas histórias, a percepção dessa forma de abuso tende a aumentar na EPAPP. Esses resultados revelam que, de fato, os mitos de amor reduzem a percepção do abuso psicológico, especificamente o tipo de abuso emocional, o que confirma parcialmente a hipótese 3a.

Acreditamos que o endosso aos mitos de amor não estabelece uma relação direta na percepção do abuso psicológico contra a parceira, porém, quando os indivíduos são expostos a histórias românticas, de outros casais, tendem a justificar o abuso psicológico por meio dos mitos, em especial o abuso emocional, reduzindo a percepção dessa forma de violência. Ou seja: as crenças particulares dos sujeitos nos mitos românticos não explicariam a percepção do abuso, mas a exposição a estes mitos em

uma situação de violência que faz com que os indivíduos percebam menos o abuso sofrido pelas mulheres (CAVA *et al.*, 2020).

Por fim, os dados confirmaram parcialmente o efeito moderador do sexismo na percepção do abuso psicológico contra a parceira (H4), já que não foi verificado nenhum efeito do sexismo ambivalente na interação entre os mitos de romanticismo e percepção do abuso psicológico. Assim como verificado na hipótese 1, com a moderação do sexismo, também houve uma diminuição na percepção do abuso psicológico, e o abuso de controle segue exercendo efeito na percepção do abuso psicológico, de forma que as pessoas o percebem mais nas histórias quando expostas a essa forma de abuso, sendo o inverso igualmente verdadeiro. Ou seja: quanto maior o endosso dos participantes ao sexismo, menor a percepção do abuso psicológico contra a parceira quando expostos ao tipo de abuso emocional. Esses achados corroboram estudos anteriores que verificaram que o sexismo exerce poder moderador na percepção de violências contra as mulheres (WALBY; TOWERS, 2018; SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ; HERRERA-ENRÍQUEZ; EXPÓSITO, 2020), potencializando a redução da percepção do abuso psicológico contra a parceira.

Além disso, o sexismo também modera a relação do tipo de relacionamento e percepção do abuso. Em nosso estudo, viu-se que, com o efeito moderador do sexismo, nas histórias em que era manipulada uma relação de namoro, havia uma redução na percepção do abuso psicológico, em comparação quando a descrição da relação era de casados. Ou seja, nossos dados revelam que, quanto maior a adesão ao sexismo, menor é a percepção do abuso psicológico dos participantes na relação de namoro. Isso pode ter ocorrido por um efeito de identificação dos participantes com o tipo de relacionamento de namoro nas histórias, já que uma boa parcela da amostra se encaixava nesse perfil de relação (32,7%). Estudos anteriores demonstram que, quando existe uma identificação com a vítima, ou quando os participantes sofrem abuso psicológico em curto prazo, a percepção dessa forma de violência tende a ser menor do que em pessoas que nunca vivenciaram tal violência (GARCÍA-DÍAZ *et al.*, 2017; LÓPEZ-CEPERO *et al.*, 2015).

Não foi verificado um efeito moderador do sexismo na interação da manipulação dos mitos de amor e na percepção do abuso. Pode-se sugerir que a ausência desse efeito se deu por uma carência na descrição dos mitos nas manipulações experimentais. Ocorre que a mensuração dessa manipulação pode ter sido prejudicada em decorrência da diferenciação da relação do casal entre namorados e casados. Já que se assume que o casamento também é uma forma de mitos do amor romântico, foi adotado em dois momentos distintos. Nas manipulações de namoro, dizia-se que o casal estava com o casamento marcado e que se apaixonaram à primeira vista, ou seja, havia a manipulação de duas formas de mitos de amor (amor à primeira vista e casamento (YELA, 2003, LUZÓN *et al.*, 2011). Já na história na qual o casal era descrito como casados, a manipulação dos mitos se restringiu somente à descrição da paixão à primeira vista. Desse modo, assumimos que a ausência de efeito da manipulação dos mitos de amor na percepção do abuso psicológico pode ser explicada por essa deficiência na descrição destes mitos nas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou aspectos psicossociais que funcionariam como dificultadores da percepção do abuso psicológico como um tipo de violência. Para tanto

foram considerados a relação entre os mitos de amor e o sexismo ambivalente. Foram testadas cinco hipóteses, das quais duas foram confirmadas, duas confirmadas parcialmente e uma não confirmada.

De maneira geral os resultados indicaram que o abuso de controle exerce um efeito maior na percepção do abuso contra a parceira em relação ao abuso emocional. Isso sugere que o comportamento de controle é mais facilmente identificado do que o abuso emocional, que atinge principalmente a esfera privada da vítima. No entanto, o tipo de relacionamento não exerceu influência na percepção do abuso psicológico, contradizendo estudos anteriores que sugeriam que o abuso em relações de longo prazo era menos percebido.

Foram verificadas correlações negativas entre os mitos de amor romântico e a percepção do abuso psicológico, porém fracas, sugerindo que outros fatores podem influenciar essa relação. Em nosso estudo, vimos que uma variável relacional a influência dos mitos de amor romântico na redução da percepção do abuso psicológico, foi a manipulação do tipo de abuso emocional.

O sexismo moderou parcialmente a percepção do abuso psicológico, reduzindo a percepção do abuso psicológico contra a parceira em casos de maior adesão ao sexismo. Além disso, o sexismo também moderou a relação entre o tipo de relacionamento e a percepção do abuso. No entanto, não foi verificado um efeito moderador do sexismo na interação da manipulação dos mitos de amor e na percepção do abuso psicológico.

Destacamos algumas limitações do nosso estudo. Em relação à amostra, esta foi composta exclusivamente por estudantes universitários, não representando um extrato fiel da população brasileira. Sugerimos que estudos futuros ampliem a investigação da percepção do abuso psicológico também para a população geral. Além disso, como mencionado anteriormente, percebe-se que as manipulações experimentais utilizadas no presente artigo podem ter sido insuficientes para ilustrar as diversas formas de mitos de amor romântico. A descrição de apenas dois mitos pode não ser abrangente o suficiente. Sugerimos que estudos futuros investiguem quais das quatro grandes dimensões dos mitos de amor (tradição, abnegação, possessão e romanticismo) exercem maior influência na diminuição da percepção do abuso psicológico e utilizem mais exemplos de mitos na descrição deste fenômeno.

Recomendamos ainda, que estudos futuros explorem aspectos sociodemográficos, que podem ser compreendidos como complementares da percepção do abuso psicológico, tais como o impacto da experiência de vivência com esse tipo de abuso na percepção dos indivíduos, tanto das vítimas como dos agressores.

Por fim, consideramos que o presente artigo trouxe novas contribuições para o campo de estudos sobre a percepção do abuso psicológico. Nossos achados destacam o papel do sexismo ambivalente na percepção do abuso psicológico contra a parceira. Apesar das contradições acerca do seu poder preditivo ou moderador, nossos dados sugerem que o sexismo, juntamente com o tipo de abuso e os mitos de amor, influenciam a percepção do abuso psicológico, potencializando ou moderando essa relação.

REFERÊNCIAS

AIZPURUA, Eva et al. Controlling behaviors and intimate partner violence among women in Spain: An examination of individual, partner, and relationship risk factors for physical and psychological abuse. **Journal of interpersonal violence**, v. 36, n. 1-2, p. 231-254, 2021.

AMARAL, R. E. C.; COSTA, C. A. R. “Reflexões psicanalíticas sobre o amor a partir de Eros1”. **aSEPHallus**, vol.14, n.27, novembro, 2018.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). **GUIDELINES for Psychological Practice with Girls and Women**. Fevereiro, 2018.

ARNOSO, A.; IBABE, I.; ARNOSO, M.; ELGORRIAGA, E. “El sexismo como predictor de la violencia de pareja en un contexto multicultural”. **Anuario de psicología jurídica**, vol.27, n.1, 2017.

ARISUKWU, Ogadimma et al. Perception of domestic violence among rural women in Kuje. **Heliyon**, v. 7, n. 2, 2021.

BORRAJO, E.; GÁMEZ-GUADIX, M.; CALVETE, E. “Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression”. **Psychological reports**, vol.116, n.2, abril, 2015.

BOAH, M *et al.* Risk of adverse newborn outcomes among women who experienced physical and psychological intimate partner abuse during pregnancy in Ghana's northern region. **Heliyon**, vol. 9, n. 4, 2023.

BOSCH, F.; FERRER, P., V. A.; FERREIRO, B. V.; NAVARRO, G. C.; MIGUEL, A. A.; MIGUEL ÁLVAREZ, A.; MIGUEL ÁLVAREZ, A. **La violencia contra las mujeres: el amor como coartada**. Anthropos Editorial, 2013.

BRASIL (2021). Lei Nº 14.188, De 28 de Julho de 2021. **Programa de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica**. Brasília: Planalto, 2021. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14188.htm> Acesso em: 08/10/2023.

BRITO, F. S.; BAPTISTA, L.P.; MOLINA, A. M. R. Relato de experiência de estágio em psicologia em um programa socioassistencial às mulheres vítimas de violência doméstica e de atenção psicoeducativa aos agressores. In. LEMOS, F. C. S; COLOMBANI, F; SENHORAS, E. M. **Humanidades: Agendas Multidisciplinares**. Boa Vista: Editora IOLE, 2023.

CANTO, J. M.; VALLEJO-MARTÍN, M.; PERLES, F.; SAN MARTÍN, J. “The influence of ideological variables in the denial of violence against women: The role of sexism and social dominance orientation in the Spanish context”. **International journal of environmental research and public health**, vol.17, n.14, julho, 2020.

CAPEZZA, N. M., D’INTINO, L. A., FLYNN, M. A.; ARRIAGA, X. B. “Perceptions of psychological abuse: The role of the perpetrator gender, victim’s response, and sexism”. **Journal of Interpersonal Violence**, novembro, 2017.

CHRISTY, K., WELTER, T., DUNDON, K., VALANDRA, & BRUCE, A. Economic abuse: A subtle but common form of power and control. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 37, n. 1-2, NP473-NP499, 2022.

CINQUEGRANA, V.; MARINI, M.; GALDI, S. "From endorsement of ambivalent sexism to psychological IPV victimization: the role of attitudes supportive of IPV, legitimating myths of IPV, and acceptance of psychological aggression". **Frontiers in psychology**, vol.13, julho, 2022.

CROSS, C. K. Coercive control and the limits of criminal law. *UC Davis L. Rev.*, v. 56, n. 195, 2022.

DARDIS, C. M.; DIXON, K. J.; EDWARDS, K. M.; TURCHIK, J. A. "An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: A review of the literature". **Trauma, Violence, & Abuse**, vol.16, n.2, janeiro, 2014.

DIAS, F. A. dos S.; SOUSA, B. C. D.; VILANOVA-CAMPELO, R. C. Uso combinado de aromaterapia e meditação: Efeitos nos níveis de estresse e ansiedade em universitários maranhenses. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 44, p. 517–532, 2023.

ELAURAIN, S.; FONTE, D.; GRAZIANI, P.; LO MONACO, G. "Les représentations sociales associées à la violence conjugale: de la psychologisation à la légitimation des violences". **Les cahiers internationaux de psychologie sociale**, n.3, 2018.

FAUL, F.; ERDFELDER, E.; LANG, A. G.; BUCHNER, A. "G Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences". **Behavior Research Methods**, vol. 39, maio, 2007.

FERNANDES, W. G. L.; GRAUPE, M. E.; CAMPOS, D. Quem começava era ela! Percepções sobre violência de gênero de homens e facilitadores de um grupo reflexivo na serra catarinense. **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**, vol. 14, n. 41, maio, 2023.

FLORES, P.; BROWNE, R. "Jóvenes y patriarcado en la sociedad TIC: Una reflexión desde la violencia simbólica de género en redes sociales". **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, vol. 15, n.1, 2017.

GARAIGORDOBIL, M.; ALIRI, J.; MARTÍNEZ-VALDERREY, V. "Justification of violence during adolescence: Differences as a function of sociodemographic variables". **European Journal of Education and Psychology**, vol.6, n.2, outubro, 2015.

GARCÍA-DÍAZ, V.; BRINGAS, C.; FERNÁNDEZ-FEITO, A.; ANTUÑA, M. Á.; LANA, A.; RODRÍGUEZ-FRANCO, L.; RODRÍGUEZ-DÍAZ, F. J. "Tolerance and perception of abuse in youth dating relationships". **Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma**, vol.26, n.5, fevereiro, 2017.

GARCIA-MORENO, C.; JANSEN, H. A.; ELLSBERG, M.; HEISE, L.; WATTS, C. H. "Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence". **The lancet**, vol.368, n.9543, outubro, 2006.

GLICK, P.; FISKE, S. T. hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women". **Psychology of women quarterly**, vol.21, n.1, março, 1997.

- GLICK, P.; FISKE, S. T. Ambivalent sexism revisited“. **Psychology of women quarterly**, vol.35, n.3, agost, 2011.
- GLICK, P.; FISKE, S. T. The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism“. **Journal of Personality and Social Psychology**, vol.70, n.3, 1996.
- GLICK, P.; SAKALLI-UGURLU, N.; FERREIRA, M. C.; AGUIAR DE SOUZA, M. (2002). “Ambivalent sexism and attitudes toward wife abuse in Turkey and Brazil”. **Psychology of Women Quarterly**, vol.26, n.4, dezembro, 2002.
- GONZÁLEZ, R.; SANTANA, J. D. “La violencia en parejas jóvenes”. **Psicothema**, vol.13, 2001.
- HAMMOCK, G. S.; RICHARDSON, D. S.; WILLIAMS, C.; JANIT, A. S. “Perceptions of psychological and physical aggression between heterosexual partners”. **Journal of Family Violence**, vol.30, novembro, 2015.
- HERRERA, C. **La construcción sociocultural del amor romántico**. Editorial Fundamentos. 2010.
- HESSEL, B. R. C. C. B. (2021). **Um estudo experimental sobre preconceito de gênero, empatia e culpabilização da vítima de violência sexual**. (Dissertação de mestrado em psicologia) Universidade Federal da Bahia. 2021.
- HINKLE, D. E.; SPORAKOWSKI, M. J. “Attitudes toward love: A reexamination”. **Journal of Marriage and the Family**, vol.37, n.4, novembro, 1975.
- JACKSON, S. M. „Issues in the dating violence research: A review of the literature“. **Aggression and Violent Behavior**, vol.4, n.2, 1999.
- JIMÉNEZ, F, A. **Mitos del amor romántico: Prevención e intervención en adolescentes**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Facultad de Ciencias de la Educación, 2021.
- KANDYA, S. “Secondary victimization of women in rape cases - An análisis”. **International Journal of Law Management & Humanities**, vol. 4, 2021.
- KEITA, D. **The impact of ambivalent sexism on the perceived level of abuse of coercive and controlling behaviours** (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia). University of Twente. Enschede, 2022.
- KELLY, L.; WESTMARLAND, N. „Domestic violence perpetrator programmes: steps towards change“. **Project Mirabal Final Report. London and Durham: London Metropolitan University and Durham University** [01/2015]. Disponível em <<https://anrows.intersearch.com.au/anrowsjspui/bitstream/1/20091/1/ProjectMirabalfinalreport.pdf>>. Acesso em: 20/12/2023.
- LA MADRID, M. M. P. “Adaptación del Inventario de Maltrato Psicológico hacia mujeres, en mujeres de Puerto Malabrigo”. **Revista de Psicología (Trujillo)**, vol.16, n.1, 2014.
- LAING, L. “Secondary Victimization: Domestic Violence Survivors Navigating the Family Law System”. **Violence Against Women**, vol.23, n.11, agosto, 2017.

LEITE, A. N. R. **Abuso psicológico em relacionamentos conjugais: o uso da internet como busca de apoio emocional**. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2017.

LELAURAIN, S.; FONTE, D.; AIM, M. A.; KHATMI, N.; DECARSIN, T.; LO MONACO, G.; APOSTOLIDIS, T. “One doesn’t slap a girl but... social representations and conditional logics in legitimization of intimate partner violence”. **Sex Roles**, vol.78, agosto, 2018A.

LELAURAIN, S.; FONTE, D.; GIGER, J. C.; GUIGNARD, S.; LO MONACO, G. “Legitimizing intimate partner violence: The role of romantic love and the mediating effect of patriarchal ideologies”. **Journal of interpersonal violence**, vol.36, n.13-14, dezembro, 2018B.

LÓPEZ-CEPERO, J.; LANA, A.; RODRÍGUEZ-FRANCO, L.; PAÍNO, S. G.; RODRÍGUEZ-DÍAZ, F. J. “Percepción y etiquetado de la experiencia violenta en las relaciones de noviazgo juvenil”. **Gaceta Sanitaria**, vol.29, n.1, agosto, 2015.

LUZÓN, J. M., RAMOS, E., RECIO, P., Y DE LA PEÑA, E. M. **Factores de riesgo y de protección en la prevención contra la violencia de género en la pareja. Un estudio de investigación en la población adolescente andaluza**. Instituto Andaluz de la Mujer [2011]. Disponível em <http://www.fundacionmujeres.es/img/Document/15656/documento.pdf>. Acesso em: 20/08/2023.

MASCI, B. S. F.; SANDERSON, S. “Perceptions of psychological abuse versus physical abuse and their relationship with mental health outcomes”. **Violence and victims**, vol.32, n.2, janeiro, 2017.

NARDI-RODRÍGUEZ, A.; PASTOR-MIRA, M. Á.; LÓPEZ-ROIG, S.; FERRER-PÉREZ, V. “Identifying beliefs behind boys’ use of mobile phones to monitor girlfriends and girls’ acceptance: A reasoned-action approach”. **Journal of Youth Studies**, vol.21, n.7, janeiro, 2018.

OLIVEIRA, S. **Abuso psicológico afeta tanto saúde mental quanto física: como identificar**. Veja Bem [17/04/2020]. Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/04/17/abuso-psicologico-afeta-tanto-saude-mental-quanto-fisica-como-identificar.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 05/10/2023.

OWARISH-GROSS, J. **Do gender and relationship composition affect college students’ perceptions of intimate partner violence severity?** (Trabalho de Conclusão de Curso). Trinity College. 2012.

PAIVA, T. T.; CAVALCANTI, J. G.; LIMA, K. S. “Propriedades psicométricas de uma medida de abuso psicológico na Parceira”. **Revista Colombiana de Psicología**, vol.29, n.1, 2020.

PIÑEIRO, Y.; PIÑUELA, R.; YELA, C. “EMRO: Una herramienta de evaluación de los mitos románticos”. **Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica**, vol.1, n.62, 2020.

REDONDO, G.; RAMIS, M.; GIRBIS, S.; SCHUBERT, T. **Attitudes on gender stereotypes and gender-based violence among youth**. Daphne III programme: Youth4Youth: Empowering young people in preventing gender-based violence through peer education. University of Barcelona. Dezembro, 2011.

SÁNCHEZ-HERNÁNDEZ, M. D.; HERRERA-ENRÍQUEZ, M. C.; EXPÓSITO, F. “Controlling behaviors in couple relationships in the digital age: Acceptability of gender violence, sexism, and myths about romantic love”. **Psychosocial Intervention. Ahead of print**, vol.29, n.2, junho, 2020.

SIDANIUS, J.; PRATTO, F.; BOBO, L. “Social dominance orientation and the political psychology of gender: A case of invariance?” **Journal of Personality and Social Psychology**, vol.67, n.6, 1994.

SILVA, B. R. D. (2023). **O sexismo ambivalente e os mitos da violência doméstica como preditores do direito de bater e da responsabilização da vítima de violência entre parceiros íntimos**. (Dissertação de mestrado em psicologia social) Faculdade de ciências humanas e sociais. Universidade do Algarve. 2022.

SILVA, F. L.; TORRES, A. R. R.; ESTRAMIANA, J. L. A. Construção e validação da escala sobre a percepção do abuso psicológico contra a parceira (EPAPP). **Psicologia Ciência e Profissão**. (Manuscrito aceito para publicação). 2024.

SPENCER, Chelsea M. et al. The relationship between approval of violence and intimate partner violence in college students. **Journal of interpersonal violence**, v. 36, n. 1-2, p. NP212-NP231, 2021.

SPRECHER, S.; METTS, S. “Development of the Romantic Beliefs Scale and examination of the effects of gender and gender-role orientation”. **Journal of Social and Personal relationships**, vol.6, n.4, novembro, 1989.

STEPHENSON, V. L.; WICKHAM, B. M.; CAPEZZA, N. M. “Psychological abuse in the context of social media”. **Violence and Gender**, vol.5, n.3, setembro, 2018.

TAVARES, S. M. **O papel da crença no mundo justo, da vitimização secundária e do sexismo societal no apoio à violência contra a mulher nas relações de namoro**. (Dissertação de mestrado em psicologia social) Universidade Federal da Paraíba. 2021.

WALBY, S.; TOWERS, J. “Untangling the concept of coercive control: Theorizing domestic violent crime”. **Criminology & criminal justice**, vol.18, n.1, janeiro, 2018.

WILSON, J. M.; SMIRLES, K. “College students’ perceptions of intimate partner violence: The effects of type of abuse and perpetrator gender”. **Journal of interpersonal violence**, vol.37, março, 2020.

WHITE, Sarah J. et al. Global prevalence and mental health outcomes of intimate partner violence among women: a systematic review and meta-analysis. **Trauma, Violence, & Abuse**, v. 25, n. 1, p. 494-511, 2024.

YELA, C. “La otra cara del amor: Mitos, paradojas y problemas”. **Encuentros en Psicología Social**, vol.1, n.2, janeiro, 2003.

DISCUSSÕES PARCIAIS

O Artigo 2 desta tese constituiu um estudo quase experimental que investigou a relação entre mitos de amor e sexismo na explicação da percepção do abuso psicológico. Cinco hipóteses foram exploradas, sendo uma confirmada, três aceitas parcialmente e uma rejeitada. No geral, observou-se que o abuso de controle exerce um impacto mais significativo na redução da percepção do abuso psicológico contra a parceira.

Os mitos do amor demonstraram ter um efeito redutor na percepção do abuso psicológico, particularmente no âmbito emocional, conforme avaliado pela Escala de Percepção do Abuso Psicológico contra a Parceira (EPAPP). Paralelamente, o sexismo desempenhou um papel como variável moderadora na relação entre os mitos do amor e diversas formas de abuso psicológico (emocional e de controle), influenciando a avaliação global do abuso psicológico.

O estudo apresenta algumas limitações, especialmente relacionadas ao perfil amostral, dado que se baseou exclusivamente em estudantes universitários, e às manipulações experimentais que não abordaram todos os aspectos dos mitos do amor. Os resultados contribuíram para a compreensão de que o sexismo ambivalente desempenha um papel explicativo na percepção do abuso psicológico.

Durante o desenvolvimento do Artigo 2, foi perceptível a escassez de estudos no contexto nacional sobre a interação entre as variáveis investigadas. Isso motivou a necessidade de ampliar a pesquisa para outros contextos, como a Espanha, que se destaca em pesquisas sobre a interface entre mitos de amor romântico e violência contra as mulheres (Carbonell Marqués & Mestre, 2019; García & Gimeno, 2017; Pérez & Fiol, 2013; Perez, 2020). Além disso, a Espanha se aproxima estatisticamente do contexto brasileiro em relação à violência de gênero (Brasil, 2023; Governo da Espanha, 2022).

Dito isso, paralelamente à condução do Artigo 2, foi elaborado o Artigo 3, que consiste em uma replicação do Artigo 2, agora com um desenho experimental. Contudo, é necessário ressaltar que algumas necessidades e limitações apontadas no artigo anterior não puderam ser superadas na execução do Artigo 3, como o aprimoramento dos cenários experimentais, devido ao desenvolvimento simultâneo de ambos os estudos.

Observa-se que, assim como no Brasil, a Espanha também enfrenta déficits no desenvolvimento teórico e operacional entre mitos de amor, sexismo e percepção do abuso psicológico (Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020; Lelaurain et al., 2021; Villora, Navarro & Yubero, 2019). Essa constatação justifica o foco do Artigo 3 e a adoção do mesmo modelo metodológico para o estudo subsequente, agora sob uma nova abordagem, buscando lançar luz a uma perspectiva inovadora na explicação da percepção do abuso psicológico por meio dessas variáveis.

Artigo 3.**Percepção do abuso psicológico na Espanha: O papel do sexismo e dos mitos de amor****Perception of psychological abuse in Spain: The role of sexism and love myths**

Francicléia Lopes Silva¹

Ana Raquel Rosas Torres¹

José Luís Álvaro Estramiana²

¹Universidade Federal da Paraíba

² Universidad Complutense de Madrid

Resumo

Este estudo investigou a percepção do abuso psicológico contra a parceira, considerando a influência dos mitos de amor romântico e do sexismo ambivalente. Para isso, foi realizado um estudo experimental 2x2x2, no qual foram manipulados o tipo de abuso psicológico (abuso de controle *versus* abuso emocional), o mito do casamento (namoro *versus* casamento) e o mito do romanticismo (com romanticismo *versus* sem romanticismo). Os participantes foram recrutados por meio da estratégia de bola de neve, e a amostra final contou com 211 participantes da população geral da Espanha, sendo sua maioria do sexo feminino (62.1%) com média de idade de 33.82 anos (DP = 17.18). Em conjunto, os resultados contribuíram para a aceitação de três das cinco hipóteses testadas, e houve o apoio parcial a uma terceira. Os resultados mostraram que os mitos de amor romântico estão relacionados negativamente com a percepção do abuso psicológico e que o sexismo ambivalente modera a percepção do abuso psicológico, reduzindo-a. Esses resultados são discutidos enfatizando a importância de se combater crenças sociais que minimizam e normalizam a violência psicológica em relacionamentos, apontando a necessidade de intervenções específicas voltadas para o combate ao sexismo.

Palavras-chave: abuso psicológico. mitos do amor romântico. sexismo ambivalente. percepção da violência. relacionamentos amorosos.

Abstract

This study investigated the perception of psychological abuse against partners, considering the influence of romantic love myths and ambivalent sexism. For this purpose, a 2x2x2 experimental study was conducted, in which the type of psychological abuse (control abuse versus emotional abuse), the myth of marriage (dating versus marriage), and the myth of romanticism (with romanticism versus without romanticism) were manipulated. Participants were recruited using a snowball strategy, and the final sample consisted of 211 participants from the general population of Spain, the majority being female (62.1%) with an average age of 33.82 years ($SD = 17.18$). Overall, the results contributed to the acceptance of three out of the five hypotheses tested, with partial support for a third one. The results showed that myths of romantic love are negatively related to the perception of psychological abuse and that ambivalent sexism moderates the perception of psychological abuse, reducing it. These results are discussed emphasizing the importance of combating social beliefs that minimize and normalize psychological violence in relationships, pointing to the need for specific interventions aimed at combating sexism.

Keywords: psychological abuse. myths of romantic love. ambivalent sexism. perception of violence. romantic relationships.

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos tipos de manifestação de violência conjugal, o abuso psicológico é a agressão mais reportada por mulheres (FRA, 2014; Governo da Espanha, 2019). Murphy e Cascardi (1999) definem o abuso psicológico como atos coercitivos ou aversivos destinados a gerar ameaças e/ou danos emocionais. De acordo com Hammock, Richardson, Williams e Janit (2015), essa forma de violência pode envolver isolamento, restrição de comportamentos, humilhações, degradação, ameaças físicas, ameaças à propriedade, controle financeiro, retraimento emocional e, além dessas formas, também pode envolver conduta degradante no plano sexual, segredos e acusações prolongadas de que a vítima é louca (Amor et al., 2022).

A literatura aponta que abuso psicológico seria constituído por duas dimensões: emocional e de controle (La Madrid, 2014; Paiva, Cavalcanti & Lima, 2020; Soto & Pérez, 2017). A primeira, geralmente, ocorre no contexto privado da relação do casal e é composto por comportamentos de manipulação da vítima e humilhações (La Madrid, 2014; Marshal, 1999). Já o abuso de controle é composto por comportamentos mais flagrantes, que acontecem na relação do casal, mas que afeta também seu entorno, seja na relação com os filhos, círculos sociais da vítima (isolamento da parceira) ou bens materiais (controle financeiro do parceiro) (Soto & Pérez, 2017).

Por ser uma violência frequente em relacionamentos amorosos, o abuso psicológico, às vezes, não é percebido como uma violência propriamente dita (Sears, Byers, Whelan & Saint-Pierre, 2006). E, quando a violência não é percebida como tal, suas consequências são minimizadas, e a vítima poderá não ter uma rede de apoio que a acolha e tenderá a se manter nessas relações (Canto, Vallejo-Martín, Perles & Martín, 2020). Por outro lado, se o agressor não percebe seu comportamento como violento e injustificável, tenderá a repeti-lo (Tittlová, 2018).

Os estudos que se voltam para a percepção do abuso psicológico, em sua maioria, recaem no comparativo entre o abuso psicológico e a violência física e, muitas vezes, reforçam a percepção de que o primeiro é menos nocivo que o segundo (Capezza & Arriaga, 2008; Hammock, Richardson, Williams & Janit, 2015). Em paralelo, estudos que se voltam somente para a compreensão do abuso psicológico demonstram que a sua percepção está vinculada ao gênero do agressor e ao endosso ao sexismo (Capezza, D’Intino, Flynn & Arriaga, 2021), deixando de investigar, por exemplo, como as diferentes formas de manifestação dessa violência (abuso de controle e abuso emocional) são percebidas.

A percepção do abuso psicológico como violência tem sido explicada por meio de crenças e ideologias (e.g., sexismo, mitos do amor), que servem para justificam esta agressão (Deller & Smith, 2013; Marques-Fagundes et al., 2015). Por exemplo, o abuso psicológico, por vezes, confunde-se com as expectativas românticas dos relacionamentos (Bonomi et al., 2013; Deller & Smith, 2013). Já o sexismo ambivalente justificaria relações desiguais entre os gêneros, diminuindo a percepção do abuso (Capezza, D’Intino, Flynn & Arriaga, 2021).

As crenças sobre o amor, que são fortemente arraigadas e socialmente aceitas, formam os mitos do amor romântico. Em suma, esses mitos podem ser listados da seguinte forma (Ferrer, Bosch & Navarro, 2010; Piñeiro, Piñuela & Yela, 2022; Yela, 2000): a) O mito da cara-metade, que corresponde à crença na predestinação de um parceiro; b) O mito do emparelhamento, relacionado à naturalização da ideia de que buscamos um par; c) O mito do ciúme como sinônimo de “prova” de amor; d) O mito da onipotência, pois o amor tudo suporta, e, em função dele, tudo pode ser superado; e) O mito do casamento e tradição, centrado na ideia de que o amor direciona a uma união; f) O mito da paixão eterna e romantismo, baseado em crenças fantasiosas e místicas

sobre o poder do amor, além de entender que a paixão dos primeiros meses de relacionamento pode e deve durar durante toda a relação; e g) O mito da compatibilidade amorosa-violência, que corresponde à aceitação e à tolerância a comportamentos violentos no relacionamento.

Pesquisas sobre a relação entre os mitos do amor e a percepção da violência contra as mulheres apontam que essas crenças minimizam a percepção de comportamentos violentos. Isso fica evidente, por exemplo, quando os mitos do amor são utilizados como justificativa para crimes cometidos por parceiros íntimos, os denominados crimes passionais (DeShong & Haynes, 2016; Gius & Lalli, 2014). Além disso, admite-se que os mitos de amor reproduzem esquemas tradicionais de gênero (Cañete & Novas, 2012), nos quais o feminino está relacionado à submissão e à passividade, enquanto o masculino está relacionado à força, à agressividade e à dominação (Reyes, Ohannessian & Racz, 2018). Essa visão dos papéis de gênero acaba reforçando a ideia de que, por vezes, agressões cometidas por homens são interpretadas como uma manifestação de afeto (Dardis, Dixon, Edwards & Turchik, 2015). Dessa forma, os estudos nesse campo teórico têm demandado esforços para corroborar a ideia de que os mitos do amor são uma variável correlata e explicativa para a percepção da violência conjugal (Bonilla-Algovia & Rivas-Ribero, 2021; Lelaurain et al., 2021; Nava-Reyes, Rojas-Sólis, Greathouse & Morales, 2018).

Não obstante, percebe-se que não é muito clara a relação estabelecida entre os mitos de amor e a percepção do abuso psicológico (Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020; Lelaurain et al., 2021; Villora, Navarro & Yubero, 2019), enquanto alguns destes estudos apenas exploram a relação entre a adesão aos mitos de amor e a percepção do abuso psicológico, chegando, por vezes, a conclusões com base em valores estatísticos fracos (Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020; Villora, Navarro & Yubero, 2019).

Por outro lado, há evidências de que a relação entre os mitos de amor e a percepção do abuso psicológico se estabelece por meio de outras variáveis (Lelaurain et al., 2021).

Em conjunto, esses dados demonstram que existem inconsistências quanto à compreensão de como se articula a relação entre os mitos de amor e a percepção do abuso psicológico, e somente os mitos de amor não são suficientes para o entendimento da percepção do abuso psicológico. Desse modo, alguns estudos corroboram o entendimento de que existe uma variável importante para a compreensão da relação dos mitos de amor na percepção da violência conjugal, bem como na percepção do abuso psicológico contra a parceira, como é o caso do sexismo ambivalente (Lelaurain et al., 2021; Sánchez-Hernández, Herrera-Enríquez & Expósito, 2020).

O sexismo ambivalente compreende o preconceito contra a mulher como uma forma bidimensional, hostil e benevolente (Glick & Fisk, 1996; Mesquita Filho, Eufrásio & Batista, 2011). A primeira dimensão seria sua forma mais tradicional e explícita, com a ideia de inferioridade das mulheres e de que a violência contra elas é justificável. Esta via tem suas raízes nas ideias patriarcais que endossam a visão de superioridade do homem em relação à mulher (Mesquita Filho, Eufrásio & Batista, 2011). Já a segunda dimensão, denominada benevolente, é a manifestação mais sutil e tem como ponto central a crença de que as mulheres são mais fracas que os homens e precisam ser cuidadas. Esta via veria as mulheres como dóceis e frágeis (Hendl, 2017).

Várias investigações argumentam que o controle e a coerção, características básicas do abuso psicológico no relacionamento (Keita, 2022), estão arraigados no sexismo ambivalente (Keita, 2022; Kelly & Westmarland, 2016; Walby & Towers, 2018). Alguns estudos evidenciaram a relação da adesão ao sexismo com a diminuição na percepção da violência contra a mulher (Moya, Exposito & Casado, 1999; Keita,

2022), revelando que essas pessoas tendiam a perceber menos a presença do abuso psicológico.

Diante do exposto e admitindo a lacuna teórica na compreensão da percepção das diferentes formas de abuso psicológico e da relação entre as variáveis (mitos de amor, sexismo e percepção do abuso psicológico), o presente trabalho objetiva responder ao seguinte problema: qual forma de abuso psicológico (emocional e de controle) seria mais facilmente percebida? E em que medida os mitos do amor romântico e o sexismo ambivalente estão relacionados com a percepção do abuso psicológico? Assim, foram desenvolvidas cinco hipóteses que visam explicar a percepção do abuso psicológico enquanto uma violência, sendo duas delas complementares de outras hipóteses. São estas:

H1: O abuso psicológico de controle será percebido com maior intensidade em comparação ao abuso emocional, uma vez que o primeiro é mais facilmente identificado como uma violência propriamente dita, já que excede o âmbito privado do casal (Marshal, 1999; Paiva, Cavalcanti & Lima, 2020).

H2: Acreditamos que os mitos de amor romântico não estabelecerão uma forte relação com a percepção do abuso psicológico. Assim, esperamos baixas correlações entre estas variáveis, já que os mitos de amor romântico necessitam da influência de outras variáveis para reduzir a percepção do abuso psicológico (Cava, Castillo, Buelga & Tomás, 2022; Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020).

H2A: Manipulações dos mitos de casamento/emparelhamento e romantismo não afetaram significativamente a percepção do abuso psicológico (Luksik & Guillaume, 2022; Piñeiro, Piñuela & Yela, 2022). Em outras palavras, o tipo de relacionamento estabelecido pelo casal e, narrativas com conteúdo romântico, não exercerão efeito na diminuição da percepção do abuso psicológico.

H3: Existirá moderação da alta adesão ao sexismo ambivalente na percepção do abuso psicológico, resultando na diminuição dos índices de percepção do abuso (Walby & Towers, 2018; Westmarland & Kelly, 2016).

H3A: Neste cenário, consideramos que os mitos do amor, quando aliados ao impacto moderador do sexismo, passam a influenciar na diminuição da percepção de abuso psicológico. Em resumo, os mitos do amor dependem do efeito moderador do sexismo para reduzir a percepção de abuso psicológico (Lelaurain et al., 2021).

MÉTODO

Delineamento:

Trata-se de um estudo experimental com desenho 2x2x2 (Tipo de abuso: emocional ou controle x Mito do casamento: namoro ou casamento x Mito do romanticismo: com conteúdo romântico ou sem conteúdo romântico), os quais foram aleatorizados entre os participantes.

Participantes:

O tamanho da amostra foi estabelecido por meio do programa GPower 3.1.9 (Faul, Erdfelder, Lang & Buchner, 2007), que sugeriu uma amostra de aproximadamente 211 participantes para fornecer uma chance de 80% de detectar um efeito principal e um efeito de interação ($p = 0.05$). Assim, a amostra foi composta por 211 pessoas da população geral da Espanha, com idade média de 33.82 anos ($DP = 17.18$), variando de 18 a 82 anos. A maioria era do sexo feminino (62.1%), seguida por homens (34.1%), não binários (2.8%), e .9% não responderam quanto ao gênero. Em relação ao estado civil, 41.2% declararam estar solteiros; 32.2%, casados ou convivendo com um(a) parceiro(a); 14.2%, em um relacionamento sem compromisso; 3.8%,

divorciados; 3.3%, comprometidos; 1.9%, em outro tipo de relação, e .5%, viúvos.

Quanto à renda financeira, 60.2% declararam estar na média nacional; 17.1%, abaixo da média; 14.7%, acima da média, e 6.2%, muito abaixo da média.

Instrumentos

O questionário foi composto por cinco sessões. A primeira era formada pelo cenário experimental que apresentava uma breve história de um casal heterossexual, na qual eram manipulados: a) o mito do casamento (casados *vs.* namorados); b) o tipo de abuso (abuso de controle *vs.* abuso emocional) e c) o mito do romanticismo (com conteúdo romântico *vs.* sem conteúdo romântico), resultando em sete condições experimentais. Também foi utilizada uma situação de controle, com a descrição de uma relação de amizade, sem manipulação de variáveis. A seguir, um exemplo de um dos cenários utilizados, que representa a manipulação de namoro, abuso de controle e história romântica:

“María e Guillermo são namorados e estão noivos; ambos afirmam que se apaixonaram à primeira vista. Entretanto, desde o início do relacionamento, ele proíbe que ela saia com seus amigos em sua companhia. Guillermo também tem acesso ao celular de María, verificando com quem ela troca mensagens, sem o consentimento dela.”

Nas condições em que era manipulado o tipo de abuso emocional, após a caracterização do casal, era dito: “Desde o início de seu casamento/namoro, Guillermo se irrita fortemente com ela, cada vez que Maria expressa opiniões diferentes das suas. Guillermo acaba a discussão afirmando que ela tem reações exageradas durante as discussões e, por esta razão, ele some de casa vários dias, sem dar nenhuma notícia”, enquanto, nos cenários onde não era manipulado conteúdo romântico, a história acabava após a descrição do abuso.

Após a leitura do texto, os participantes foram solicitados a responder a sete perguntas que mediam a percepção do abuso psicológico nos cenários (e.g.: até que ponto você acredita que os comportamentos de Guillermo com Maria são prejudiciais para a relação dos dois?). Os participantes responderam às perguntas usando uma escala tipo Likert, que variava de 1 (nada bom) a 7 (muito bom). Os itens foram agrupados em um fator ($\alpha=.94$).

Em seguida, os participantes responderam a outros dois instrumentos, todos apresentados com uma escala de resposta em formato Likert, variando de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente):

Escala de Mitos Românticos (EMRO): desenvolvida por Piñeiro, Piñuela e Yela (2021), que visa mensurar os mitos do amor romântico. Ela é composta por 33 itens, agrupados em quatro fatores, que representam os seguintes mitos: Posse (e.g. quando você está apaixonado, é normal dizer ou sentir “você é meu/minha” ou “sou seu/sua”. $\alpha=.81$), Abnegação (e.g. se você realmente ama seu parceiro, não se importará em mudar seus hábitos, interesses ou personalidade para agradá-lo(a). $\alpha=.83$), Romantismo (e.g. o amor verdadeiro pode superar tudo. $\alpha=.80$) e Tradição (e.g. não é possível estar realmente apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo. $\alpha=.80$).

Inventário de Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1997): adaptado para o contexto espanhol por Expósito, Moya e Glick (1998). Este instrumento contém 22 itens que medem duas dimensões: Sexismo Hostil e Sexismo Benevolente. Neste artigo, foi utilizado de forma unifatorial ($\alpha=.94$), pois essa estrutura já foi verificada em outros estudos (Arnoso, Ibabe, Arnoso & Elgorriaga, 2017; Novo, Herbón & Amado, 2016).

Procedimentos

A coleta de dados deu-se por meio de um questionário *online* utilizando o SurveyMonkey. O contato com os participantes foi feito pela estratégia da Bola de Neve

(Coleman, 1958), por meio da cooperação de discentes da graduação de uma universidade espanhola. Os participantes levaram em média 30 minutos para responder ao questionário.

Análises de dados

Para o teste das hipóteses, foi utilizado o *software* SPSS em sua versão 23. Foram realizadas estatísticas descritivas para caracterização da amostra e análises de correlação R de Pearson para verificar a relação entre as variáveis. Foram também realizadas análises de covariância (ANCOVA) para verificação das diferenças no efeito moderador do sexismo, bem como as diferenças de médias dos participantes em relação às manipulações experimentais.

RESULTADOS

Diferenças das médias para as condições experimentais.

Para a verificação das hipóteses 1, 2a e 3a, foram realizadas três análises ANOVA univariadas, a fim de verificar o teste post-hoc de Bonferroni, para revelar as diferenças de médias dos participantes em relação à percepção do abuso nos cenários, de acordo com as variáveis manipuladas. As análises demonstraram que houve diferenças estatísticas entre as manipulações e a condição de controle: manipulação do tipo de abuso [$F(2.210)=122.260, p<.001$], tipo de relacionamento [$F(2.210)=122.695, p<.001$] e tipo de história [$F(2.210)=119.562, p<.001$]. Esses resultados estão ilustrados na Tabela 1.

Tabela 1.

Diferenças das médias entre as manipulações experimentais.

Manipulações Experimentais	Média	Desvio Padrão
<i>Tipo de abuso</i>		
Abuso de Controle ^a	6.29* ^c	.84
Abuso Emocional ^b	6.07* ^c	1.00
Condição Controle ^c	1.75* ^{a,b}	1.22
<i>Tipo de relacionamento</i>		
Namoro ^d	6.28* ^c	.83
Casado ^e	6.05* ^c	1.02
Condição Controle ^c	1.75* ^{d,e}	1.22
<i>Tipo de história</i>		
Romântica ^f	6.16* ^c	1.00
Não romântica ^g	6.17* ^c	.87
Condição Controle ^c	1.75* ^{f,g}	1.22

Nota*. Médias que compartilham o mesmo sobrescrito não são significativamente diferentes; *= $p < 0.05$.

Correlações entre a percepção do abuso total nos cenários, a percepção do abuso emocional e de controle, sexismo ambivalente e mitos do amor romântico

A fim de verificar a hipótese 2, foi realizada uma análise de correlação R de Pearson, que revelou que o fator geral de percepção do abuso nos cenários estava correlacionado negativamente com as demais variáveis do estudo. Em especial, os mitos do amor romântico observaram baixas correlações com os fatores de Tradição ($r = -.17$, $p = .011$), Abnegação ($r = -.14$, $p = .042$) e Possessão ($r = -.18$, $p = .008$). Esses dados estão ilustrados na Tabela 2.

Tabela 2.*Correlação entre percepção do abuso, mitos de amor e sexismo.*

	M	DP	1	2	3	4	5
1. Percepção do abuso	5.91	1.40					
2. MT_Romanticismo	3.47	1.04	-.08				
3. MT_Tradição	3.65	1.08	-.17*	.69**			
4. MT_Abnegação	2.98	1.19	-.14*	.68**	.70**		
5. MT_Possessão	2.70	1.11	-.18**	.56**	.62**	.69**	
6. Sexismo	2.47	1.06	-.22**	.56**	.57**	.63**	.78**

Nota*. MT= Mitos; M= Média; DP= Desvio Padrão; *= $p<0.05$; **= $p<0.01$ **Modelo explicativo para a percepção do abuso psicológico**

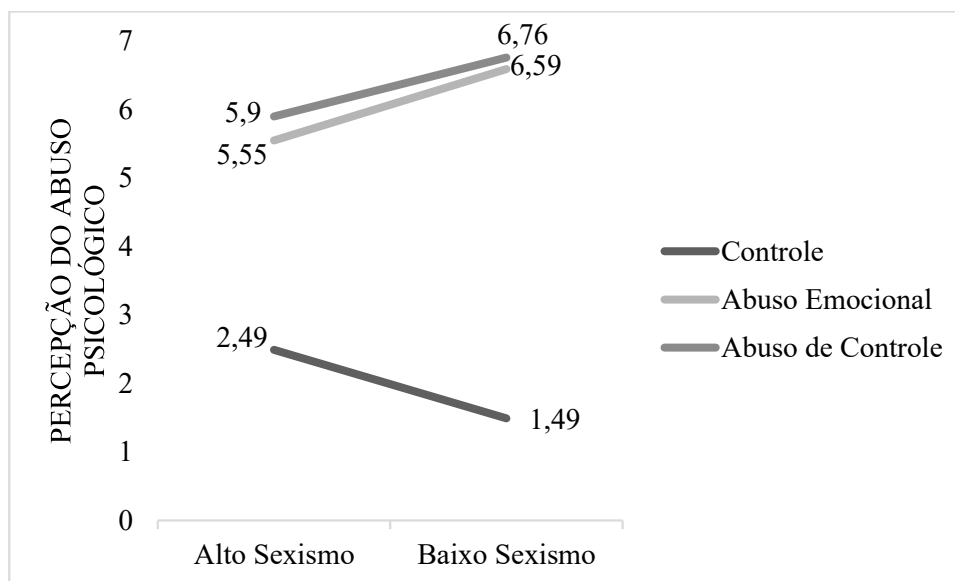
Por fim, com o intuito de testar as hipóteses 3 e 3a, foram realizadas três ANCOVAs fatoriais. O modelo teórico testado foi o Modelo 1 de Heyes (2017), ou seja, uma moderação simples, sendo as manipulações experimentais como preditoras da percepção do abuso nos cenários, e o sexismo como moderador.

A primeira ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de abuso como preditores da percepção do abuso psicológico. De acordo com os resultados, foi observado um efeito moderador do sexismo nessa relação [$F(2.205)=4.567, p=.011$]. Além disso, foi verificada uma interação significativa para níveis superiores de sexismo [$F(2.205)=19.090, p<.001$], o que indica que houve diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para as manipulações de abuso de controle e abuso emocional ($p=.034$), bem como entre as manipulações experimentais e a condição controle ($p<.001$). De acordo com esses dados, os participantes perceberam mais o abuso de controle em comparação com o abuso emocional. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso psicológico para níveis mais baixos de adesão ao sexismo ($p=.304$) em relação às manipulações experimentais. Contudo, foram observadas diferenças entre as manipulações

experimentais e a situação controle [$F(2.205)=144.324, p<.001$]. Esses resultados estão ilustrados na Figura 1.

Figura 1.

Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de abuso e níveis de sexismo

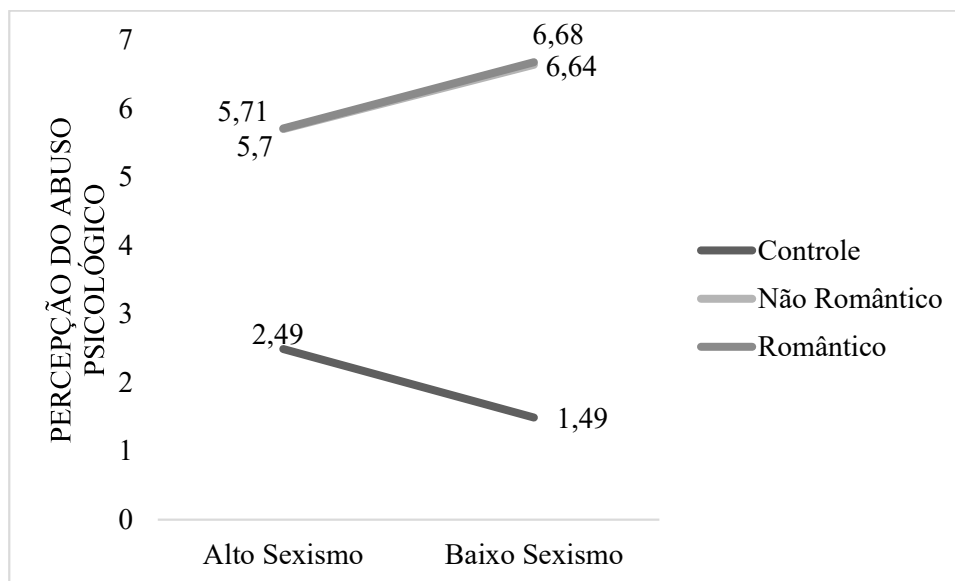


A segunda ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de história como preditores da percepção do abuso psicológico e encontrou um efeito moderador do sexismo [$F(2.205)=4.158, p=.017$]. Os resultados também indicaram uma interação significativa para níveis mais altos de adesão ao sexismo [$F(2.205)=16.371, p<.001$]. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para o conteúdo romântico e não romântico das histórias ($p=.959$). Assim, os participantes não diferiram em relação à percepção do abuso e ao conteúdo das histórias. O mesmo padrão foi observado para níveis mais baixos de adesão ao sexismo. Ou seja: não houve diferença significativa entre as médias de percepção do abuso para o conteúdo das histórias ($p=.779$), mas houve diferença entre as

manipulações experimentais e a situação controle [$F(2.205)=140.037, p<.001$]. Esses resultados estão ilustrados na Figura 2.

Figura 4.

Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de história e níveis de sexismo



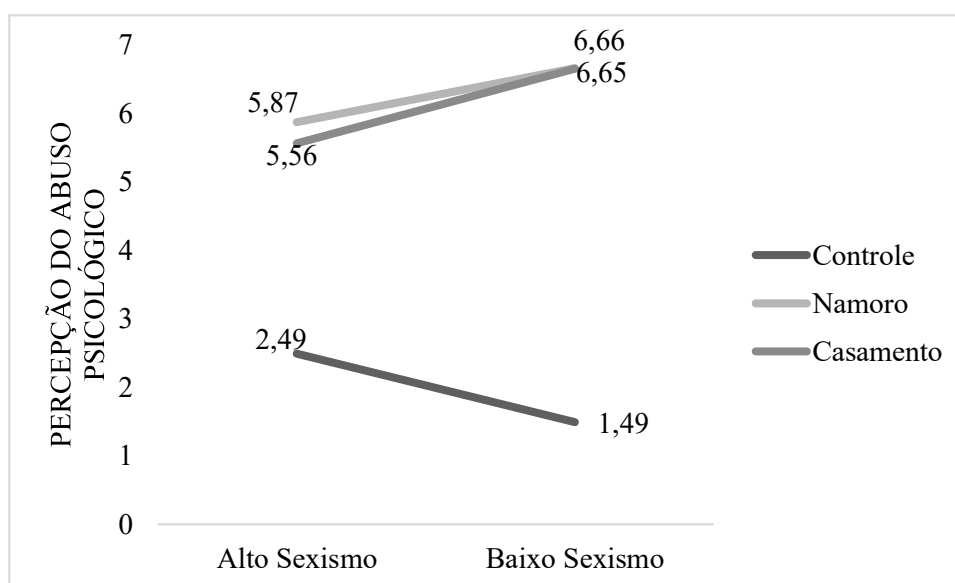
A terceira ANCOVA verificou o efeito da manipulação dos tipos de relacionamento como preditores da percepção do abuso psicológico e encontrou um efeito moderador do sexismo [$F(2.205)=4.980, p=.008$]. Os resultados também indicaram uma interação significativa para níveis mais altos de adesão ao sexismo [$F(2.205)=18.462, p<.001$]. Houve diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para os relacionamentos de namoro e casamento ($p=.059$), bem como para a condição controle ($p<.001$). De acordo com esses resultados, os participantes perceberam mais o abuso no relacionamento de namoro em comparação com o relacionamento de casamento. No entanto, não foram encontradas diferenças significativas entre as médias de percepção do abuso para níveis mais baixos de adesão

ao sexismo ($p=0.954$) em relação às manipulações experimentais. Mas houve diferença entre as manipulações experimentais e a situação controle [$F(2.205)=142.322$, $p<.001$].

Esses resultados estão ilustrados na Figura 3.

Figura 3.

Percepção do abuso em função da interação entre manipulação do tipo de relacionamento e níveis de sexismo



DISCUSSÃO

Este estudo buscou investigar os fatores que influenciam a percepção do abuso psicológico, partindo dos mitos de amor e do sexismo ambivalente para compreender esse fenômeno. Para tanto, foram desenvolvidas cinco hipóteses, das quais três foram corroboradas (H2, H2A e H3), uma foi confirmada parcialmente (H3A), e uma foi rejeitada (H1). No geral, verificamos que os mitos de amor isoladamente não exercem efeito na diminuição da percepção do abuso psicológico; porém, quando acompanhados da moderação do sexismo, essa relação muda, tornando-se significativa.

A primeira hipótese postulava que o abuso de controle seria mais notado em comparação ao abuso emocional. Apesar de as médias de percepção do abuso psicológico terem sido superiores na manipulação do abuso de controle, essa diferença não foi significativa, levando à rejeição dessa hipótese. Pesquisas revelam que o abuso de controle é a forma de abuso mais perpetrada em relacionamentos abusivos, sendo o controle em sua via digital (redes sociais do parceiro e afins) mais aceito e valorizado socialmente em um relacionamento amoroso, sendo, por vezes, visto como inofensivo (Bonomi et al., 2013; Nardi-Rodríguez, Pastor-Mira, López-Roig & Ferrer-Pérez, 2018; Papp, Liss, Erchull, Godfrey & Waaland-Kreutzer, 2017; Sánchez-Hernández, Herrera-Enríquez & Expósito, 2020). Em outras palavras, o abuso de controle deixa de ser mais “flagrante” na medida em que ele é mais naturalizado, razão pela qual não se sobressai ao abuso emocional.

A Hipótese 2 foi corroborada, e esperava-se que a relação entre a adesão aos mitos de amor não se correlacionasse com a diminuição da percepção do abuso psicológico. Apesar de os resultados ilustrarem correlações negativamente significativas entre tais variáveis, estas foram baixas, corroborando estudos anteriores (Borrajó, Gámez-Guadix & Calvete, 2015; Bosch & Ferrer, 2012; Nardi-Rodríguez et al., 2018). Uma possível explicação para esse resultado pode estar relacionada à idade dos participantes deste estudo, que tinham, em média, mais de 33 anos. Estudos prévios verificaram que a adesão aos mitos de amor está fortemente relacionada à idade dos sujeitos, sendo os mais jovens aqueles que apresentam maior apoio a esses mitos (Bollina-Algovia & Rivero, 2021; Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020).

A Hipótese 3, que esperava que um maior endosso ao sexismo ambivalente moderasse negativamente a percepção do abuso psicológico, foi corroborada em todas as manipulações experimentais. A literatura aponta que o sexismo ambivalente é uma

variável fortemente relacionada à percepção da violência contra a mulher, sendo um preditor na percepção da violência conjugal (Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020; Yang et al., 2023). Apesar de existirem controvérsias nos estudos prévios sobre a moderação dessa variável na percepção do abuso psicológico (Badenes-Sastre, Beltrán-Morillas & Expósito, 2023; Capezza, D’Intino, Flynn & Arriaga, 2021; Keita, 2022), nossos achados corroboram que o sexismo ambivalente é, sim, uma variável que tem um impacto direto na diminuição da percepção do abuso psicológico. A relevância do sexismo ambivalente na relação entre as variáveis manipuladas (tipo de abuso e os mitos de amor) fica ainda mais evidente quando nos debruçamos detalhadamente sobre os resultados dessa análise.

Por exemplo: os resultados ilustram que, quando o sexismo ambivalente exerce efeito moderador nas condições de manipulação do tipo de abuso psicológico, os participantes apresentaram médias superiores na percepção do abuso de controle, em comparação com o abuso emocional. Estes achados corroboram estudos anteriores (Gracia et al., 2014; Herrero, et al., 2017; Martín-Fernández, Gracia, & Lila, 2018; Sánchez-Hernández, Herrera-Enríquez & Expósito, 2020), os quais também verificaram que a percepção de comportamentos abusivos e controladores só se sobressai quando acompanhada do efeito do sexismo.

O abuso emocional representa uma forma de violência que impacta altamente o âmbito individual da vítima, afetando seus sentimentos e emoções. Assim, sua caracterização está intrinsecamente vinculada ao relato da própria vítima (Askari, 2020). Por outro lado, o abuso de controle configura-se como uma violência que se estende para além do indivíduo, atingindo outras pessoas envolvidas na rotina do casal, como filhos, amigos e familiares (Fanslow et al., 2021). Dessa forma, sua detecção não depende necessariamente do relato da vítima. Nesse contexto, o sexismo emerge como

uma variável que deslegitima o discurso da vítima (Glick & Fiske, 1996; Le Brun, Benbouriche & Tibbels, 2023; Tutkal, 2023). Por essa razão, aqueles que aderem fortemente ao sexismo tendem a perceber mais o abuso de controle do que o abuso emocional.

Já no que diz respeito aos mitos de amor, viu-se que esta variável só exerce efeito na redução da percepção do abuso psicológico quando acompanhada da moderação do sexismo ambivalente, corroborando a aceitação da hipótese 2a e a confirmação parcial da hipótese 3a. A hipótese 2a postulava que as manipulações dos mitos de amor não afetariam a diminuição da percepção do abuso psicológico, e nossos resultados confirmaram esta expectativa. Os resultados da ANOVA sugerem que, tanto para a manipulação do mito de emparelhamento, quanto para o mito de romanticismo, não ocorreu a diminuição da percepção do abuso psicológico.

Embora Lelaurain e colaboradores (2018) corroborem que, em situações nas quais o casal que está envolvido em violência doméstica, quando descrito como apaixonado ou vivendo uma relação de longo prazo, estes aspectos românticos tendiam a justificar a violência e, conseqüentemente, reduzir a percepção da gravidade desta. Anos depois, o mesmo autor, juntamente com outros colaboradores (2021), verificou que, na verdade, esta relação entre os mitos de amor e a percepção da gravidade da violência conjugal só existe na presença do efeito moderador do sexismo ambivalente e dos mitos da violência doméstica.

O impacto da manipulação do mito de casamento só foi observado quando houve a influência da moderação do sexismo ambivalente, o que confirma parcialmente a nossa hipótese 3a. Em contraste, no estudo de Lelaurain et al. (2021), os autores evidenciaram que a moderação tanto do sexismo quanto dos mitos da violência doméstica influenciam na percepção da gravidade da violência doméstica. Em nosso

estudo, abordamos especificamente o abuso psicológico e constatamos que pessoas com alta adesão ao sexismo ambivalente perceberam menos o abuso psicológico quando a relação do casal foi descrita como casados (mito do emparelhamento), em comparação com a condição de controle e a manipulação de uma relação de namorados. Já no que se refere à manipulação do romantismo (conteúdo das histórias), viu-se que não existiu efeito na diminuição da percepção do abuso psicológico, mesmo acompanhado da moderação do sexismo ambivalente. Assim, contextualizando que os mitos de amor sustentam estereótipos legitimadores da desigualdade de gênero (Chung, 2005; Singh, 2013; Wood, 2001), característica central do sexismo ambivalente, pode-se explicar que o que ocorre é um efeito combinado entre estas variáveis, já que ambas expressam um endosso à desigualdade de gênero. Em outras palavras, por meio da adesão ao sexismo ambivalente, ocorre a internalização dos mitos de amor e, conseqüentemente, a redução da percepção do abuso psicológico.

Além disso, o que pode explicar a falta de efeito do mito do romanticismo na redução da percepção do abuso psicológico pode ter ocorrido pela forma como esse mito foi caracterizado. Esse mito foi representado nas histórias apenas descrevendo o casal como apaixonado. No entanto, o romanticismo envolve também outros fatores, como a crença fantasiosa de que esse sentimento de paixão perdura durante todo o relacionamento, e esse aspecto não foi ilustrado na manipulação adotada (Piñeiro, Piñuela & Yela, 2021). Desse modo, acreditamos que a manipulação desse tipo de abuso careceu de informações mais complexas, o que pode explicar porque não afetou a percepção do abuso psicológico.

É necessário apontar as limitações deste trabalho. A princípio, como mencionado anteriormente, as manipulações do estudo podem ter sido comprometidas, descritas de forma desproporcionais. A caracterização dos mitos de amor (romanticismo

e emparelhamento/casamento), nas histórias, foi consideravelmente baixa, o que pode ter influenciado a percepção dos leitores sobre as histórias e as relações apresentadas. Além disso, admite-se que o uso de vinhetas experimentais não possibilita ilustrar uma situação real de abuso psicológico entre casais. Estudos futuros podem manipular histórias reais de abuso psicológico conjugal para aumentar o realismo nas narrativas, tomando como base, por exemplo, notícias de jornais. Outrossim, seria interessante explorar outras variáveis para verificar se influenciam a percepção do abuso psicológico, tais como características culturais e características individuais, como nível educacional e experiências passadas de relacionamento dos participantes.

As implicações teóricas deste trabalho evidenciam que o sexismo não é apenas um sistema de crenças acerca dos papéis de gênero e da hierarquia de poder entre homens e mulheres. Todavia, é um sistema ideológico que endossa e reproduz essa hierarquização, o que propicia a manutenção de violências contra a mulher e, conseqüentemente, sua não percepção enquanto uma violência propriamente dita (Rollero, Bergagna & Tartaglia, 2021). Por essa razão, intervenções específicas voltadas para o combate ao sexismo são necessárias, pois níveis inferiores de endosso ao sexismo estão associados tanto à redução no envolvimento em relações abusivas quanto ao menor endosso à perpetração dessa violência (García-Díaz et al., 2018).

Referências

- Allen, C. T., Swan, S. C., & Raghavan, C. (2009). Gender symmetry, sexism, and intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence*, 24(11), 1816-1834. Doi: <https://doi.org/10.1177/0886260508325496>
- Amaral, R. E. C., & Costa, C. A. R. (2018). Reflexões psicanalíticas sobre o amor a partir de Eros1. *aSEPHallus*, 14(27), 5-25.
http://www.isepol.com/asephallus/numero_27/pdf/2%20-%20REBECA%20AMARAL%20e%20CARLOS%20ALBERTO.pdf
- Amor, P. J., Echeburúa, E., Camarillo, L., Ferre, F., Sarasua, B., & Zubizarreta, I. (2022). Dependencia emocional y maltrato en mujeres víctimas de violencia contra la pareja. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 30(1), 291-307. Doi: <https://doi.org/10.51668/bp.8322115s>
- Arnoso, A., Ibabe, I., Arnoso, M., & Elgorriaga, E. (2017). El sexismo como predictor de la violencia de pareja en un contexto multicultural. *Anuario de Psicología Jurídica*, 27(1), 9-20. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.apj.2017.02.001>
- Askari, R. (2020). Psychological Abuse against Women and Judicial Relief in the Context of the Subcontinent. *BiLD Law Journal*, 5(2), 9-16.
https://www.researchgate.net/profile/Rashid-Askari-2/publication/350581606_Psychological_Abuse_against_Women_and_Judicial_Relief_in_the_Context_of_the_Subcontinent_-_BiLD_Law_Journal_Volume_5_Issue_2/links/606708e4a6fdccad3f66df0a/Psychological-Abuse-against-Women-and-Judicial-Relief-in-the-Context-of-the-Subcontinent-BiLD-Law-Journal-Volume-5-Issue-2.pdf

- Badenes-Sastre, M., Beltrán-Morillas, A. M., & Expósito, F. (2023). Absence Versus Presence of Intimate Partner Violence in a Sample of Spanish Women: Conflict Resolution Strategies and Associated Variables. *Violence Against Women*, 0(0).
Doi: <https://doi.org/10.1177/10778012221147907>
- Bonilla-Algovia, E., & Rivas-Rivero, E. (2021). Creencias sobre el amor romántico y las relaciones íntimas: implicaciones en jóvenes de la Comunidad de Madrid. *Informes Psicológicos*, 21(2), 243-257. Doi: <http://dx.doi.org/10.18566/infpsic.v21n2a15>.
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Rivara, F. P., & Buettner, C. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13(1), 1-12. Doi: 10.1186/1471-2458-13-821
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological reports*, 116(2), 565-585. Doi: <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Bosch-Fiol, E., & Ferrer-Pérez, V. A. (2012). Nuevo mapa de los mitos sobre la violencia de género en el siglo XXI. *Psicothema*, 24(4), 548-554.
<https://www.redalyc.org/pdf/727/72723959007.pdf>
- Brennan, I. R., Burton, V., Gormally, S., & O'Leary, N. (2019). Service provider difficulties in operationalizing coercive control. *Violence against women*, 25(6), 635-653. Doi: <https://doi.org/10.1177/1077801218797478>
- Canto, J. M., Vallejo-Martín, M., Perles, F., & San Martín, J. (2020). The influence of ideological variables in the denial of violence against women: The role of sexism and social dominance orientation in the Spanish context. *International journal of*

environmental research and public health, 17(14), 4934. Doi:

<https://doi.org/10.3390/ijerph17144934>

Cañete, E. P., & Novas, F. P. (2012). Resolución de conflictos de pareja en adolescentes, sexismo y dependencia emocional. *Quaderns de psicologia. International journal of psychology*, 14(1), 45-60.
<https://www.raco.cat/index.php/QuadernsPsicologia/article/view/254304>

Capezza, N. M., & Arriaga, X. B. (2008). Factors associated with acceptance of psychological aggression against women. *Violence against women*, 14(6), 612-633.
<https://doi.org/10.1177/1077801208319004>

Capezza, N. M., D'Intino, L. A., Flynn, M. A., & Arriaga, X. B. (2021). Perceptions of psychological abuse: The role of perpetrator gender, victim's response, and sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), 1414-1436. Doi:
<https://doi.org/10.1177/0886260517741215>

Coleman, J. (1958). Relational analysis: The study of social organizations with survey methods. *Human organization*, 17(4), 28-36. Doi:
<https://doi.org/10.17730/humo.17.4.q5604m676260q8n7>

Cruz Torres, C. E., Correa Romero, F. E., & Padilla Bautista, J. A. (2021). Sexismo, temor a la evaluación negativa y comunicación destructiva en la pareja. *Revista De Psicología*, 39(1), 9-34. <https://doi.org/10.18800/psico.202101.001>

Dardis, C. M., Dixon, K. J., Edwards, K. M., & Turchik, J. A. (2015). An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 16(2), 136-152. Doi:
<https://doi.org/10.1177/1524838013517559>

- DeShong, H. A., & Haynes, T. (2016). Intimate partner violence in the Caribbean: State, activist and media responses. *Global Public Health, 11*(1-2), 82-94. Doi: <https://doi.org/10.1080/17441692.2015.1012529>
- Deller, R. A., & Smith, C. (2013). Reading the BDSM romance: Reader responses to Fifty Shades. *Sexualities, 16*(8), 932-950. <https://doi.org/10.1177/1363460713508882>
- Doise, W. (1986). *Levels of explanations in Social Psychology*. Cambridge University Press.
- Expósito, F., Moya, M. C., & Glick, P. (1998). Sexismo ambivalente: medición y correlatos. *Revista de Psicología social, 13*(2), 159-169. Doi: <https://doi.org/10.1174/021347498760350641>
- Fanslow, J., Malihi, Z., Hashemi, L., Gulliver, P., & McIntosh, T. (2021). Change in prevalence of psychological and economic abuse, and controlling behaviours against women by an intimate partner in two cross-sectional studies in New Zealand, 2003 and 2019. *BMJ open, 11*(3), e044910. <https://doi.org/10.1136/bmjopen-2020-044910>
- Faul, F., Erdfelder, E., Lang, A. G. & Buchner, A. (2007). G* Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behavior research methods, 39*(2): 175-191. Doi: <https://doi.org/10.3758/BF03193146>
- Ferrer, V. A., Bosch, E., & Navarro, C. (2010). Los mitos románticos en España. *Boletín de psicología, 99*(7), 7-31. [https://www.researchgate.net/profile/Victoria-](https://www.researchgate.net/profile/Victoria-Ferrer-)

Perez/publication/46311908_Los_mitos_romanticos_en_Espana/links/0fcfd50c3334483eb5000000/Los-mitos-romanticos-en-Espana.pdf

FRA – Agencia de los Derechos Fundamentales de la Unión Europea. *Violencia de género contra las mujeres: una encuesta a escala de la UE*. 2014.
https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra-2014-vaw-survey-at-a-glance-oct14_es.pdf

García-Díaz, V., Lana-Pérez, A., Fernández-Feito, A., Bringas-Molleda, C., Rodríguez-Franco, L., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2018). Actitudes sexistas y reconocimiento del maltrato en parejas jóvenes. *Atención primaria*, 50(7), 398-405. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.aprim.2017.04.001>

Gius, C., & Lalli, P. (2014). 'I Loved her so much, but i killed her'romantic love as a representational frame for intimate partner femicide in three italian newspapers ('je l'aimais tellement que je l'ai tuée'. l'amour romantique comme cadre de la représentation du fémicide par le partenaire dans la presse italienne). *ESSACHESS. Journal for Communication Studies*, 7(2), 53-57.
https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2548165

Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. Doi: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>

Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women. *Psychology of women quarterly*, 21(1), 119-135.
 Doi: <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>

- Governo da Espanha, Ministerio de Igualdade. 2019. *Macroencuesta de violencia*.
https://violenciagenero.igualdad.gob.es/violenciaEnCifras/macroencuesta2015/pdf/Macroencuesta_2019_estudio_investigacion.pdf
- Gracia, E., Garcia, F., & Lila, M. (2014). Male police officers' law enforcement preferences in cases of intimate partner violence versus nonintimate interpersonal violence: Do sexist attitudes and empathy matter? *Criminal justice and behavior*, 41, 1195-1213. <https://doi.org/10.1177/0093854814541655>
- Hayes, A. F. (2017). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach*. Guilford publications.
- Hammock, G. S., Richardson, D. S., Williams, C., & Janit, A. S. (2015). Perceptions of psychological and physical aggression between heterosexual partners. *Journal of Family Violence*, 30, 13-26. Doi: 10.1007/s10896-014-9645-y
- Hendl, T. (2017). A feminist critique of justifications for sex selection. *Journal of Bioethical Inquiry*, 14, 427-438. Doi: <https://doi.org/10.1007/s11673-017-9797-6>
- Herrera, M. C., Expósito, F., & Moya, M. (2012). Negative reactions of men to the loss of power in gender relations: Lilith vs. Eve. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 4, 17-42.
<https://search.proquest.com/docview/1140194253?accountid=14542>
- Ibabe, I., Arnoso, A., & Elgorriaga, E. (2016). Ambivalent sexism inventory: Adaptation to Basque population and sexism as a risk factor of dating violence. *The Spanish Journal of Psychology*, 19, E78. DOI: <https://doi.org/10.1017/sjp.2016.80>
- Keita, D. (2022). *The impact of ambivalent sexism on the perceived level of abuse of coercive and controlling behaviours*. (Bachelor's thesis, University of Twente;

Faculty of Behavioural, Management and Social Sciences (BMS)).

<http://essay.utwente.nl/90993/>

Kelly, L., & Westmarland, N. (2016). Naming and defining domestic violence: Lessons from research with violent men. *Feminist Review*, 112, 113-127.

<https://doi.org/10.1057/fr.2015.52>

La Madrid, M. M. P. (2014). Adaptación del Inventario de Maltrato Psicológico hacia mujeres, en mujeres de Puerto Malabrigo. *Revista de Psicología (Trujillo)*, 16(1), 47-63. <http://revistas.ucv.edu.pe/index.php/revpsi/article/view/480/463>

Le Brun, C., Benbouriche, M., & Tibbels, S. (2023). A study of empathy towards male victims of sexual violence: the effects of gender and sexism. *Sexuality & Culture*, 1-19. <https://doi.org/10.1007/s12119-023-10138-3>

Lelaurain, S., Fonte, D., Giger, J. C., Guignard, S., & Lo Monaco, G. (2021).

Legitimizing intimate partner violence: The role of romantic love and the mediating effect of patriarchal ideologies. *Journal of interpersonal violence*, 36, 6351-6368.

<https://doi.org/10.1177/0886260518818427>

Marcos, V., Gancedo, Y., Castro, B., & Selaya, A. (2020). Dating violence victimization, perceived gravity in dating violence behaviors, sexism, romantic love myths and emotional dependence between female and male adolescents. *Revista iberoamericana de psicología y salud*, 11(2), 132-145. DOI: 10.23923/j.rips.2020.02.040

Marques-Fagundes, A. L., Megías, J. L., García-García, D. M., & Petkanopoulou, K.

(2015). Ambivalent sexism and egalitarian ideology in perception of psychological abuse and (in) vulnerability to violence/Sexismo ambivalente e ideología igualitaria en la percepción del maltrato psicológico y la (in) vulnerabilidad a la violencia.

Revista de Psicología Social, 30(1), 31-59. Doi:

<https://doi.org/10.1080/02134748.2014.991519>

Martín-Fernández, M., Gracia, E., Marco, M., Vargas, V., Santirso, A., & Lila, M.

(2018). Measuring acceptability of intimate partner violence against women: Development and validation of the A-IPVAW scale. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 10, 26- 34.

<https://doi.org/10.5093/ejpalc2018a3>

Marshal, L. L. (1999). Effects of Men's Subtle and Overt Psychological Abuse on Low-

Income Women, *Violence and Victims*, 14 (1), 69- 88. doi:10.1891/0886-6708.14.1.69

Mesquita Filho, M., Eufrásio, C., & Batista, M. A. (2011). Estereótipos de gênero e

sexismo ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos. *Saúde e Sociedade*, 20(3), 554-567. <https://www.scielo.org/pdf/sausoc/v20n3/03.pdf>

Moya, M., Exposito, F., & Casado, P. (1999). *Women's reactions to hostile and benevolent sexist situations*. Paper presented at the 22nd General Meeting of the European Association of Experimental Social Psychology, Oxford, England.

Murphy, C. M., & Cascardi, M. (1999). Psychological abuse in marriage and dating relationships. *Family violence prevention and treatment*, 2, 198-226. Doi:

<https://doi.org/10.4135/9781452231983>

Nardi-Rodríguez, A., Pastor-Mira, M. Á., López-Roig, S., & Ferrer-Pérez, V. (2018).

Identifying beliefs behind boys' use of mobile phones to monitor girlfriends and girls' acceptance: A reasoned-action approach. *Journal of Youth Studies*, 21(7), 922-939. Doi: <https://doi.org/10.1080/13676261.2017.1422600>

- Nava-Reyes, M. A., Rojas-Solís, J. L., Greathouse, L. M., & Morales, L. (2018). Gender roles, sexism and myths of romantic love in Mexican adolescents. The *Interamerican Journal of Psychology*, 52(1), 102-111.
<https://www.aacademica.org/dr.jose.luis.rojas.solis/35.pdf>
- Novo, M., Herbón, J., & Amado, B. G. (2016). Género y victimización: efectos en la evaluación de la violencia psicológica sutil y manifiesta, apego adulto y tácticas de resolución de conflictos. *Revista iberoamericana de psicología y salud*, 7(2), 89-97.
Doi: <https://doi.org/10.1016/j.rips.2016.05.002>
- Paiva, T. T., Cavalcanti, J. G., & Lima, K. S. (2020). Propriedades psicométricas de uma medida de abuso psicológico na Parceira. *Revista Colombiana de Psicología*, 29(1), 45-59. Doi: <https://doi.org/10.15446/rcp.v29n1.72599>
- Piñeiro, Y., Piñuela, R., & Yela, C. (2022). EMRO: Una herramienta de evaluación de los mitos románticos. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 1(62), 137-153.
<https://www.redalyc.org/journal/4596/459671925012/459671925012.pdf>
- Reyes, A., Ohannessian, C. H., & Racz, S. J. (2018). Discrepancies Between Adolescent and Parent Reports About Family Relationships. *Journals Child Development Perspectives*, 13 (1), 53-58. Doi: <https://doi.org/10.1111/cdep.12306>
- Rollero, C., Bergagna, E., & Tartaglia, S. (2021). What is violence? The role of sexism and social dominance orientation in recognizing violence against women. *Journal of interpersonal violence*, 36, 21-22. Doi: <https://doi.org/10.1177/0886260519888525>
- Sánchez-Hernández, M. D., Herrera-Enríquez, M. C., & Expósito, F. (2020). Los comportamientos de control en la pareja en la era digital: la aceptación de la

- violencia de género, el sexismo y los mitos del amor. *Psychosocial Intervention*, 29(2), 67-81. Doi: <https://dx.doi.org/10.5093/pi2020a1>
- Sears, H. A., Byers, E. S., Whelan, J. J., & Saint-Pierre, M. (2006). "If it hurts you, then it is not a joke" Adolescents' ideas about girls' and boys' use and experience of abusive behavior in dating relationships. *Journal of interpersonal violence*, 21(9), 1191-1207. Doi: <https://doi.org/10.1177/0886260506290423>
- Soto, P. L., & Pérez, L. M. (2017). Asertividad e ideología de género en mujeres víctimas de abuso psicológico. *Ciencia y Sociedad*, 42(1), 59-76.
<https://www.redalyc.org/pdf/870/87050902005.pdf>
- Tutkal, S. (2023). The Role of Dehumanization in Legitimation and Delegitimation of State Violence in Colombia. *Culture & Psychology*.
<https://doi.org/10.1177/1354067X231164795>
- Tittlová, M. (2018). Seniors as victims of domestic violence. *International Journal of Entrepreneurial Knowledge*, 6(2). <https://doi.org/10.37335/ijek.v6i2.82>
- Vázquez, N., & Pastor, Y. (2019). Uso de redes sociales y mensajería instantánea en relaciones de pareja en la juventud: un estudio preliminar. *Health & addictions/salud y drogas*, 19(1), 87-98.
- Walby, S., & Towers, J. (2018). Untangling the concept of coercive control: Theorizing domestic violent crime. *Criminology & criminal justice*, 18(1), 7-28. DOI: 10.1177/1748895817743541
- Westmarland, N., & Kelly, L. (2016). Domestic violence: The increasing tensions between experience, theory, research, policy and practice. *What is to Be Done*

About Crime and Punishment? Towards a'Public Criminology', 31-55. Doi:

https://doi.org/10.1057/978-1-137-57228-8_3

Yela, C. (2000). *El amor desde la psicología social. Ni tan libres ni tan racionales*.

Madrid: Pirámide.

Yang, C., Liu, W., Wang, Y., Xu, S., Xu, Y., Yang, L., ... & Li, J. (2022). Influence of ambivalent sexism on intimate partner violence tolerance and mental violence in a Chinese female sample: relationship causality orientation as a moderator. *Violence against women*, 29. Doi: <https://doi.org/10.1177/10778012221137919>

DISCUSSÕES GERAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O abuso psicológico (AP) é uma forma de violência que visa à dominação do(a) parceiro(a), manifestando-se por meio de manipulações emocionais, humilhações, chantagens (abuso emocional) e/ou pela adoção de medidas, como o isolamento da vítima, controle sobre os filhos, finanças e redes sociais (abuso de controle). Diante disso, questionamos os fatores que podem contribuir para a dificuldade do AP ser percebido como violência e quais variáveis atuam como filtro para a naturalização dessa violência. Desse modo, a presente tese objetivou investigar quais aspectos psicossociais dificultam a percepção do abuso psicológico como um tipo de violência, objetivamos também, verificar em que medida a adesão ao sexismo ambivalente influencia na percepção do AP como violência de gênero, bem como, qual a influência dos mitos de amor romântico na relação entre o sexismo ambivalente e a percepção do abuso psicológico como uma violência propriamente dita.

Estudos sobre AP em relacionamentos destacam a teoria do sexismo ambivalente como uma variável influente na compreensão desse fenômeno. Essa teoria permite compreender e explicar ideologicamente a percepção de violências contra as mulheres (Angadullina, Lovakov, Belezina & Gulevich, 2022; Cappelletti, D'Intino, Flynn & Arriaga, 2021; Linhares, 2021; Nisar et al., 2021). O sexismo ambivalente contribui para a reprodução da desigualdade de gênero, aspecto compartilhado com outra teoria emergente na psicologia social, os mitos do amor romântico. Os mitos do amor romântico, assim como o sexismo ambivalente, estabelecem expectativas e comportamentos que devem ser seguidos para alcançar o amor ideal (Cava, Castillo, Tomás & Buelga, 2022; Karandashev, 2019). Enraizados em uma lógica heteronormativa, esses mitos definem as responsabilidades na manutenção do relacionamento e endossam a tolerância à violência como parte do amor (Lelaurain et al., 2021). Há indicações de uma relação entre o sexismo ambivalente e os mitos do

amor, e, juntos, eles contribuem para a compreensão da percepção das violências contra as mulheres (Carrascosa Iranzo, Caballero Cava, Buelga & Jesus, 2019; Sanchez-Hernandez, Enríquez & Expósito, 2020).

Admitindo que tais variáveis estão relacionadas, a tese investigou duas grandes hipóteses: a primeira afirma que os mitos de amor e o sexismo ambivalente exercem efeito na percepção do abuso psicológico, enquanto a segunda admite que a relação entre tais variáveis irá diferir de acordo com o contexto cultural. Ou seja: hipotetizamos que a execução deste trabalho resultaria em resultados diferentes no Brasil e na Espanha.

Assim, os artigos foram desenvolvidos visando atender as hipóteses gerais e dando assistência a outras lacunas teóricas que já vinham sendo destacadas em estudos prévios, e que também foram surgindo ao longo do desenvolvimento da tese.

No Artigo 1, deu-se a construção da Escala de Percepção do Abuso Psicológico contra a Parceira (EPAPP) que visa mensurar a percepção do abuso psicológico, já que não foi verificado nenhum instrumento prévio com essa finalidade. Além disso, este artigo ofereceu uma articulação teórica mais ampla do que se compreende como AP, mensurando em conjunto de aspectos virtuais que circundem o abuso psicológico, bem como estratégias de manutenção e perpetração do abuso psicológico (*mansplaining*, *stalking*, *gaslighting* e ostracismo).

Dessa forma, o Artigo 1 ofereceu interpretações iniciais das características que constituem o AP e de quais comportamentos são mais percebidos enquanto abusivos. Com base nesses achados, construímos os cenários experimentais para os estudos seguintes, levando em conta os comportamentos mais representativos das formas de abuso (emocional e de controle) presentes nos itens do instrumento. Esses comportamentos foram utilizados para caracterizar esses aspectos nas histórias

empregadas. Desse modo, o Artigo 1 deu bases estruturantes para o desenvolvimento metodológico dos artigos dois e três.

Já os artigos dois e três trazem luz a outros aspectos que antes não foram analisados no que se refere ao estudo da percepção do AP. A literatura tem demonstrado o impacto do endosso aos mitos de amor romântico na percepção do AP (Bajo, 2020), porém, até então, não havia sido investigado como tais aspectos presentes em uma história são percebidos pelo leitor. Ambos os artigos investigaram a percepção das diferentes formas de AP (abuso de controle e abuso emocional). Também analisam a influência de conteúdos nas histórias de dois mitos de amor romântico (emparelhamento/casamento e romanticismo).

Assim, o Artigo 2 (Brasil) e Artigo 3 (Espanha) são estudos que compartilham de uma mesma estrutura, ou seja, compõem-se das mesmas variáveis, porém diferem em alguns aspectos metodológicos. O Artigo 2 é um estudo de caráter quase-experimental, já que não foi possível a aleatorização dos participantes nas condições experimentais, e deu-se de forma presencial, por meio do uso de questionários impressos. Além disso, este artigo se apropria da EPAPP, proporcionando análises de outros aspectos para além da percepção geral do abuso nos cenários experimentais. Já o Artigo 3, que se propôs a uma replicação do Artigo 2, foi um estudo experimental, já que se deu de forma *online* e contou com o auxílio da plataforma *online survey monkey*, que possibilita a realização da aleatorização dos participantes nos questionários. Com tudo, este artigo não fez o uso da EPAPP, pois não foi possível fazer sua adaptação transcultural ao contexto espanhol.

Em geral, viu-se que ambos os países apresentaram resultados diferentes em alguns aspectos, também convergências em outros. Por exemplo, uma das diferenças entre os países foi em relação à percepção do tipo de abuso de controle, apesar de os

dois demonstrarem médias de percepção muito parecidas: os brasileiros perceberam mais o abuso de controle, enquanto os espanhóis não diferiram na percepção do tipo de abuso.

Embora estudos anteriores afirmem que o contexto latino-americano, no qual se insere o Brasil, é mais propenso à aceitação de comportamentos controladores e, por conseguinte, mais naturalizados (Cuadrado-Gordillo & Martín-Mora-Parra, 2022; Bucheli & Rossi, 2019), sugerindo que este tipo de comportamento seria, em certa medida, menos percebido como abusivo, acreditamos que o que ocorreu em nosso estudo vai ao encontro ao que Paiva, Cavalcante e Lima (2020) descrevem, os comportamentos de controle são tidos como mais flagrantes, como não atingem somente o âmbito privado do casal, mas também envolve comportamentos com relação a outras pessoas do convívio do casal (e.g., filhos, família e amigos). Por essa razão, em nossa amostra, essa forma de abuso foi mais percebida.

Outra diferença foi em relação à influência dos mitos de amor na percepção do AP. Para cada país, foram hipotetizadas diferentes relações entre estas variáveis. Para as hipóteses do estudo realizado no Brasil, baseamo-nos em conclusões de pesquisas realizadas em outros contextos culturais (Keita, 2022; Kelly & Westmarland, 2015), já que não havia estudos deste caráter em território nacional. Porém, acabamos reforçando uma lacuna teórica que vinha sendo ilustrada em outros artigos (Cava, Castillo, Buelga & Tomás, 2022; Marcos, Gancedo, Castro & Selaya, 2020). Admitimos que as relações significativas (porém baixas) entre as variáveis são indicadores conclusivos para aceitar que existe uma relação suficiente dos mitos de amor romântico na redução da percepção do abuso. Já no Artigo 3, corrigimos este equívoco teórico que vinha sendo ignorado. Entretanto, um ponto ao qual os resultados de ambos os países convergem é que as manipulações dos mitos do amor reduzem efetivamente a percepção do AP. Em outras

palavras, não é a adesão aos mitos do amor romântico que reduz a percepção do abuso, mas sim a presença desses mitos em narrativas de AP.

Quando voltamos para o contexto brasileiro, observamos que os mitos de amor romântico tendem a minimizar a percepção do abuso emocional, especificamente na EPAPP. No entanto, quando há manipulação de comportamentos controladores, esses mitos perdem esse efeito na redução da percepção do abuso emocional. Esses achados indicam que uma maneira de validar a existência do abuso emocional e, por conseguinte, aumentar a percepção dele, é por meio da observação dos comportamentos controladores. Esses achados vão ao encontro ao que Follingstand e colaboradores (1990) demonstraram em seu estudo, segundo o qual o abuso emocional só era caracterizado como violência quando acompanhado do abuso físico. Esses resultados sugerem que, para os brasileiros, comportamentos violentos que dependem da interpretação ou do discurso da vítima para serem reconhecidos como violentos são justificados pelos mitos de amor romântico, e só são validados enquanto uma forma de violência na presença de outras formas de abusos. Extrapolando a interpretação desses dados para além da percepção do abuso emocional, em certa medida, eles também apontam para a influência da invisibilidade do discurso da vítima, ou seja, a vitimização secundária, as quais estão sujeitas a experienciar quando reportam sofrer abuso por parte do seu parceiro (Laing, 2016; Kandya, 2021).

Já na amostra espanhola, os mitos de amor romântico só reduzem a percepção do AP quando acompanhados da alta adesão ao sexismo ambivalente. Isso também se aplica quanto à percepção dos tipos de abuso psicológico, pois, com o efeito do sexismo, a amostra passou a fazer distinções entre os tipos de abuso, passando a perceber mais o abuso de controle, o que sugere que, nesse contexto, o sexismo é a variável que melhor explica a percepção do abuso, e somente o conteúdo dos mitos de

amor não é suficiente para reduzir a percepção do abuso, sendo necessária a adesão ao sexismo para que a percepção do abuso seja afetada.

Embora as médias de adesão ao sexismo e a percepção do AP tenham sido semelhantes para ambos os países, estes resultados ilustram como é distinto o mecanismo pelo qual se dá a percepção do abuso psicológico entre as diferentes culturas. Apesar de o sexismo ambivalente também moderar a relação entre os mitos de amor romântico e a percepção do abuso psicológico na amostra brasileira, percebemos que, nesse contexto, essa variável não foi, de fato, indispensável para reduzir a percepção do AP.

Consideramos que isso pode ocorrer devido à noção de que o sexismo ambivalente é um constructo fortemente arraigado na cultura latino-americana, e, conseqüentemente, no Brasil, não sendo percebido, em certa medida, como uma variável à parte de diferentes fenômenos. Em outras palavras, acreditamos que o sexismo é naturalizado ao ponto de não ser distinguido na atividade de outros constructos como os mitos de amor romântico e a violência contra a mulher. Glick e colaboradores (2004), em um estudo transcultural sobre o nível de adesão ao sexismo de 16 países, viu que, entre os dez primeiros, ocorria uma predominância de países latino-americanos com maior endosso a ambos os tipos de sexismo (hostil e benevolente), sendo representado por quatro países (Cuba, México, Colômbia e Peru), e Espanha só passa a ilustrar o *ranking* na sétima posição, no que se refere ao sexismo benevolente.

Apesar de ser uma pesquisa consideravelmente antiga, essas informações ganham suporte quando olhamos o *ranking* da igualdade de gênero, em que, de fato, países europeus ocupam posições superiores em comparação aos países latino-americanos e sul-americanos. Nesse cenário, a Espanha ocupa o 18º lugar em contrapartida ao Brasil, o 57º (Countryeconomy, 2023). Por essa razão, para o contexto

espanhol, o endosso ao sexismo é algo indispensável para moderar a relação dos mitos com a percepção do abuso.

Outros fatores que podem explicar as diferenças entre os países no que se refere aos mitos de amor romântico são as características das amostras. É importante mencionar que a amostra de ambos os estudos foi composta, predominantemente, por mulheres, o que pode explicar, em partes, o efeito dos mitos de amor na percepção do AP, já que se sabe que as mulheres tendem a apresentar maior adesão a esses mitos (García-Díaz et al., 2017; Sobrino, Labrador-Fernández & De-Nicolás, 2019).

Outro aspecto importante e que pode ter influenciado as diferenças entre os países em relação aos mitos de amor diz respeito à idade dos participantes: a amostra brasileira era mais jovem, com média de idade de 22 anos, e a espanhola tinha média de idade de 33 anos. De acordo com Bollina-Algovia e Riveiro (2021), os mais jovens tendem a endossar mais os mitos de amor romântico, em decorrência de uma falta de experiência em relacionamentos. Por isso, acreditamos que o impacto da caracterização dos mitos de amor nas histórias foi, em certa medida, suficiente para causar uma redução na percepção do AP na amostra brasileira, já que esta era mais jovem, com tendência a ter maior adesão aos mitos de amor romântico (Carbonell Marqués & Mestre, 2019; Nava-Reyes, Rojas-Solís, Greathouse & Morales, 2018).

O fator diferenciador dos nossos achados em comparação a outros estudos é a evidência de que, o que afeta a percepção do AP não é o endosso aos mitos de amor, porém a percepção destes mitos em outras histórias. Quando tratamos da adesão a uma variável, falamos das crenças dos leitores em relação a tal constructo. Entretanto, quando expomos os leitores a histórias, como é o caso de manipulações experimentais de vinhetas, que foi o método adotado neste estudo, os participantes têm outra perspectiva deste fenômeno. O que está sendo julgado não é a sua experiência, se não a

sua opinião a uma situação externa. Portanto, não somente estudamos a percepção do AP, mas também a percepção dos mitos de amor. Além disso, destacamos que os mitos de amor romântico têm uma relação pouco explorada com o sexismo ambivalente. Sugerimos que estudos futuros explorem melhor esta relação e verifiquem em que medida os mitos de amor romântico não são, em verdade, mitos de amor sexistas, que poderiam ser representados pelas dimensões de posse, tradição e abnegação.

Apesar de esta discussão se voltar para a comparação entre os países aqui estudados, não podemos fazer generalizações, e foram baseadas exclusivamente nos achados de cada estudo separadamente. Como não foi possível a execução de um estudo transcultural, que possibilitasse uma comparação mais robusta entre os países por meio de análises multivariadas, é interessante que estudos futuros revisem estes achados, comparando tais países de forma mais efetiva. Uma limitação desta tese diz respeito à amostra dos artigos desenvolvidos: em todos eles, a maioria dos participantes são mulheres, e sabe-se que as variáveis de estudo estão sujeitas à influência do gênero (Capezza, D’Intino, Flynn & Arriaga, 2017), o que pode ter afetado os resultados. Além disso, sugerimos que outras variáveis, como a tolerância a violência (Brem et al., 2018), experiência de vida com violência conjugal (Dim & Lysova, 2022) e dependência emocional (Marcos, Gancedo, Castro & Selava, 2020), devem ser investigadas em maior profundidade com relação aos mitos de amor romântico e ao sexismo na percepção do AP. Acreditamos que estes aspectos também podem explicar a falta de percepção do abuso psicológico.

Concluimos que a principal contribuição teórica desta tese se dá no aspecto da compreensão dos mitos do amor romântico. Esta tese demonstra que existe uma certa fragilidade quanto ao entendimento da relação entre os mitos de amor romântico e a percepção do AP. Acreditamos que, em decorrência das fortes correlações entre os

mitos de amor romântico de abnegação, tradição e possessão com o sexismo ambivalente, isto pode sugerir uma remodelação nessa teoria.

Assim, esta tese contribui para o entendimento de que a redução da percepção do AP contra a parceira percorre um caminho de dependência entre as variáveis. Ou seja: para que ocorra a redução da percepção do AP, primeiro existe a aderência ao sexismo ambivalente, que impacta diretamente na percepção dos mitos de amor romântico, e que, em conjunto, reduzem a percepção do AP.

É neste direcionamento que enfatizamos a importância de intervenções sobre as crenças que cercam um relacionamento ideal. Não é ensinado o que é amor e o que não é amor. A socialização de meninos e meninas, no que se refere a relações românticas, é pautada em histórias sexistas e heteronormativas, que envolvem a abnegação da identidade e a renúncia completa da mulher em detrimento do homem, ilustradas em séries, filmes e novelas (Jimenez-Picon et al., 2023). Estas ideias reproduzem violências dentro dos relacionamentos, como é o caso do abuso psicológico. Isto é, o amor não suporta tudo. É importante reconhecer que, quando algumas crenças impactam na reprodução de violências, é necessária a responsabilização governamental e o desenvolvimento de políticas públicas que visem ao seu combate.

Referências

- Aguilar, R. J., & Nightingale, N. N. (1994). The impact of specific battering experiences on the self-esteem of abused women. *Journal of family violence*, 9, 35-45. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01531967>
- Anaconda, C. A. R., Cruz, Y. C. G., Jimenez, V. S., & Guajardo, E. S. (2017). Sexismo y agresiones en el noviazgo en adolescentes españoles, chilenos y colombianos. *Behavioral Psychology/Psicología Conductual*, 25(2), 297-315. Recuperado de link.gale.com/apps/doc/A523394200/IFME?u=anon~21210de3&sid=googleScholar&xid=62bf7363
- Anderson, C. A., & Bushman, B. J. (2002). Human aggression. *Annual review of psychology*, 53(1), 27-51. doi: <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135231>
- Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Preditores da satisfação global em relacionamentos românticos. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 143-156. Recuperado de <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/2237/1996>
- Angadullina, E., Lovakov, A., Belezina, M., & Gulevich, O. A. (2022). Ambivalent sexism and violence toward women: A meta-analysis. *European Journal of Social Psychology*, 52(5-6), 819-859. DOI: 10.1002/ejsp.2799
- Araújo, A. V. M.; Bonfim, C. V.; Bushatsky, M.; Furtado, B. M. A. (2022). Technology-facilitated sexual violence: a review of virtual violence against women. *Research, Society and Development*, 11(2), 57811225757. doi: 10.33448/rsd-v11i2.25757.

- Arias, I., & Pape, K. T. (1999). Psychological abuse: Implications for adjustment and commitment to leave violent partners. *Violence and victims*, 14(1), 55-67. doi: 10.1891/0886-6708.14.1.55
- Almeida, I. S. B. D. (2012). Avaliação de risco de femicídio: poder e controlo nas dinâmicas das relações íntimas. (Tese de Doutoramento em Psicologia). Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa.
- Almendros, C., Gámez-Guadix, M., Carrobles, J. A., Rodríguez-Carballeira, Á., & Porrúa, C. (2009). Abuso psicológico en la pareja: aportaciones recientes, concepto y medición. *Psicología Conductual*, 17(3), 433-451. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Carmen-Almendros/publication/287834214_Intimate_partner_psychological_abuse_Concept_measurement_and_recent_contributions/links/586cd89e08aebf17d3a5c581/Intimate-partner-psychological-abuse-Concept-measurement-and-recent-contributions.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail&_rtd=e30%3D
- Apostolidis, T., & Deschamps, J. C. (2003). Une approche psychosociale de l'amour: logiques normatives et représentations. *Nouvelle Revue de Psychologie Sociale*, 2(2), 216-227. Recuperado de <https://www.researchgate.net/publication/272194449>
- Akhmedshina, F. (2020). Violence against women: A form of discrimination and human rights violations. *Mental Enlightenment Scientific-Methodological Journal*, 1(01), 13-23. Recuperado de <http://mentaljournal-jspu.uz/index.php/mesmj/article/view/4>
- Bandura, A. (2002). Social cognitive theory in cultural context. *Applied psychology*, 51(2), 269-290. doi: <https://doi.org/10.1111/1464-0597.00092>

- Bajo Perez, I. (2020). La normalización de la violencia de género en la adultez emergente a través del mito del amor romántico. *Cuestiones de Género: de la Igualdad y la Diferencia*, (15), 253-268. DOI: 10.18002/cg.v0i15.6045
- Biolcati, R., Pupi, V., & Mancini, G. (2022). Cyber dating abuse and ghosting behaviours: personality and gender roles in romantic relationships. *Current Issues in Personality Psychology*, 10(3), 240–251. Recuperado de <https://czasopisma.bg.ug.edu.pl/index.php/CliPP/article/view/7294>
- Borrajó, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological reports*, 116(2), 565-585. Doi: <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>
- Borgia, E. (2014). The Internet of Things vision: Key features, applications and open issues. *Computer Communications*, 54, 1-31. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.comcom.2014.09.008>
- Bonomi, A. E., Altenburger, L. E., & Walton, N. L. (2013). “Double crap!” Abuse and harmed identity in *Fifty Shades of Grey*. *Journal of Women's Health*, 22(9), 733-744. Doi: <https://doi.org/10.1089/jwh.2013.4344>
- Bonomi, A. E., Anderson, M. L., Nemeth, J., Rivara, F. P., & Buettner, C. (2013). History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*, 13(1), 1-12. Recuperado de <http://www.biomedcentral.com/1471-2458/13/821>
- Bosch, E., Ferrer, V. A., García, M. E., Ramis, M. C., Mas, M. C., Navarro, C., y Torrens, G. (2007). *Del mito romántico a la violencia contra las mujeres en la pareja*. Ministerio de Igualdad. Recuperado de http://www.migualdad.es/mujer/mujeres/estud_inves/770.pdf

- Bosch, F., Ferrer, P., V. A., Ferreiro, B. V., Navarro, G. C., Miguel, A. A., Miguel Álvarez, A., & Miguel Álvarez, A. (2013). *La violencia contra las mujeres: el amor como coartada* (1. ed.). Anthropos Editorial.
- Bonomi, A. E., Trabert, B., Anderson, M. L., Kernic, M. A., & Holt, V. L. (2014). Intimate partner violence and neighborhood income: A longitudinal analysis. *Violence against women*, 20(1), 42-58. Doi: <https://doi.org/10.1177/1077801213520580>
- Bonilla-Algovia, E., & Rivas-Rivero, E. (2020). Diseño y validación de la Escala de Mitos del Amor Romántico. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 4(57), 119-136. Doi: <https://doi.org/10.21865/RIDEP57.4.09>
- Brandt, M. J. (2011). Sexism and gender inequality across 57 societies. *Psychological science*, 22(11), 1413-1418. Doi: <https://doi.org/10.1177/0956797611420445>
- Brasil, Data Folha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2023). *Visível e invisível: A vitimização de mulheres no Brasil, 4º edição*. Recuperado de <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acessado em 12 de out. 2023.
- Breiding, M. J. (2015). Prevalence and characteristics of sexual violence, stalking, and intimate partner violence victimization-national intimate partner and sexual violence survey, United States, 2011. *American journal of public health*, 105(4). Recuperado de <https://www.proquest.com/docview/1667036353/fulltextPDF/54994242922B4C25PQ/1?accountid=14514>

- Brem, M. J., Florimbio, A. R., Elmquist, J., Shorey, R. C., & Stuart, G. L. (2018). Antisocial traits, distress tolerance, and alcohol problems as predictors of intimate partner violence in men arrested for domestic violence. *Psychology of violence*, 8(1), 132. <https://doi.org/10.1037/vio0000088>
- Bucheli, M., & Rossi, M. (2019). Attitudes toward intimate partner violence against women in Latin America and the Caribbean. *Sage Open*, 9(3). Doi: <https://doi.org/10.1177/2158244019871061>
- Capezza, N. M., & Arriaga, X. B. (2008). Factors associated with acceptance of psychological aggression against women. *Violence against women*, 14(6), 612-633. doi: <https://doi.org/10.1177/107780120831900>
- Capezza, N. M., & Arriaga, X. B. (2008). Why do people blame victims of abuse? The role of stereotypes of women on perceptions of blame. *Sex Roles*, 59, 839-850. doi: DOI 10.1007/s11199-008-9488-1
- Capezza, N. M., D'Intino, L. A., Flynn, M. A., & Arriaga, X. B. (2021). Perceptions of Psychological Abuse: The Role of Perpetrator Gender, Victim's Response, and Sexism. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(3-4), 1414-1436. DOI: 10.1177/0886260517741215
- Calton, J., & Cattaneo, L. B. (2014). The effects of procedural and distributive justice on intimate partner violence victims' mental health and likelihood of future help-seeking. *American Journal of Orthopsychiatry*, 84(4), 329-340. doi: <https://doi.org/10.1037/h0099841>
- Calvete, E., Estévez, A., & Corral, S. (2007). Trastorno por estrés postraumático y su relación con esquemas cognitivos disfuncionales en mujeres

- maltratadas. *Psicothema*, 19(3), 446–451. Recuperado de <https://reunido.uniovi.es/index.php/PST/article/view/8553>
- Carbonell Marqués, Á., & Mestre, M. V. (2019). Sexismo, amor romántico y desigualdad de género. Un estudio en adolescentes latinoamericanos residentes en España. *América Latina Hoy*, 83, 59-74. DOI: <https://doi.org/10.14201/alh2019835974>
- Carrascosa L, Cava MJ, Buelga S, de Jesus SN. Reduction of sexist attitudes, romantic myths, and aggressive behaviors in adolescents: Efficacy of the DARSI program. *Psicothema*, 31(2), 121-127. DOI: 10.7334/psicothema2018.245. PMID: 31013235.
- Cascales, J. (2015). El patriarcado contra los hombres: el mantenimiento de la categoría masculina en las nuevas masculinidades. En *I Congreso de Investigaciones Feministas en Transformación*, 1(1), 333–341. Recuperado de <https://roderic.uv.es/handle/10550/50587>
- Cava, M. J., Castillo, I., Buelga, S., & Tomas, I. (2023). Relationships among romantic myths, tolerant attitudes toward abuse, and teen dating violence victimization: the moderator role of gender. *Youth & Society*, 55(8), 1542-1567. <https://doi.org/10.1177/0044118X221119235>
- Chavero-Tapia, R. M. D. A. (2019). El amor romántico y sus consecuencias en la vida de las mujeres. *Con-Ciencia Boletín Científico de la Escuela Preparatoria No. 3*, 6(11). Recuperado de <https://repository.uaeh.edu.mx/revistas/index.php/prepa3/issue/archive>
- Cinquegrana, V., Marini, M., & Galdi, S. (2022). From endorsement of ambivalent sexism to psychological IPV victimization: the role of attitudes supportive of IPV,

legitimizing myths of IPV, and acceptance of psychological aggression. *Frontiers in psychology*, 13, 922814. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.922814>

Comissão Europeia. (2021). *Achievements in gender equality*. Recuperado de https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/policies/justice-and-fundamental-rights/gender-equality/gender-equality-strategy_en

Countryeconomy. (2022). *Índice global de diferença de gênero*. Recuperado de <https://pt.countryeconomy.com/demografia/indice-global-diferenca-genero>
Acessado em 12 de out. 2023.

Cuadrado-Gordillo, I., & Martín-Mora-Parra, G. (2022). Influence of cross-cultural factors about sexism, perception of severity, victimization, and gender violence in adolescent dating relationships. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 19(16), 10356. <https://doi.org/10.3390/ijerph191610356>

Dardis, C. M., Dixon, K. J., Edwards, K. M., & Turchik, J. A. (2015). An examination of the factors related to dating violence perpetration among young men and women and associated theoretical explanations: A review of the literature. *Trauma, Violence, & Abuse*, 16(2), 136-152. doi: <https://doi.org/10.1177/1524838013517559>

Deller, R. A., & Smith, C. (2013). Reading the BDSM romance: Reader responses to *Fifty Shades*. *Sexualities*, 16(8), 932-950. doi: <https://doi.org/10.1177/1363460713508882>

DeShong, H. A., & Haynes, T. (2016). Intimate partner violence in the Caribbean: State, activist and media responses. *Global Public Health*, 11(1-2), 82-94. Doi: <https://doi.org/10.1080/17441692.2015.1012529>

Dim, E. E., & Lysova, A. (2022). Male victims' experiences with and perceptions of the criminal justice response to intimate partner abuse. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(15-16), NP13067-NP13091.

<https://doi.org/10.1177/08862605211001476>

Eagly, A. H., & Mladinic, A. (1994). Are people prejudiced against women? Some answers from research on attitudes, gender stereotypes, and judgments of competence. *European review of social psychology*, 5(1), 1-35.

Doi: <https://doi.org/10.1080/14792779543000002>

Eagly, A. H., & Wood, W. (1999). The origins of sex differences in human behavior: Evolved dispositions versus social roles. *American Psychologist*, 54(6), 408–423.

Doi: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.54.6.408>

Echeburúa, E., & Muñoz, J.-M. (2016). Límites entre la violencia psicológica y la relación de pareja meramente disfuncional: implicaciones psicológicas y forenses. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 33(1), 18–25. doi:

<https://doi.org/10.6018/analesps.33.1.238141>

Fakunmoju, S. B., Abrefa-Gyan, T., Maphosa, N., & Gutura, P. (2021). Rape myth acceptance: Gender and cross-national comparisons across the United States, South Africa, Ghana, and Nigeria. *Sexuality & Culture*, 25, 18-38. Doi:

<https://doi.org/10.1007/s12119-020-09755-z>

Ferrer, V.A., Bosch, E., Navarro, C., Ramis, M.C. y García, M.E. (2008). El concepto de amor en España. *Psicothema*, 20(4), 589-595. Recuperado de

<https://www.redalyc.org/pdf/727/72720413.pdf>

Ferrer, V.A., Bosch, E., Navarro, C. y Ferreiro, V. (2010). El mito romántico de los celos y su aceptación en la sociedad española actual. *Apuntes de Psicología*, 28(3),

391-402. Recuperado de

<https://apuntesdepsicologia.es/index.php/revista/article/view/227>

Fisher, H. E., Xu, X., Aron, A., & Brown, L. L. (2016). Intense, passionate, romantic love: a natural addiction? How the fields that investigate romance and substance abuse can inform each other. *Frontiers in psychology*, 7, 687. Doi:

<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00687>

Flores, P., & Browne, R. (2017). Jóvenes y patriarcado en la sociedad TIC: Una reflexión desde la violencia simbólica de género en redes sociales. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 15(1), 147-160.

Doi: <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.1510804082016>

Follingstad, D. R. (2007). Rethinking current approaches to psychological abuse: Conceptual and methodological issues. *Aggression and Violent Behavior*, 12(4), 439-458. doi: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2006.07.004>

Follingstad, D. R., Rutledge, L. L., Berg, B. J., Hause, E. S., & Polek, D. S. (1990). The role of emotional abuse in physically abusive relationships. *Journal of family violence*, 5, 107-120. Recuperado de

<https://link.springer.com/article/10.1007/BF00978514>

Freedman, G., Williams, K. D., & Beer, J. S. (2016). Softening the blow of social exclusion: The responsive theory of social exclusion. *Frontiers in psychology*, 7, 1570. doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01570>

García-Díaz, V., Bringas, C., Fernández-Feito, A., Antuña, M. Á., Lana, A., Rodríguez-Franco, L., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2017). Tolerance and perception of abuse in youth dating relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 26(5), 462-474. doi: <https://doi.org/10.1080/10926771.2017.1304477>

- García, C. C., & Gimeno, M. C. M. (2017). Creencias del amor romántico y violencia de género. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 47-56. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/3498/349853220005.pdf>
- Gama, V. D., de Albuquerque Williams, L. C., & de Faria Brino, R. (2021). Saúde mental e transtorno de estresse pós-traumático em mulheres vítimas de violência entre parceiros íntimos. *Psicologia em Processo*, 1(1), 66-78. Recuperado de <http://www.psiemprocesso.periodikos.com.br/journal/psiemprocesso/article/6091a9cfa953950da0767a83>
- Garcia-Moreno, C., Jansen, H. A., Ellsberg, M., Heise, L., & Watts, C. H. (2006). Prevalence of intimate partner violence: findings from the WHO multi-country study on women's health and domestic violence. *The lancet*, 368(9543), 1260-1269. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(06\)69523-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(06)69523-8)
- Gius, C., & Lalli, P. (2014). 'I Loved Her so Much, But I Killed Her' Romantic Love as a Representational Frame for Intimate Partner Femicide in Three Italian Newspapers ('Je L'Aimais Tellement Que Je L'Ai Tuée'. L'Amour Romantique Comme Cadre De La Représentation Du Fémicide Par Le Partenaire Dans La Presse Italienne). *Three Italian Newspapers, ESSACHESS-Journal for Communication Studies*, 7(2), 14. Recuperado de https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2548165
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. Doi: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>

- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An ambivalent alliance: Hostile and benevolent sexism as complementary justifications for gender inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109–118. Doi:<https://doi.org/10.1037/0003-066X.56.2.109>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2011). Ambivalent sexism revisited. *Psychology of women quarterly*, 35(3), 530-535. Doi: <https://doi.org/10.1177/0361684311414832>
- Governo da Espanha, Ministerio de Igualdade. (2019). *MACROENCUESTA DE VIOLENCIA*. Recuperado de https://violenciagenero.igualdad.gob.es/violenciaEnCifras/macroencuesta2015/pdf/Macroencuesta_2019_estudio_investigacion.pdf
- Hammock, G. S., Richardson, D. S., Williams, C., & Janit, A. S. (2015). Perceptions of psychological and physical aggression between heterosexual partners. *Journal of Family Violence*, 30, 13-26. doi:10.1007/s10896-014-9645-y
- Harris, P. L. (1991). The work of the imagination. In A. Whiten (Ed.), *Natural theories of mind: Evolution, development and simulation of everyday mindreading*. Basil Blackwell. 283–304.
- Hatfield, E., Schmitz, E., Cornelius, J., & Rapson, R. L. (1988). Passionate love: How early does it begin?. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 1(1), 35-51. Doi: https://doi.org/10.1300/J056v01n01_04
- Hefner, V., & Wilson, B. J. (2013). From love at first sight to soul mate: The influence of romantic ideals in popular films on young people's beliefs about relationships. *Communication Monographs*, 80(2), 150-175. Doi: <https://doi.org/10.1080/03637751.2013.776697>

- Herrera, C. (2010). *La construcción sociocultural del amor romántico*. Editorial Fundamentos.
- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (2005). Social justice and the clash of cultures. *Psychological Inquiry*, 16(4), 172-175. Doi: 10.1207/s15327965pli1604_06
- Heise, L., et al. (2019). Gender inequality and restrictive gender norms: framing the challenges to health. *The Lancet*, 393(10189), 2440-2454. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(19\)30652-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(19)30652-X)
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. D. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: ciência e profissão*, 23, 58-69.
Doi: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100009>
- IBGE, Pesquisa Nacional de Saúde. (2021). *Violência atingiu 29,1 milhões de pessoas em 2019; mulheres, jovens e negros são as principais vítimas*. Recuperado de <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30658-violencia-atingiu-29-1-milhoes-de-pessoas-em-2019-mulheres-jovens-e-negros-sao-as-principais-vitimas#:~:text=Vítimas%20de%20violência%20psicológica%20correspondem,ou%20mais%20-%20sofreram%20violência%20psicológica>
- Jiménez Fernández, A. (2021). *Mitos del amor romántico: Prevención e intervención en adolescentes*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Facultad de Ciencias de la Educación.
- Jimenez-Picon, N., Romero-Martin, M., Romero-Castillo, R., Palomo-Lara, J. C., & Alonso-Ruiz, M. (2023). Internalization of the romantic love myths as a risk factor

for gender violence: A systematic review and meta-analysis. *Sexuality Research and Social Policy*, 20(3), 837-854.

Karandashev, V., & Evans, N. D. (2019). Quadrangular love theory and scale: Validation and psychometric investigation. *Journal of Methods and Measurement in the Social Sciences*, 10(1), 1-35. Doi: <https://doi.org/10.2458/v10i1.23520>

Karandashev, V. (2019). Idealization and Romantic Beliefs in Love. In: *Cross-Cultural Perspectives on the Experience and Expression of Love*. Springer, Cham.
https://doi.org/10.1007/978-3-030-15020-4_4

Kandya, S. (2021). Secondary victimization of women in rape cases – An analysis. *International. Journal of Law Management & Humanities*, 4(4).

Keita, D. (2022). *The impact of ambivalent sexism on the perceived level of abuse of coercive and controlling behaviours* (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia). University of Twente. Enschede.

Kelley Jr, J. E., & Walker, M. R. (1959). Critical-path planning and scheduling. *Proceedings of the Eastern Joint Computer Conference*, 59, 160-173.
Doi: <https://doi.org/10.1145/1460299.1460318>

Kelly, L. & Westmarland, N. (2015). Domestic violence perpetrator programmes: steps towards change. *Project Mirabal Final Report*. London and Durham: London Metropolitan University and Durham University. Recuperado de <https://anrows.intersearch.com.au/anrowsjspui/bitstream/1/20091/1/ProjectMirabalfinalreport.pdf>

- Knox, D. H., & Sparakowski, M. J. (1968). Attitudes of college students toward love. *Journal of Marriage and the Family*, 30(4), 638-642. Doi: <https://doi.org/10.2307/349508>
- Laing, L. (2017). Secondary victimization: Domestic violence survivors navigating the family law system. *Violence Against Women*, 23(11), 1314-1335. DOI: 10.1177/1077801216659942
- Lee, L. O. F. (1973). *The romantic generation of modern Chinese writers*. Harvard University Press.
- Leal, A. (2007). Nuevos tiempos, viejas preguntas sobre el amor. Un estudio con adolescentes. *Revista de Posgrado y Sociedad*, 7(2), 50-70. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3662521>
- Leite, A. N. R. (2017). Abuso psicológico em relacionamentos conjugais: o uso da internet como busca de apoio emocional. (Trabalho de Conclusão de Curso). PUC-SP. Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. São Paulo. Recuperado de <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/30191>
- Leite, F. M. C., Luis, M. A., Amorim, M. H. C., Maciel, E. L. N., & Gigante, D. P. (2019). Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 22. Doi: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190056>
- Lelaurain, S., Fonte, D., Graziani, P., & Lo Monaco, G. (2018). Les représentations sociales associées à la violence conjugale: de la psychologisation à la légitimation des violences. *Les cahiers internationaux de psychologie sociale*, (3), 211-233. doi: 10.3917/cips.119.0211

Lelaurain, S., Fonte, D., Giger, J. C., Guignard, S., & Lo Monaco, G. (2021).

Legitimizing intimate partner violence: The role of romantic love and the mediating effect of patriarchal ideologies. *Journal of interpersonal violence*, 36(13-14), 6351-6368. Doi: <https://doi.org/10.1177/088626051881842>

Linhares, L. V. (2021). *Blaming the victim of sexual violence: an analysis of the combination of the characteristics of the victim and the observer*. (Tese de doutorado) Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social.

Loureto, G. D. L., da Silva, B. N., & Gouveia, V. V. (2022). Amor romântico evolutivo: o continuum rápido-lento do amor. *Revista Psicologia em Pesquisa*, 16(3), 1-24. DOI: <https://doi.org/10.34019/1982-1247.2022.v16.32124>

Lucena, K. D. T., Deininger, L. D. S. C., Coelho, H. F. C., Monteiro, A. C. C., de Toledo Vianna, R. P., & do Nascimento, J. A. (2016). Analysis of the cycle of domestic violence against women. *Journal of Human Growth and Development*, 26(2), 139-146. doi: <https://doi.org/10.7322/jhgd.119238>

Luzón, J. M., Ramos, E., Recio, P., y de la Peña, E. M. (2011). *Factores de riesgo y de protección en la prevención contra la violencia de género en la pareja. Un estudio de investigación en la población adolescente andaluza*. Recuperado de <http://www.fundacionmujeres.es/img/Document/15656/documento.pdf>.

Masci, B. S. F., & Sanderson, S. (2017). Perceptions of psychological abuse versus physical abuse and their relationship with mental health outcomes. *Violence and victims*, 32(2), 362-376. doi: 10.1891/0886-6708.VV-D-15-00180

- Marcos, V., Gancedo, Y., Castro, B., & Selaya, A. (2020). Dating violence victimization, perceived gravity in dating violence behaviors, sexism, romantic love myths and emotional dependence between female and male adolescents. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 11(2), 132-145. Doi: 10.23923/j.rips.2020.02.040
- Marques-Fagundes, A. L., Megías, J. L., García-García, D. M., & Petkanopoulou, K. (2015). Ambivalent sexism and egalitarian ideology in perception of psychological abuse and (in) vulnerability to violence/Sexismo ambivalente e ideología igualitaria en la percepción del maltrato psicológico y la (in) vulnerabilidad a la violencia. *Revista de Psicología Social*, 30(1), 31-59. Doi: <https://doi.org/10.1080/02134748.2014.991519>
- Marquet, J. (2009). L'amour romantique à l'épreuve d'Internet 1. *Dialogue*, (4), 11-23. Recuperado de <https://www.cairn.info/revue-dialogue-2009-4-page-11.htm>
- Martín-Peña, J., Rodríguez-Carballeira, Álvaro, Escartín Solanelles, J., Porrúa García, C., & Willem Winkel, F. (2010). Strategies of psychological terrorism perpetrated by ETA's network: Delimitation and classification. *Psicothema*, 22(1), 112–117. Recuperado de <https://reunido.uniovi.es/index.php/PST/article/view/9009>
- Mármol-Martín, I., Mena-Vega, S., & Rebollo-Bueno, S. (2018). El amor romántico en los productos audiovisuales de ficción. *Admira: Revista de Análisis de Medios, Imágenes y Relatos Audiovisuales*, 6, 52-81. Doi: <https://hdl.handle.net/11441/79540>
- Martins-Silva, P. D. O., Trindade, Z. A., & Silva Junior, A. D. (2013). Teorias sobre o amor no campo da Psicologia Social. *Psicologia: ciência e profissão*, 33, 16-31.

Recuperado de

<https://www.scielo.br/j/pcp/a/5JMDBw5ZhbQx7yddL4nb7tS/?format=pdf&lang=pt>

- Melander, L. A. (2010). College students' perceptions of intimate partner cyber harassment. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, 13(3), 263-268. doi: <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0221>
- Mellor, A. K. (2013). *Romanticism and gender*. Routledge.
- Moya, M., Exposito, F., & Casado, P. (1999). Women's reactions to hostile and benevolent sexist situations. In *22nd General Meeting of the European Association of Experimental Social Psychology, Oxford, England*.
- Muñoz-Rivas, M., J., Graña, J. L., & González, M. P. (2011). Abuso psicológico en parejas jóvenes. *Psicología Conductual*, 19(1), 117-131. Recuperado de <https://login.bucm.idm.oclc.org/login?url=https://www.proquest.com/scholarly-journals/abuso-psicológico-en-parejas-jóvenes/docview/927743564/se-2>
- Nava-Reyes, M. A., Rojas-Solís, J. L., Greathouse, L. M., & Morales, L. (2018). Gender roles, sexism and myths of romantic love in Mexican adolescents. *The Interamerican Journal of Psychology*, 52(1), 102-111. Recuperado de <https://www.aacademica.org/dr.jose.luis.rojas.solis/35.pdf>
- Navarro-Góngora, J., Navarro-Abad, E., Vaquero, E., & Carrascosa, A. M. (2004). *Manual de peritaje sobre malos tratos psicológicos*. Valladolid: Junta de Castilla y León.

- Nisar, S., et al. (2021). Ambivalent sexism towards women and acceptance of rape myths among university students. *Saudi Journal of Humanities and Social Sciences*, 6(2), 90-95. DOI: 10.36348/sjhss.2021.v06i02.007
- Organização Mundial da Saúde (OMS). (2021). *Violence against women, 2018 estimates*. Recuperado de <https://who.canto.global/pdfviewer/viewer/viewer.html?share=share%2Calbum%2CKDE1H&column=document&id=u41b2j9qv57ghfgdmd0ad7e6n&suffix=pdf&print=1>. Acessado em 12 de out. 2023.
- Pedruzzi, P. F., & Garcia, A. (2021). Violência contra a mulher por parceiro íntimo: contextos online e offline. *Interação em Psicologia*, 25(2). 144-154. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/riep.v25i2.72061>
- Pérez, V. F., & Fiol, E. B. (2013). Del amor romántico a la violencia de género. Para una coeducación emocional en la agenda educativa. Profesorado. *Revista de curriculum y formación de profesorado*, 17(1), 105-122. Recuperado de <https://www.redalyc.org/pdf/567/56726350008.pdf>
- Pilão, A. C. (2017). *Por que somente um amor?": um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil* (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Piñeiro, Y., Piñuela, R., & Yela, C. (2022). EMRO: Una herramienta de evaluación de los mitos románticos. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación-e Avaliação Psicológica*, 1(62), 137. Recuperado de <https://www.redalyc.org/journal/4596/459671925012/html/>

- Pomeroy, S. B. (1975). *Goddesses, whores, slaves: Women in classical antiquity*. New York: Schocken Books Pomeroy Goddesses, whores, slaves: Women in classical antiquity 1975.
- Reis, H. T., & Rusbult, C. E. (Eds.). (2004). *Close relationships: Key readings*. Psychology Press.
- Renzetti, C. M., Lynch, K. R., & DeWall, C. N. (2018). Ambivalent sexism, alcohol use, and intimate partner violence perpetration. *Journal of Interpersonal Violence*, 33(2), 183-210. Doi: <https://doi.org/10.1177/0886260515604412>
- Riveira, C. (2020). *Governo da Espanha proíbe salários diferentes para homens e mulheres*. Exame. Recuperado de <https://exame.com/mundo/governo-da-espanha-proibe-salarios-diferentes-para-homens-e-mulheres/>
- Rodríguez Enríquez, C. M. (2015). Economía feminista y economía del cuidado: Aportes conceptuales para el estudio de la desigualdad. *Nueva Sociedad*, 1-15. Recuperado de <http://hdl.handle.net/11336/47084>
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16(2), 265–273. Doi: <https://doi.org/10.1037/h0029841>
- Sánchez-Hernández, M. D., Herrera-Enríquez, M. C., & Expósito, F. (2020). Controlling behaviors in couple relationships in the digital age: Acceptability of gender violence, sexism, and myths about romantic love. *Psychosocial Intervention. Ahead of print*, 29(2), 67-81. Doi: <https://doi.org/10.5093/pi2020a1>
- Sarasua, B., Zubizarreta, I., Echeburúa, E., & De Corral, P. (2007). Perfil psicopatológico diferencial de las víctimas de violencia de pareja en función de la

edad. *Psicothema*, 19(3), 459-466. Recuperado de
<https://www.redalyc.org/pdf/727/72719316.pdf>

Schlösser, A. (2014). Interface entre saúde mental e relacionamento amoroso: um olhar a partir da psicologia positiva. *Pensando familias*, 18(2), 17-33. Doi:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a03.pdf>

Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal relationships*, 5(4), 473-501. Doi:
<https://doi.org/10.1177/0265407588054005>

Sidanius, J., Pratto, F., & Bobo, L. (1994). Social dominance orientation and the political psychology of gender: A case of invariance? *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 998–1011. Doi: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.6.998>

Sobrino-De Toro, I., Labrador-Fernández, J., & De Nicolás, V. L. (2019). Generational diversity in the workplace: Psychological empowerment and flexibility in Spanish companies. *Frontiers in psychology*, 10, 1953. Doi: 10.3389/fpsyg.2019.01953

Spitzberg, B. H., & Cupach, W. R. (2014). *The dark side of relationship pursuit: From attraction to obsession and stalking*. Routledge.

Sprecher, S., & Metts, S. (1989). Development of the Romantic Beliefs Scale and examination of the effects of gender and gender-role orientation. *Journal of Social and Personal relationships*, 6(4), 387-411. Doi:
<https://doi.org/10.1177/0265407589064001>

Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135. Doi: <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>

- Sternberg, R. J. (1998). *Cupid's arrow: The course of love through time*. Cambridge University Press.
- Tavris, C., & Wade, C. (1984). *The longest war: Sex differences in perspective*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Vissing, Y. M., Straus, M. A., Gelles, R. J., & Harrop, J. W. (1991). Verbal aggression by parents and psychosocial problems of children. *Child abuse & neglect*, 15(3), 223-238. doi: [https://doi.org/10.1016/0145-2134\(91\)90067-N](https://doi.org/10.1016/0145-2134(91)90067-N)
- Vives-Cases, C., Sanz-Barbero, B., Ayala, A., Pérez-Martínez, V., Sánchez-SanSegundo, M., Jaskulska, S., ... & Davó-Blanes, M. C. (2021). Dating violence victimization among adolescents in Europe: Baseline results from the lights4violence project. *International journal of environmental research and public health*, 18(4), 1414. Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph18041414>
- Walby, S., & Towers, J. (2018). Untangling the concept of coercive control: Theorizing domestic violent crime. *Criminology & criminal justice*, 18(1), 7-28. Doi: <https://doi.org/10.1177/1748895817743541>
- Wilson, J. M., & Smirles, K. (2022). College students' perceptions of intimate partner violence: The effects of type of abuse and perpetrator gender. *Journal of interpersonal violence*, 37(1-2), 172-194. doi: <https://doi.org/10.1177/0886260520908025>
- Yela, C. (2003): La otra cara del amor: mitos, paradojas y problemas. Encuentros en Psicología Social, 1(2), 263-267. Recuperado de https://www.researchgate.net/publication/364699134_La_otra_cara_del_amor_mitos_paradojas_y_problemas_Encuentros_en_Psicologia_Social_2003_1_2_263-267

- Yela, C. (2006). The evaluation of love. *European Journal of Psychological Assessment*, 22(1), 21-27. Doi: <https://doi.org/10.1027/1015-5759.22.1.21>
- Zapata-Calvente, A. L., Megías, J. L., Moya, M., & Schoebi, D. (2019). Gender-related ideological and structural macrosocial factors associated with intimate partner violence against European women. *Psychology of women quarterly*, 43(3), 317-334. Doi: <https://doi.org/10.1177/0361684319839367>
- Zweig, J. M., Lachman, P., Yahner, J., & Dank, M. (2014). Correlates of cyber dating abuse among teens. *Journal of youth and adolescence*, 43(8), 1306-1321. doi: <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0047-x>
-

APÊNDICES

RESULTADOS PSICOMÉTRICOS DA ADEQUAÇÃO ESTRUTURAL E ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL DA ESCALA DE MITOS ROMÂNTICOS (EMRO)

MÉTODO

Participantes

A amostra foi composta por 214 estudantes universitários, que tinham em média 22.4 anos (DP=3.89), variando de 18 a 55 anos. A maioria do sexo feminino 54.7%, quanto ao estado civil, 53.7% declararam estar solteiros, 32.7% namorando, 6.5% casados, 4.7% noivos, 1.4% ficando sério, e .5% divorciados e .5% ficando nada sério. No que diz respeito a orientação sexual, 69.6% eram heterossexuais, 16.5% bissexuais, 7.5% homossexuais, 2.8% lésbicas, 2% declararam não saber qual sua orientação sexual, 1.4% disseram ter outro tipo de orientação sexual e .5% eram assexuais. Quanto a renda financeira, 64% declararam estar na média, 18.7% abaixo da média, 13.6% acima da média, 2% muito abaixo da média e 1.4% muito acima da média.

Instrumentos

Os participantes responderam a versão traduzida da Escala de Mitos Românticos (EMRO; Piñeiro, Piñuela & Yela, 2021), e um questionário sociodemográfico contendo perguntas sobre idade, gênero, etnia, orientação sexual e nível de religiosidade.

Uma preocupação dos estudos psicométricos é variação de pontuações atribuídas em escalas do tipo Likert. Para Simms et al. (2019), o ideal é uma variação de seis a sete itens indo de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. Essa abrangência de níveis de concordância seria suficiente para obter resultados psicometricamente significativos sem que haja uma atenuação entre as respostas. Dessa forma, optou-se pelo uso de uma escala de respostas com sete itens variando de 1 = “discordo totalmente” a 7 = “concordo totalmente”.

Procedimentos

O estudo seguiu as recomendações éticas descritas na Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba, recebendo parecer favorável (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 12940919.8.0000.5188).

Inicialmente se deu a tradução do instrumento por dois pesquisadores bilíngues que traduziram os itens, instruções e escala de resposta da EMRO do espanhol para o português. Eles procuraram manter os significados que cada item expressava. Em seguida, um terceiro pesquisador bilíngue realizou a tradução reversa do português para o espanhol. Ambas as versões em espanhol (a original e a proveniente da tradução reversa) foram confrontadas, não sendo verificado nenhum problema de tradução da escala. Assim, não houve necessidade de qualquer alteração na versão em português. Por fim, dois estudantes de pós-graduação em psicologia social realizaram a validação semântica da escala, procurando verificar se os itens e a escala de resposta eram compreensíveis. Este procedimento não demandou alterações importantes.

Tendo esta pesquisa se inserido na proposta geral do projeto de pesquisa, bem como recebido um parecer favorável do Comitê de Ética, deu início a coleta de dados por meio de questionários impressos, assegurando o anonimato e a confidencialidade das respostas aos colaboradores. Os participantes levaram em média 20 minutos para concluir sua participação ao estudo e todos responderam ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*.

Procedimentos de Análise dos Dados

Foram realizadas análises descritivas e análises de consistência interna usando o *software* SPSS (Versão 23). Também foi realizada uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) com o objetivo de avaliar a estrutura fatorial da Escala de Cultura de Honra (ECH; Lopez-Zafra, 2007). Para isso foi utilizado o *software Factor Analysis* em sua

versão de 2021 (Lorenzo-Seveza & Ferrando, 2021). A análise utilizou uma matriz de correlação policórica e o método de extração *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) (Asparouhov & Muthen, 2010). A decisão sobre o número de fatores a ser retido baseou-se na Análise Paralela com permutação aleatória dos dados observados (Timmerman, & Lorenzo-Seva, 2011) e a rotação utilizada foi a *Robust Promin* (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2019c).

A adequação do modelo foi avaliada por meio dos índices de ajuste: razão χ^2 , *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA), *Comparative Fit Index* (CFI) e *Tucker-Lewis Index* (TLI). De acordo com a literatura (Brown, 2006), os valores de χ^2 devem ser entre dois e três, admitindo-se até cinco. Os valores de RMSEA devem ser menores que .08, e valores de CFI e TLI devem ser acima de 0,90 (preferencialmente maiores que .95). Por fim, foi feita uma comparação com outros modelos, empregaram-se o teste da diferença entre os qui-quadrados (χ^2) e graus de liberdade (gl) dos modelos respectivos [$\Delta \chi^2(\text{gl})$], penalizando aquele com maior χ^2 .

A estabilidade dos fatores foi avaliada por meio do índice H, que avalia quão bem um conjunto de itens representa um fator comum (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Os valores de H variam de 0 a 1. Valores altos (> 0.80) sugerem uma variável latente bem definida, mais provável de ser estável em diferentes estudos. Valores baixos sugerem uma variável latente mal definida, e provavelmente instável entre diferentes estudos (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018). Além disso, também foi verificado o alfa de Cronbach de cada fator do instrumento.

Resultados

Análise fatorial exploratória e evidências de adequação do modelo fatorial

Os testes de esfericidade de Bartlett ($\chi^2 (465) = 2277.6, p < .001$) e Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) = 0.87 sugeriram a interpretabilidade da matriz de correlação dos itens. Estimou-se uma estrutura de quatro fatores, cujas variâncias explicadas foram de 37.80, 7.11, 6.36 e 4.66. Quando contrastados estes valores aos quatro primeiros obtidos na Análise Paralela (6.98, 6.49, 6.12 e 5.81) demonstrou que o modelo fatorial mais adequado é de três fatores, pois os valores próprios observados foram preponderantes em relação aos simulados. Com isso, uma nova análise fatorial foi realizada, agora solicitando a extração de 3 fatores.

As cargas fatoriais dos itens podem ser observadas na Tabela 1. Também são reportados os índices de alfa de Cronbach, bem como estimativas de replicabilidade dos escores fatoriais (H-index; Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Tabela 1.*Estrutura fatorial da Escala de Mitos Românticos (EMRO).*

Itens	Fator I	Fator II	Fator III
Romanticismo			
1. Em algum lugar existe alguém com quem me encaixaria perfeitamente (sua Metade da laranja ou Alma gêmea).	.533	.349	-.220
2. O amor verdadeiro pode tudo.	.109	.608	.024
3. Meus sentimentos amorosos só dizem respeito a mim e a pessoa que amo.	.317	.286	-.245
4. Apaixonar-se à primeira vista torna mais provável que a relação tenha êxito no futuro.	.000	.705	.030
5. O amor é cego e responde a motivos que o ser humano não é capaz de compreender.	.152	.498	-.091
6. Se eu encontrar meu/minha parceiro(a) ideal, tudo será perfeito em nossa relação.	-.022	.707	.044
7. O amor verdadeiro presume olhar o(a) parceiro(a) nos olhos e saber o que ele/ela está pensando e sentindo.	.443	.305	.079
8. Amor e ódio são duas caras da mesma moeda, entre um e outro tem apenas um passo.	.143	.271	.042
9. Como diz o ditado, os opostos se atraem porque se completam.	.031	.558	-.009
10. “Casal” é algo natural. Em todas as épocas e culturas o ser humano tem buscado um/a parceiro(a).	.420	-.180	.316
Tradição e Abnegação			
11. Se uma pessoa faz sexo com uma pessoa que não seja seu/sua parceiro(a) é porque não o(a) ama de verdade.	.702	-.125	.045
12. Não é possível estar apaixonado por duas pessoas ao mesmo tempo.	.716	-.161	.128
13. No fundo, “amar” e estar “apaixonado” são a mesma coisa: não se pode amar de verdade sem estar apaixonado.	.141	.243	.104
14. O amor romântico deve levar ao casamento/convivência.	.847	-.104	-.042
15. Uma relação amorosa verdadeira deve durar a vida toda.	.951	-.009	-.102
16. A paixão, se for verdadeira, durará a vida toda.	.595	.358	-.076
17. Amor e sexo são duas caras da mesma moeda porque o sexo é muito melhor quando há amor.	.642	-.070	-.064
18. Se ama de verdade a seu(sua) parceiro(a), você não se importa de mudar seus hábitos, interesses ou forma de ser para agradá-lo(a).	.400	.043	.140

19. Se for amor verdadeiro, deve apoiar seu(sua) parceiro(a) aconteça o que acontecer, em qualquer coisa que ele(a) faça.	.414	.210	-.009
20. Em uma relação amorosa deve-se tentar completar em tudo o(a) seu(a) parceiro(a).	.366	.277	.129
21. Amor e sacrifício andam de mãos dadas, assim deve-se renunciar parcialmente a sua intimidade, seu espaço, seus hobbies etc.	.427	-.071	.188
22. Se existe amor verdadeiro, não deve existir segredos entre o casal, por menor que seja.	.711	-.051	.058
23. Acredito que tenho que perdoar meu(minha) parceiro(a) por qualquer erro que possa cometer, pois alguém que te ama nunca te faria mal intencionalmente.	.028	.301	.370
24. Se alguém te quer de verdade estará disponível para você a qualquer momento.	.066	.347	.328
Posse			
25. As mulheres são atraídas por homens dominadores.	-.042	.027	.708
26. A realização/felicidade de um homem depende em grande parte de sua união com alguém que ele possa cuidar e proteger.	.071	-.127	1.003
27. A realização/felicidade da mulher depende em grande parte de sua união com alguém que lhe cuide e proteja.	.124	-.154	.986
28. Em geral, garotas são atraídas por homens que lhes magoam porque eles tendem a ser mais sedutores.	-.369	.177	.783
29. Quando se está apaixonado é normal dizer “você é meu(minha)” e “eu sou seu/sua”.	.037	.054	.443
30. Estar com alguém é algo fundamental para dar sentido à vida.	-.091	.129	.624
31. No fundo, o ciúme é um sinal de amor, pois se não existe ciúmes não há amor verdadeiro.	-.009	.134	.510
Quantidade de Itens	10	5	6
Alfa de Cronbach	.62	.65	.70
H-latent	.93	.83	.99
H-observed	1.00	.85	.98

Os itens apresentaram cargas fatoriais adequadas, variando de 0.31 (item 3) a 1.00 (item 26). Os itens 8 (*Amor e ódio são duas caras da mesma moeda, entre um e outro tem apenas um passo*) e 13 (*No fundo, “amar” e estar “apaixonado” são a mesma coisa: não se pode amar de verdade sem estar apaixonado*) foram descartados, já que não atenderam ao critério de saturação de .30.

Além disso, o item 1 (*Em algum lugar existe alguém com quem me encaixaria perfeitamente (sua Metade da laranja ou Alma gêmea)*; F1: .533, F2: .349, F3: -.220), 7 (*O amor verdadeiro presume olhar o(a) parceiro(a) nos olhos e saber o que ele/ela está pensando e sentindo*; F1: .443, F2: .305, F3: .079), 10 (*“Casal” é algo natural. Em todas as épocas e culturas o ser humano tem buscado um/a parceiro(a)*; F1: .420, F2: -.180, F3: .316), 16 (*A paixão, se for verdadeira, durará a vida toda.*), 23 (*Acredito que tenho que perdoar meu(minha) parceiro(a) por qualquer erro que possa cometer, pois alguém que te ama nunca te faria mal intencionalmente*; F1: .595, F2: .358, F3: -.076) 24 (*Se alguém te quer de verdade estará disponível para você a qualquer momento*; F1: .066, F2: .347, F3: .328) e 28 (*Em geral, garotas são atraídas por homens que lhes magoam porque eles tendem a ser mais sedutores.* F1:-.369, F2: .177, F3: .783), também foram descartados, já que apresentaram cargas fatoriais cruzadas. Assim, a nova versão do instrumento passou a ser composta por 21 itens.

A consistência interna dos itens foi adequada (acima de .60; Pasquali, 2003), a medida de replicabilidade da estrutura fatorial (H-index, Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018) foi satisfatória para os 3 fatores ($H > .80$). Por fim, cabe destacar que a estrutura fatorial apresentou índices de ajuste adequados para o modelo tetrafatorial, igualmente quando comparado a outros modelos fatoriais. Estes dados estão ilustrados na Tabela 2. ($\chi^2 = 336.501$, $gl = 375$; $p = .923$; RMSEA = .025; CFI = .996; TLI = .995).

Tabela 2

Índices de ajustes para os modelos unifatorial, bifatorial e tetrafatorial.

Modelo	$\chi^2 (gl), p$	$\chi^2/$ <i>gl</i>	CFI	TLI	RMSEA (IC90%)	$\Delta\chi^2$
Unifatorial	812.626 (434), .00	1.87	.96	.96	.06 (.050;.080)	
Bifatorial	548.891 (404), .00	1.35	.98	.98	.04 (.10;.50)	263.735(30)**
Tetrafatorial	336.501 (375), .92	.89	.99	.99	.02 (.010;.050)	476.125(59)**

Deste modo, o fator 1 compreendido como “*Tradição e Abnegação*” agrupou 10 itens, 3, 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21 e 22 que originalmente eram atribuídos a fatores separados, entretanto, estes itens se agruparam em um único fator, por esta razão este fator recebe o nome dos mitos os quais representavam a princípio. Este fator agrupou os itens que expressão a crença do amor como uma tradição, que envolve rituais românticos como o casamento, bem como a abnegação, ou seja, a dedicação total e exclusividade ao parceiro romântico.

O fator 2 denominado de “*Romanticismo*”, foi composto por 5 itens, 2, 4, 5, 6 e 9. Esta dimensão compreende as crenças místicas sobre o poder do amor, percebendo-o como algo inato e inexplicável, a ideia da paixão como sinônimo do amor.

Por fim, o fator 3 denominado de “*Posse*”, compreende 6 itens, 25, 26, 27, 29, 30 e 31. Este fator representa os mitos do amor como exclusividade e posse, onde estão inseridos o ciúme e comportamentos controladores como demonstração de afeto e cuidado.